

VIOLÊNCIA LETAL

CONTRA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO BRASIL



Julio Jacobo Waiselfisz

VIOLÊNCIA LETAL

CONTRA AS CRIANÇAS E ADOLESCENTES DO BRASIL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Dilma Rousseff

Presidenta da República Federativa do Brasil

Michel Temer

Vice-Presidente da República Federativa do Brasil

Pepe Vargas

Ministro de Estado Chefe da Secretaria de Direitos Humanos
da Presidência da República

Gerson Luis Ben

Secretário-Executivo da Secretaria de Direitos Humanos
da Presidência da República

Angelica Goulart

Secretária Nacional de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente
da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

Rodrigo Torres de Araújo Lima

Diretor do Departamento de Políticas Temáticas dos Direitos da Criança e do
Adolescente da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

FACULDADE LATINO AMERICANA DE CIÊNCIAS SOCIAIS – SEDE BRASIL

Salete Sirlei Valesan Camba

Diretora da Faculdade Latino Americana de Ciências Sociais-Sede Brasil

André Lazaro

Coordenador Acadêmico da Faculdade Latino Americana de Ciências
Sociais-Sede Brasil

Julio Jacobo Waiselfisz

Coordenador do Programa de Estudos sobre a Violência da Faculdade Latino
Americana de Ciências Sociais – Sede Brasil

EDITORIAL

Autor: Julio Jacobo Waiselfisz

Assistente: Silvia Andrade Magnata da Fonte

Revisão Editorial: Cássia Janeiro

Diagramação: Njobs Comunicações

Impressão: Artecór Gráfica e Editora Ltda.

Ficha Catalográfica

J94 Waiselfisz, Julio Jacobo
 Violência Letal Contra As Crianças E Adolescentes Do Brasil /
 Julio Jacobo Waiselfisz. – 2015.
 148 f. : il.

 ISBN 978-85-60379-33-0

 Relatório de pesquisa – Faculdade Latino-Americana de
 Ciências Sociais (Flacso), Brasil, 2015.

 1. Violência. 2. Crianças. 3. Jovens. I. Título.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
1. Notas técnicas: as fontes	7
2. Histórico das causas de mortalidade de crianças e adolescentes	11
3. Mortalidade por acidentes de transporte	19
3.1. Evolução e estrutura da mortalidade.....	19
3.2. Nas Unidades Federativas	23
3.3. Nas capitais	27
3.4. Nos municípios	31
3.5. Estatísticas internacionais.....	35
4. Suicídios	43
4.1. Evolução na década 2003/2013	43
4.2. Nas Unidades Federativas	45
4.3. Nas capitais	48
4.4. Nos municípios	51
4.5. Estatísticas internacionais.....	55
5. Homicídios.....	59
5.1. Incidência diferencial dos homicídios	59
5.2. Homicídios nas Unidades Federativas.....	64
5.3. Homicídios nas capitais.....	74
5.4. Nos municípios	86
5.5. Estatísticas Internacionais	90
5.6. Características dos homicídios	97
5.6.1. Os instrumentos utilizados	97
5.6.2. Sexo das vítimas	103
5.7. A cor dos homicídios	106
6. Atendimento por violências no SUS	113
6.1. Notas Introdutórias	113
6.2. Violências notificadas por Unidade Federativa	115
6.3. Tipos de violência segundo idades	120
6.4. Local da Agressão	123
6.5. Perfil do Agressor.....	124
6.6. Reincidência e encaminhamento	128
6.7. Lesões provocadas	130
7. Considerações finais.....	133
Lista de tabelas e gráficos	141

INTRODUÇÃO

Um dos alicerces de nossa moderna convivência civilizada, acordada entre diversos países em 1948, em um mundo que estava tentando superar os horrores da Segunda Guerra Mundial, é a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Nela, se estabelece, em seu art. 3º, que *“todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal”*; em seu art. 5º, adiciona que *“ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes”*.

Se esse princípio é válido para o conjunto da humanidade, poucos anos mais tarde, em 1959, foi promulgada a Declaração Universal dos Direitos da Criança, na qual se estabelece a necessidade *“de proteção e cuidados especiais, inclusive proteção legal apropriada, antes e depois do nascimento”*. Sob essa ótica, a *“Assembleia Geral proclama esta Declaração dos Direitos da Criança, visando que a criança tenha uma infância feliz e possa gozar, em seu próprio benefício e no da sociedade, os direitos e as liberdades aqui enunciados (...) a criança gozará proteção social e ser-lhe-ão proporcionadas oportunidades e facilidades, por lei e por outros meios, a fim de lhe facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, de forma sadia e normal e em condições de liberdade e dignidade (...) a criança figurará, em quaisquer circunstâncias, entre os primeiros a receber proteção e socorro (e) gozará de proteção contra quaisquer formas de negligência, crueldade e exploração”*.

Nessa mesma linha, a Constituição Federal estipula, em seu art. 227, que: *“É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão”*.

Nosso Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), promulgado em 1990, considerado por muitos como um dos mais avançados do mundo, também afirma, no seu art. 4º, que *“É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária”*.

Não obstante todo esse aparelho de recomendações, normas e resoluções, diariamente somos surpreendidos com notícias de graves violações, de atos de extrema barbárie praticados, em muitos casos, pelas pessoas ou instituições que deveriam ter a função de zelar pela vida e pela integridade dessas crianças e adolescentes: suas famílias e as instituições públicas ou privadas que, em tese, seriam as responsáveis pelo seu resguardo. Ainda mais: o que chega à luz pública, o que consegue furar o véu da vergonha, do estigma e do ocultamento, parece ser só a ponta do *iceberg*, uma mínima parcela das agressões, negligências e violências que, de fato, existem e subsistem em nossa sociedade.

Não é a primeira vez que abordamos o tema, nem o fazemos apenas movidos pelas discussões e controvérsias atuais em torno da proposta de redução da maioridade penal. Mas hoje, mais do que nunca, ao completarem 25 anos desde a promulgação da Lei nº 8.069, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente, torna-se necessário sopesar, de forma objetiva, os problemas reais que afetam nossas crianças e adolescentes. Não cabe a menor dúvida de que o direito à vida é um bem fundamental sem o qual nenhum outro direito é possível, nem tem sentido. É precisamente esse direito que hoje estamos negando a uma parcela significativa de nossos adolescentes.

1. NOTAS TÉCNICAS: AS FONTES

Neste item deveremos detalhar e analisar, de forma sucinta, as fontes utilizadas para a elaboração do estudo. Fontes específicas, utilizadas exclusivamente para um aspecto ou tema pontual, serão detalhadas nos capítulos correspondentes.

- **Mortalidade por causas externas no Brasil.** A fonte básica para a análise da mortalidade no País, em todos os Mapas da Violência até hoje elaborados, é o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS).

Pela legislação vigente (Lei nº 6.015 de 31/12/1973, com as alterações introduzidas pela Lei nº 6.216 de 30/06/1975), nenhum sepultamento pode ser realizado sem a Certidão de Óbito correspondente, lavrada à vista da Declaração de Óbito, preenchida por médico ou, na falta dele, por duas pessoas qualificadas, que tenham presenciado ou constatado a morte. As Declarações de Óbito, um instrumento padronizado nacionalmente, são coletadas pelas secretarias municipais de saúde, transferidas para as secretarias estaduais de saúde e centralizadas posteriormente no SIM/MS. Essa Declaração fornece dados relativos à idade, ao sexo, ao estado civil, à profissão e ao local de residência da vítima. Também informa o local da ocorrência da morte, dado utilizado para desenvolver o presente estudo.

Outra informação relevante, exigida pela legislação, é a causa da morte. Tais causas são registradas pelo SIM, seguindo os capítulos da Classificação Internacional de Doenças (CID) da Organização Mundial da Saúde (OMS). A partir de 1996, o Ministério da Saúde adotou a décima revisão da CID, que continua vigente até os dias de hoje (CID-10). Nosso trabalho centrar-se-á nas *causas externas* de mortalidade, que, de acordo com a última classificação da OMS, abrangem as seguintes categorias:

- V01 a V99: acidentes de transporte;
- W00 a X59: outras causas externas de traumatismos acidentais;
- X60 a X84: lesões autoprovocadas intencionalmente (suicídios);
- X85 a Y09: agressões intencionais (homicídios);
- Y10 a Y34: intencionalidade indeterminada;
- Y10 a Y98: outras causas externas.

Não se pode negar que as informações do sistema de registro de óbitos ainda estão sujeitas a uma série de limitações e críticas, expostas pelo Ministério da Saúde¹, e também por outros autores que trabalharam com o tema (Mello Jorge²; Ramos de Souza et al³).

A primeira grande limitação é o sub-registro, devido, por um lado, à ocorrência de inúmeros sepultamentos sem o competente registro, acarretando uma redução do número de óbitos declarados. Mas não só a quantidade, como também a qualidade dos dados tem exigido reparos: mortes sem assistência médica, impedindo o apontamento correto das causas e/ou lesões; deficiências no preenchimento adequado da Declaração, etc.

Também é criticada a excessiva incidência, em algumas Unidades Federativas (UFs), de uma categoria cuja utilização seria previsível apenas em Unidades com menor cobertura médico-legal, mas que ocorre inexplicavelmente em estados que têm boa cobertura. É a chamada *mortalidade por causas indeterminadas*, catalogando óbitos nas categorias Y10 a Y34 da CID10, quando, tecnicamente, resulta impossível determinar se a vítima se suicidou, se foi assassinada ou se sofreu um acidente, como, por exemplo, em alguns casos de óbito por disparo de arma de fogo.

Na tabela 1.1 foram processados esses dados, correspondentes aos óbitos classificados nas categorias Y10 a Y34, no ano 2013. No primeiro bloco, são encontrados dados para a população total; no segundo, óbitos na faixa de <1 a 19 anos de idade. Vemos que, de forma pouco explicável, Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Minas Gerais, dentre outros, apresentam taxas muito elevadas de mortalidade por causas indeterminadas, tanto para toda a população, quanto na faixa das crianças e adolescentes.

¹ SIM/DATASUS/MS. O Sistema de Informações sobre Mortalidade. S/I, 1995.

² MELLO JORGE, M.H.P. Como Morrem Nossos Jovens. In: CNPD. *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Brasília, 1998.

³ RAMOS de SOUZA, et. al. Qualidade da informação sobre violência: um caminho para a construção da cidadania. *INFORMARE - Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação*. Rio de Janeiro, v.2, n. 1, jan/jun 1996.

Tab. 1.1. Número e taxas (por 100 mil) de mortalidade por causas indeterminadas. Brasil. 2013.

População Total			População <1 a 19 anos		
UF	Número	Taxas (por 100 mil)	UF	Número	Taxas (por 100 mil)
Bahia	1.504	10,6	Bahia	212	4,2
Rio de Janeiro	1.682	10,3	Roraima	6	2,9
Pernambuco	745	8,3	Rio Grande do Norte	28	2,5
Roraima	33	6,9	Pernambuco	68	2,2
Minas Gerais	1.347	6,7	Rio de Janeiro	103	2,2
Rio Grande do Norte	183	5,6	Minas Gerais	122	2,0
Amapá	36	5,0	Amapá	6	1,9
Brasil	9.788	5,0	Paraíba	24	1,8
São Paulo	2.086	4,9	Brasil	955	1,5
Espírito Santo	166	4,6	São Paulo	168	1,3
Mato Grosso	138	4,4	Pará	44	1,3
Ceará	332	3,8	Mato Grosso	14	1,3
Paraná	384	3,6	Espírito Santo	13	1,1
Piauí	93	2,9	Paraná	37	1,1
Mato Grosso do Sul	74	2,9	Sergipe	7	0,9
Sergipe	61	2,9	Rio Grande do Sul	25	0,8
Rio Grande do Sul	278	2,6	Tocantins	4	0,7
Paraíba	86	2,2	Piauí	8	0,7
Pará	171	2,2	Maranhão	19	0,7
Maranhão	115	1,7	Acre	2	0,6
Goiás	104	1,7	Mato Grosso do Sul	5	0,6
Tocantins	22	1,5	Ceará	16	0,5
Rondônia	24	1,5	Amazonas	7	0,4
Acre	10	1,3	Goiás	9	0,4
Santa Catarina	55	0,9	Santa Catarina	8	0,4
Amazonas	23	0,6	Rondônia	0	0,0
Alagoas	15	0,5	Alagoas	0	0,0
Distrito Federal	2	0,1	Distrito Federal	0	0,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e adolescentes do Brasil.

Apesar dessas limitações, existe amplo consenso sobre, por um lado, a enorme importância desse sistema e, por outro, a necessidade de seu aprimoramento.

- **Estatísticas Internacionais.** Para as comparações internacionais, foram utilizadas as bases de dados de mortalidade da OMS⁴, em cuja metodologia baseia-se também nosso SIM. Mas, como os países-membros atualizam suas informações

⁴WHOSIS, *World Mortality Databases*.

em datas muito diferentes, foram usados os últimos dados disponibilizados entre 2010 e 2013. Por esses critérios, foi possível completar os dados de acidentes de transporte, suicídios e homicídios de crianças e adolescentes em mais de 80 países.

- População do Brasil. Para o cálculo das diversas taxas dos estados e municípios brasileiros, foram utilizados os censos demográficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e as estimativas intercensitárias, disponibilizadas pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), que, por sua vez, utiliza as seguintes fontes:

- 1980, 1991, 2000 e 2010: IBGE – censos demográficos;
- 1996: IBGE – contagem populacional;
- 1981-1990, 1992-1999, 2001-2009, 2011-2012: IBGE – estimativas preliminares para os anos intercensitários dos totais populacionais, estratificadas por idade e sexo pelo MS/SE/DATASUS;
- 2007-2010: IBGE - estimativas elaboradas no âmbito do Projeto UNFPA/IBGE (BRA/4/P31A) – População e Desenvolvimento. Coordenação de População e Indicadores Sociais.

Como essas estimativas para os anos intercensitários nem sempre desagregam a informação populacional por idades simples, mas por faixas etárias, resulta impossível discriminar os dados para a faixa de 15 a 18 anos de idade. Por esse motivo, utilizaremos o melhor *proxi* disponível, que é a faixa de <1 a 19, pelo que, na prática, deveremos trabalhar com essa amplitude para caracterizar crianças e adolescentes.

- População Internacional. Para o cálculo das taxas de mortalidade dos diversos países do mundo, foram utilizadas as bases de dados de população fornecidas pelo próprio WHOSIS. Contudo, perante a existência de lacunas, para os dados faltantes foi utilizada a Base Internacional de Dados do US Census Bureau⁵.

- Atendimentos por violências no Sistema Único de Saúde (SUS). A notificação da *violência doméstica, sexual e/ou outras violências* foi implantada no SINAN (Sistema de Informação de Agravos de Notificação), do Ministério da Saúde, em 2009. A notificação deve ser realizada de forma universal, contínua e compulsória, nas situações de suspeita ou confirmação de violências envolvendo crianças, adolescentes, mulheres e idosos, atendendo às Leis 8.069 (Estatuto da Criança e Adolescente); 10.741 (Estatuto do Idoso); e 10.778 (notificação compulsória de violência contra a mulher). Essa notificação é realizada pelo gestor de saúde do SUS, mediante o preenchimento de uma ficha de notificação específica. Os dados do SINAN aqui trabalhados correspondem ao ano 2014 e estão ainda sujeitos a atualização. Os dados foram processados com base em CD-ROM, facilitado pelo DATASUS, em 10/06/2015.

⁵ Disponível em: <http://www.census.gov/ipc/www/idb/summaries.html>. Acesso em: jul.2015.

2. HISTÓRICO DAS CAUSAS DE MORTALIDADE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Segundo o Censo Demográfico de 2010 do IBGE, o País contava então com um contingente de 190.755.799 habitantes. Desse total, 59.657.339 (31,3%) tinham entre menos de 1 a 18 anos de idade, faixa que o marco legal do ECA define como crianças e adolescentes, agrupados da seguinte forma:

- 35.623.594 tinham entre <1 e 11 anos (crianças): 18,7% do total.
- 24.033.745 tinham entre 12 e 18 anos (adolescentes): 12,6% do total.

Na faixa adolescente, 3.410.704 tinham 16 anos de idade e 3.372.242 tinham 17 anos, representando 1,8% da população do País cada uma e, portanto, 3,6% somadas.

Como indicado no capítulo anterior, em diversos casos resulta impossível desagregar os dados de população – imprescindível para elaborar as taxas – para esses cortes etários definidos pelo ECA, dado que as estimativas intercensitárias desagregam a população em grupos de 5 anos. Nesses casos, deveremos trabalhar adicionando os jovens de 19 anos de idade que, segundo o mesmo Censo, representam mais 3.265.826 jovens. Assim, a faixa de <1 a 19 anos de idade totalizaria 62.923.165 integrantes.

As Tabelas e Gráficos 2.1 a 2.3, a seguir, possibilitam acompanhar a evolução e a incidência das diversas categorias que integram as causas de mortalidade, segundo a classificação internacional da OMS. Vemos que, em conjunto, as causas externas vitimaram 689.627 crianças e adolescentes entre 1980 e 2013. O crescimento foi intenso na década de 80, quando o número de vítimas aumenta 22,4%, o que representa um incremento de 10,6% nas taxas, tendo em vista o aumento da população nesse período.

Na década de 90, o aumento é bem menor: as taxas de óbito por causas externas crescem 4,3% e, na primeira década do presente século, apresentam uma queda de 1,0%. Já de 2010 a 2013, o percentual das mortes por causas externas foi elevado: 9,9% nesses poucos anos, o que implica em incremento real de 7,1%. Vemos que a tendência histórica da taxa por causas externas é de diminuir seu ritmo de crescimento, se bem que nos 33 anos da série histórica, o saldo foi um aumento global de 33,9% no número de vítimas e de 22,4% nas taxas.

Um fato a ser destacado é o significativo diferencial evolutivo dessas causas externas (acidentes, suicídios, homicídios, etc.) e das causas naturais (enfermidade, deterioração da saúde) na mortalidade de crianças e adolescentes. Na contramão

das denominadas *causas naturais*, que diminuem de forma contínua e acentuada nas três décadas analisadas, as *causas externas* evidenciam crescimento lento e contínuo. As taxas de mortalidade por *causas naturais* na faixa de <1 a 19 anos de idade despencam de 387,1 óbitos por 100 mil, em 1980, para 83,4, em 2013. Isso representa uma queda de 78,5%, bem menos da quarta parte do que era em 1980. Já as taxas por *causas externas*, como acima apontado, passam, no mesmo período, de 27,9 para 34,1: crescimento de 22,4%. Com esse diferencial, aumenta de forma drástica a participação das causas externas no total de mortes de crianças e adolescentes. Efetivamente, em 1980 as causas externas representavam 6,7% do total de mortes nessa faixa; em 2013, essa participação mais que quadruplica, elevando-se para 29,0%. A tendência visível, pelos dados recentes, indica que essa participação vai crescer mais ainda nos próximos anos.

No período de 1980 a 2013, os diversos componentes das causas externas de mortalidade aumentaram drasticamente sua participação: os homicídios passam de 0,7% para 13,9% no total de mortes de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade; os acidentes de transporte passam de 2,0% para 6,9% e os suicídios, de 0,2% para 1,0%.

Desagregando esses componentes, vemos que, tanto as evoluções quanto os pesos relativos, foram bem diferenciados. Efetivamente, se números e taxas de acidentes de transporte, suicídios e homicídios de crianças e adolescentes cresceram ao longo do tempo, os de outros acidentes e outras violências diminuíram. Esse sobe e desce originou a seguinte estrutura das causas em 2013:

- 71,0% ainda morrem por causas naturais e 29,0% por causas externas.
- 13,9% por homicídio.
- 6,9% em acidentes de transporte.
- 1,0% por suicídio.

Tabela 2.1. Evolução dos óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) segundo causa. Brasil. 1980/2013.

Ano	Causas Externas						Causas Naturais	Total óbitos <1 a 19 anos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídio	Homicídio	Outras Externas	Causas Externas		
1980	4.782	6.309	482	1.825	3.059	16.457	228.485	244.942
1981	4.832	6.538	567	1.920	2.704	16.561	217.059	233.620
1982	5.204	6.518	470	1.899	2.524	16.615	202.915	219.530
1983	4.788	7.429	533	2.266	2.000	17.016	195.585	212.601
1984	5.202	7.115	439	2.596	2.150	17.502	199.859	217.361
1985	5.812	7.327	407	2.908	2.406	18.860	168.545	187.405
1986	6.652	7.384	455	3.134	2.789	20.414	168.932	189.346
1987	5.822	7.119	451	3.396	2.559	19.347	155.973	175.320
1988	5.946	7.127	393	3.422	2.734	19.622	151.805	171.427
1989	6.278	7.405	443	4.456	2.531	21.113	134.478	155.591
1990	5.946	7.255	446	5.004	1.489	20.140	124.317	144.457
1991	5.831	7.070	488	4.674	1.549	19.612	112.341	131.953
1992	5.581	6.910	485	4.165	1.779	18.920	111.222	130.142
1993	5.740	7.039	570	4.782	1.912	20.043	115.537	135.580
1994	6.051	7.246	645	5.168	2.113	21.223	113.365	134.588
1995	6.423	7.336	632	5.925	1.697	22.013	105.096	127.109
1996	6.832	7.254	750	6.170	1.651	22.657	96.861	119.518
1997	6.546	6.956	683	6.645	1.530	22.360	92.669	115.029
1998	5.574	6.096	701	7.181	2.156	21.708	94.078	115.786
1999	5.518	6.317	634	7.355	1.749	21.573	90.897	112.470
2000	5.154	6.095	609	8.132	1.953	21.943	88.449	110.392
2001	5.243	5.300	816	8.480	1.712	21.551	82.236	103.787
2002	5.538	5.455	756	8.817	1.807	22.373	78.248	100.621
2003	5.359	5.074	763	8.787	1.533	21.516	77.000	98.516
2004	5.518	4.992	750	8.309	1.623	21.192	72.501	93.693
2005	5.436	4.930	732	8.361	1.581	21.040	68.764	89.804
2006	5.390	4.710	756	8.414	1.344	20.614	65.898	86.512
2007	5.471	4.448	716	8.166	1.635	20.436	61.922	82.358
2008	5.388	4.329	735	8.433	1.586	20.471	60.573	81.044
2009	4.981	4.258	680	8.393	1.667	19.979	58.937	78.916
2010	5.456	3.953	709	8.686	1.244	20.048	55.660	75.708
2011	5.520	4.178	738	8.894	1.195	20.525	55.242	75.767
2012	5.730	4.098	795	10.155	1.364	22.142	54.254	76.396
2013	5.262	4.230	788	10.520	1241	22.041	53.852	75.893
Total 80/13	190.806	205.800	21.017	207.438	64.566	689.627	3.813.555	4.503.182
Δ % 80/90	24,3	15,0	-7,5	174,2	-51,3	22,4	-45,6	-41,0
Δ % 90/00	-13,3	-16,0	36,5	62,5	31,2	9,0	-28,9	-23,6
Δ % 00/10	5,9	-35,1	16,4	6,8	-36,3	-8,6	-37,1	-31,4
Δ % 10/13	-3,6	7,0	11,1	21,1	-0,2	9,9	-3,2	0,2
Δ % 80/13	10,0	-33,0	63,5	476,4	-59,4	33,9	-76,4	-69,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 2.2. Evolução das taxas de óbito (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) segundo causa. Brasil. 1980/2013.

Ano	Causas Externas						Causas Naturais	Total óbitos <1 a 19 anos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídio	Homicídio	Outras Externas	Causas Externas		
1980	8,1	10,7	0,8	3,1	5,2	27,9	387,1	415,0
1981	8,1	11,0	1,0	3,2	4,5	27,9	365,0	392,9
1982	8,7	10,8	0,8	3,2	4,2	27,6	337,5	365,1
1983	7,9	12,2	0,9	3,7	3,3	28,0	321,7	349,7
1984	8,5	11,6	0,7	4,2	3,5	28,5	325,1	353,6
1985	9,4	11,8	0,7	4,7	3,9	30,4	271,3	301,6
1986	10,6	11,8	0,7	5,0	4,4	32,5	269,0	301,6
1987	9,2	11,2	0,7	5,4	4,0	30,5	245,9	276,3
1988	9,3	11,1	0,6	5,3	4,3	30,6	236,9	267,5
1989	9,7	11,4	0,7	6,9	3,9	32,6	207,9	240,5
1990	9,1	11,1	0,7	7,7	2,3	30,8	190,4	221,2
1991	8,8	10,7	0,7	7,1	2,3	29,7	170,2	199,9
1992	8,5	10,5	0,7	6,4	2,7	28,9	169,7	198,5
1993	8,5	10,4	0,8	7,0	2,8	29,5	170,2	199,7
1994	8,8	10,5	0,9	7,5	3,1	30,8	164,6	195,4
1995	9,2	10,5	0,9	8,5	2,4	31,5	150,5	182,0
1996	10,3	11,0	1,1	9,3	2,5	34,2	146,3	180,5
1997	9,7	10,3	1,0	9,9	2,3	33,2	137,7	170,9
1998	8,2	8,9	1,0	10,5	3,2	31,8	137,9	169,7
1999	8,0	9,1	0,9	10,6	2,5	31,2	131,4	162,6
2000	7,6	8,9	0,9	11,9	2,9	32,2	129,7	161,9
2001	7,6	7,7	1,2	12,2	2,5	31,1	118,7	149,8
2002	7,9	7,8	1,1	12,6	2,6	31,9	111,5	143,4
2003	7,5	7,1	1,1	12,4	2,2	30,3	108,3	138,6
2004	7,7	6,9	1,0	11,5	2,3	29,4	100,7	130,1
2005	7,3	6,7	1,0	11,3	2,1	28,4	92,8	121,2
2006	7,2	6,3	1,0	11,2	1,8	27,4	87,7	115,1
2007	8,1	6,6	1,1	12,1	2,4	30,3	91,7	122,0
2008	8,1	6,5	1,1	12,7	2,4	30,8	91,2	122,0
2009	7,7	6,6	1,1	13,0	2,6	30,9	91,1	122,0
2010	8,7	6,3	1,1	13,8	2,0	31,9	88,5	120,3
2011	8,7	6,6	1,2	14,0	1,9	32,3	87,0	119,4
2012	8,9	6,4	1,2	15,9	2,1	34,6	84,7	119,3
2013	8,1	6,6	1,2	16,3	1,9	34,1	83,4	117,5
Δ % 80/90	12,4	3,9	-16,4	147,8	-56,0	10,6	-50,8	-46,7
Δ % 90/00	-17,0	-19,6	30,7	55,6	25,6	4,3	-31,9	-26,8
Δ % 00/10	14,7	-29,7	26,2	15,8	-31,0	-1,0	-31,8	-25,7
Δ % 10/13	-6,0	4,3	8,3	18,0	-2,8	7,1	-5,7	-2,3
Δ % 80/13	0,6	-38,7	49,4	426,9	-62,9	22,4	-78,5	-71,7

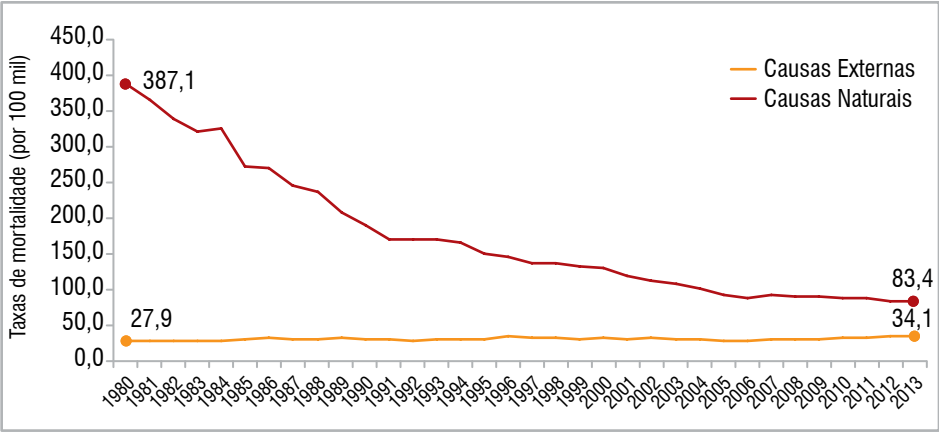
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 2.3. Evolução da participação (%) das causas de óbito no total de óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos). Brasil. 1980/2013

Ano	Causas Externas						Causas Naturais	Total óbitos <1 a 19 anos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídio	Homicídio	Outras Externas	Causas Externas		
1980	2,0	2,6	0,2	0,7	1,2	6,7	93,3	100,0
1981	2,1	2,8	0,2	0,8	1,2	7,1	92,9	100,0
1982	2,4	3,0	0,2	0,9	1,1	7,6	92,4	100,0
1983	2,3	3,5	0,3	1,1	0,9	8,0	92,0	100,0
1984	2,4	3,3	0,2	1,2	1,0	8,1	91,9	100,0
1985	3,1	3,9	0,2	1,6	1,3	10,1	89,9	100,0
1986	3,5	3,9	0,2	1,7	1,5	10,8	89,2	100,0
1987	3,3	4,1	0,3	1,9	1,5	11,0	89,0	100,0
1988	3,5	4,2	0,2	2,0	1,6	11,4	88,6	100,0
1989	4,0	4,8	0,3	2,9	1,6	13,6	86,4	100,0
1990	4,1	5,0	0,3	3,5	1,0	13,9	86,1	100,0
1991	4,4	5,4	0,4	3,5	1,2	14,9	85,1	100,0
1992	4,3	5,3	0,4	3,2	1,4	14,5	85,5	100,0
1993	4,2	5,2	0,4	3,5	1,4	14,8	85,2	100,0
1994	4,5	5,4	0,5	3,8	1,6	15,8	84,2	100,0
1995	5,1	5,8	0,5	4,7	1,3	17,3	82,7	100,0
1996	5,7	6,1	0,6	5,2	1,4	19,0	81,0	100,0
1997	5,7	6,0	0,6	5,8	1,3	19,4	80,6	100,0
1998	4,8	5,3	0,6	6,2	1,9	18,7	81,3	100,0
1999	4,9	5,6	0,6	6,5	1,6	19,2	80,8	100,0
2000	4,7	5,5	0,6	7,4	1,8	19,9	80,1	100,0
2001	5,1	5,1	0,8	8,2	1,6	20,8	79,2	100,0
2002	5,5	5,4	0,8	8,8	1,8	22,2	77,8	100,0
2003	5,4	5,2	0,8	8,9	1,6	21,8	78,2	100,0
2004	5,9	5,3	0,8	8,9	1,7	22,6	77,4	100,0
2005	6,1	5,5	0,8	9,3	1,8	23,4	76,6	100,0
2006	6,2	5,4	0,9	9,7	1,6	23,8	76,2	100,0
2007	6,6	5,4	0,9	9,9	2,0	24,8	75,2	100,0
2008	6,6	5,3	0,9	10,4	2,0	25,3	74,7	100,0
2009	6,3	5,4	0,9	10,6	2,1	25,3	74,7	100,0
2010	7,2	5,2	0,9	11,5	1,6	26,5	73,5	100,0
2011	7,3	5,5	1,0	11,7	1,6	27,1	72,9	100,0
2012	7,5	5,4	1,0	13,3	1,8	29,0	71,0	100,0
2013	6,9	5,6	1,0	13,9	1,6	29,0	71,0	100,0
Δ % 80/90	110,8	95,0	56,9	364,9	-17,5	107,5	-7,7	0,0
Δ % 90/00	13,4	9,9	78,7	112,7	71,6	42,6	-6,9	0,0
Δ % 00/10	54,4	-5,4	69,8	55,7	-7,1	33,2	-8,2	0,0
Δ % 10/13	-3,8	6,7	10,9	20,8	-0,5	9,7	-3,5	0,0
Δ % 80/13	255,1	116,4	427,6	1760,4	30,9	332,3	-23,9	0,0

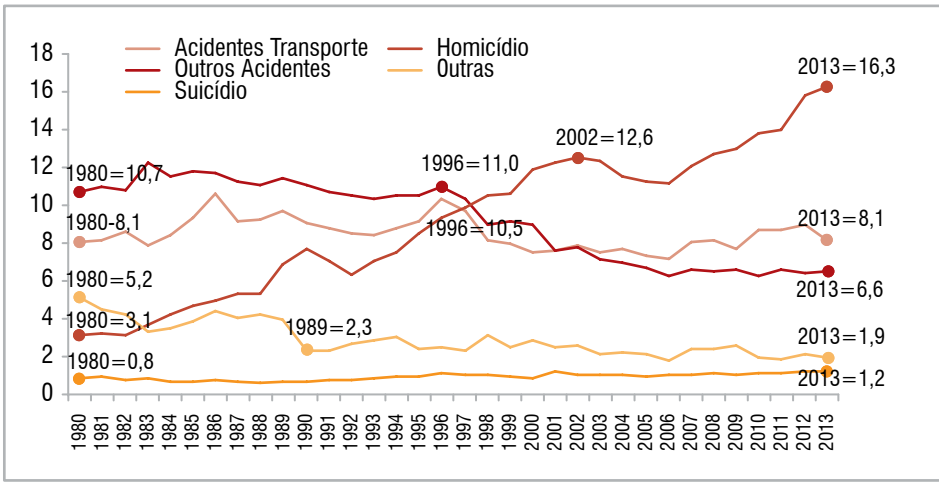
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 2.1. Evolução das taxas de mortalidade (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos). Brasil. 1980/2013.



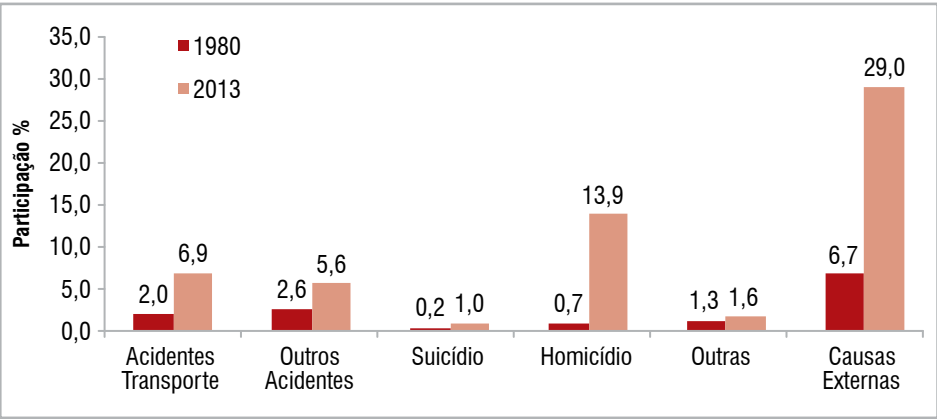
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 2.2. Evolução das taxas de mortalidade (por 100 mil) por causas externas de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos. Brasil. 1980/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 2.3. Evolução da participação (%) da mortalidade por causas externas no total da mortalidade <1 a 19 anos de idade. 1980-2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

A Tabela 2.4, a seguir, detalha a evolução histórica da mortalidade por causas violentas, focando adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Vemos que é essa a faixa etária a puxar para cima os dados do conjunto de crianças e adolescentes, fundamentalmente no capítulo de homicídios.

Efetivamente, nos quantitativos da faixa de 16 e 17 anos de idade, no primeiro bloco da tabela:

- Os acidentes de transporte passam de 661, em 1980, para 1.136, em 2013, o que representa um aumento de 71,9%.
- Os suicídios, de 156 para 282, representando um aumento de 80,8%.
- Os homicídios passam de 506 para 3.749, resultando num aumento de **640,9%**.

Observamos nas taxas o mesmo fenômeno da centralidade dos homicídios no incremento histórico da mortalidade na faixa dos 16 e 17 anos de idade, descontado, dos números brutos, o efeito do aumento da população. Neste caso, o crescimento dos acidentes de transporte no período 1980/2013 foi de 38,3%; o dos suicídios, de 45,5%; o dos homicídios, de 496,4%, praticamente sextuplicando a taxa no período.

Tab. 2.4. Número, taxas (por 100 mil) e participação (%) na mortalidade de adolescentes de 16 e 17 anos, segundo causa. Brasil. 1980/2013.

Ano	Número de óbitos			Taxas (por 100 mil)			Participação %		
	Transporte	Suicídio	Homicídio	Transporte	Suicídio	Homicídio	Transporte	Suicídio	Homicídio
1980	661	156	506	11,9	2,8	9,1	12,7	3,0	9,7
1985	800	121	901	13,8	2,1	15,5	14,5	2,2	16,3
1990	860	139	1583	14,3	2,3	26,2	14,0	2,3	25,8
1995	1053	194	1898	15,8	2,9	28,4	15,4	2,8	27,8
2000	955	195	2719	13,3	2,7	37,9	13,3	2,7	37,8
2005	1040	222	2870	13,4	2,9	36,8	14,6	3,1	40,3
2010	1101	205	3033	16,2	3,0	44,7	15,5	2,9	42,8
2013	1136	282	3749	16,4	4,1	54,1	13,9	3,5	46,0
Δ% 80/13	71,9	80,8	640,9	38,3	45,5	496,4	9,7	15,4	372,9

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

O terceiro bloco (Participação %) retoma os mesmos números, mas os relaciona com o total de jovens de 16 e 17 anos de idade que morreram por qualquer causa, isto é, com o total de mortes de jovens de 16 e 17 anos de idade nesse período.

Observamos que, em 1980, o vilão da história eram os acidentes de transporte, que ceifaram a vida de 12,7% do total de mortes naquele ano. Os suicídios representavam 3,0% e os homicídios, 9,7%. Entre 1980 e 2013, a participação cresceu:

- Nos acidentes de transporte, de 12,7% para 13,9%, representando um aumento de 9,7%.
- Nos suicídios, de 3,0% para 3,5%, um aumento de 15,4%.
- Já a participação dos homicídios no total de óbitos pula de 9,7% para 46,0%, um crescimento de 372,9%.

Os homicídios, no caso de jovens de 16 e 17 anos de idade, representam, nos dias de hoje, quase a metade da mortalidade nessa faixa etária e, pelo que é possível observar na sequência histórica, a tendência é aumentar mais ainda no futuro.

Na contramão da realidade, inclusive a do Brasil, onde a história recente marca decisivos avanços na esperança de vida da população, ao observar a evolução da violência homicida na faixa de 16 e 17 anos de idade, as previsões são sombrias e preocupantes. Se não houver mediação de ações concretas que possibilitem a reversão desse quadro, deveremos ter um crescimento significativo e contínuo da violência homicida nessa faixa etária.

3. MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE

No Gráfico 2.2 do capítulo anterior, foi possível esboçar que a mortalidade de crianças e adolescentes por acidentes de transporte evidenciou uma tendência crescente desde 1980 até 1997, ano em que entra em vigor o Código Nacional de Trânsito, que tornou mais rígidas as normas de conduta, infrações e penalidades para os diversos usuários das vias públicas. Sob o impacto do novo Código, as taxas caíram de forma significativa nos primeiros anos, até a virada do século. A partir desse ponto, os índices se estabilizam, e tornaram a crescer a partir de 2008, perdendo-se, assim, muitos dos avanços quantitativos registrados nos primeiros anos de sua vigência.

3.1. Evolução e estrutura da mortalidade

Podemos interpretar melhor a evolução dessa causa de mortalidade pelos dados da Tabela e Gráfico 3.1.1, a seguir, que desagregam os óbitos nos acidentes de transporte por idade simples, no período de 1980 a 2013.

Vemos que, nesse período, o crescimento da mortalidade registrou-se nos extremos da escala etária na faixa de <1 a 19 anos de idade. Já nas idades intermediárias, houve quedas. Efetivamente:

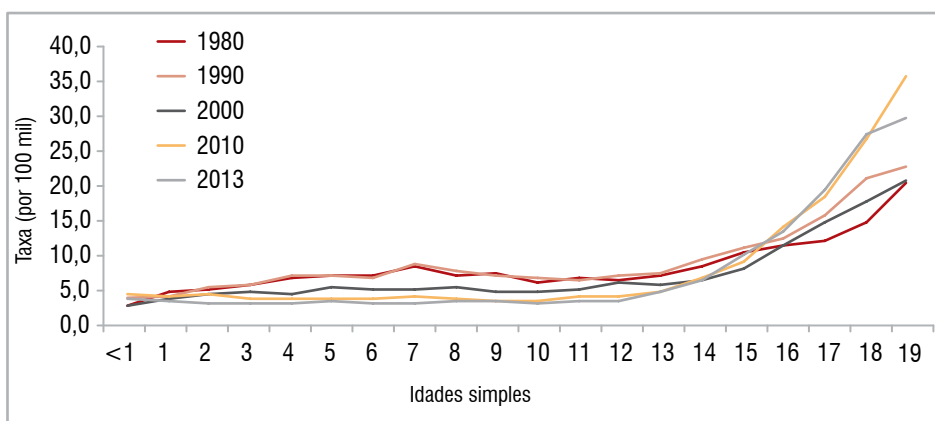
- Verifica-se um forte incremento na mortalidade de crianças com menos de 1 ano de idade, cujas taxas passam de 2,7 para 4,0 mortes em cada 100 mil crianças, o que representa um crescimento de 45,4% no período.
- Os níveis de mortalidade permanecem relativamente estáveis ao longo da escala etária de 1 ano de idade até aproximadamente os 13 ou 14 anos.
- A partir dos 16 anos, constata-se novo crescimento e, em alguns casos, bem significativo, como aos 17 e 18 anos de idade, quando o aumento supera a casa de 50%.
- Já nas idades intermediárias, de 1 aos 15 anos, as diferenças são negativas, principalmente entre os 4 e os 11 anos de idade.

Tab. 3.1.1. Evolução das taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por idades simples. Brasil. 1980-2013.

Idade	Taxas (por 100 mil)					Δ%				
	1980	1990	2000	2010	2013	1980/90	1990/00	2000/10	2010/13	1980/13
<1	2,7	4,0	2,8	4,6	4,0	45,8	-29,4	63,2	-13,4	45,4
1	4,8	4,0	3,9	4,2	3,6	-16,9	-2,8	8,5	-15,2	-25,6
2	5,1	5,6	4,5	4,5	3,1	10,5	-20,0	-0,6	-29,6	-38,1
3	5,8	5,8	4,8	3,9	3,3	1,1	-17,7	-18,6	-16,5	-43,5
4	6,8	7,1	4,6	3,9	3,2	4,3	-34,9	-15,2	-18,3	-52,9
5	7,2	7,2	5,6	3,8	3,4	-0,2	-22,4	-33,0	-9,2	-52,9
6	7,3	6,7	5,2	3,8	3,2	-7,9	-22,6	-26,3	-16,7	-56,2
7	8,3	8,8	5,3	4,1	3,1	5,1	-39,5	-23,5	-23,2	-62,6
8	7,2	7,7	5,5	3,8	3,3	5,9	-28,2	-30,2	-12,8	-53,7
9	7,4	7,3	4,7	3,5	3,6	-1,6	-35,8	-25,3	3,7	-51,1
10	6,3	6,9	4,7	3,5	3,0	9,7	-31,9	-25,3	-13,8	-51,9
11	6,9	6,6	5,2	4,0	3,4	-4,0	-21,0	-22,6	-15,9	-50,6
12	6,5	7,2	6,0	4,1	3,6	10,4	-16,6	-31,9	-12,0	-44,8
13	7,1	7,4	5,8	4,8	4,9	4,6	-21,8	-17,1	1,5	-31,3
14	8,6	9,4	6,4	6,8	6,4	9,5	-31,9	6,0	-5,3	-25,2
15	10,3	11,0	8,0	9,3	10,1	6,7	-27,5	16,1	9,0	-2,1
16	11,4	12,4	11,6	14,0	13,5	9,0	-6,8	21,1	-4,2	17,8
17	12,3	15,9	14,9	18,4	19,3	29,5	-6,4	23,8	4,9	57,3
18	14,8	21,2	17,8	26,8	27,5	43,9	-16,2	50,7	2,4	86,0
19	20,4	22,8	20,9	35,9	29,7	11,6	-8,3	71,9	-17,2	45,5
<1-19	8,1	9,0	7,6	8,7	8,1	10,1	-18,5	12,4	-6,4	0,6

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 3.1.1. Taxas de óbito em acidentes de transporte de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos por idades simples. Brasil. 1980/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Interessante também é identificar a situação das vítimas no momento do acidente de transporte. A tabela 3.1.2 permite essa inferência, para o ano de 2013.

- Podemos ver que, com menos de 1 ano de idade, a maior proporção de mortes de crianças (70,5%) se registra como ocupantes de veículo automotor.
- A partir de 1 ano de idade e até os 14 anos, a maior incidência dos acidentes acontece quando transitavam a pé pelas ruas; na faixa de 10 a 14 anos de idade, também é alta a incidência como ocupantes de veículo automotor.
- Entre 15 e 19 anos de idade, a maior proporção encontra-se entre os que transitavam com motocicleta.

Tabela 3.1.2. Número, % e taxas (por 100 mil) de óbitos por acidentes de transporte de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos), segundo situação no trânsito e faixa etária da vítima. Brasil. 2013.

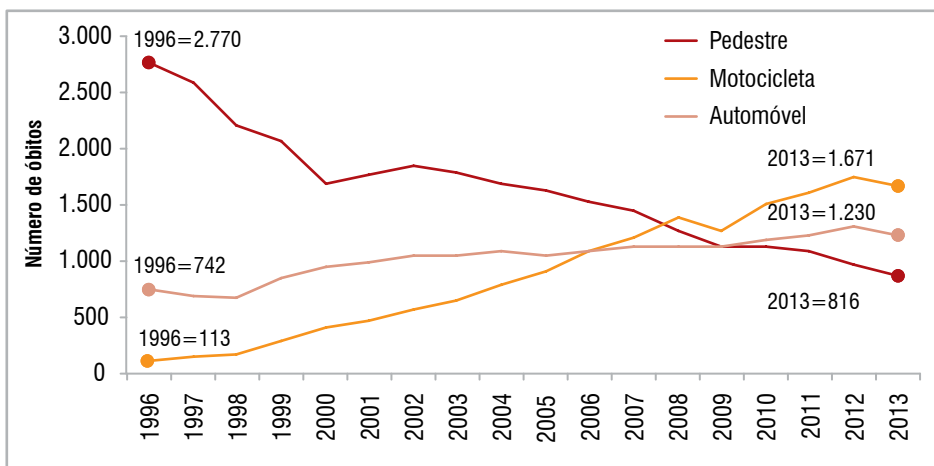
NÚMERO									
Faixa Etária	Pedestre	Bicicleta	Motocicleta	Automóvel	Veic. Carga	Ônibus	Subtotal	Outros	Total
< 1 ano	14	0	4	55	3	2	78	40	118
1-4 anos	152	5	19	100	3	0	279	90	369
5-9 anos	184	35	20	140	4	4	387	127	514
10-14 anos	186	73	114	193	1	4	571	183	754
15-19 anos	327	109	1.514	754	28	6	2.738	769	3.507
<1-19 anos	863	222	1.671	1.230	39	16	4.041	1.221	5.262
PARTICIPAÇÃO % (excluindo outros)									
< 1 ano	17,9	0,0	5,1	70,5	3,8	2,6	100,0		100,0
1-4 anos	54,5	1,8	6,8	35,8	1,1	0,0	100,0		100,0
5-9 anos	47,5	9,0	5,2	36,2	1,0	1,0	100,0		100,0
10-14 anos	32,6	12,8	20,0	33,8	0,2	0,7	100,0		100,0
15-19 anos	11,9	4,0	55,3	27,5	1,0	0,2	100,0		100,0
<1-19 anos	21,4	5,5	41,4	30,4	1,0	0,4	100,0		100,0
TAXA (POR 100 MIL)									
< 1 ano	0,5	0,0	0,1	1,8	0,1	0,1	2,6	1,3	4,0
1-4 anos	1,4	0,0	0,2	0,9	0,0	0,0	2,5	0,8	3,3
5-9 anos	1,2	0,2	0,1	0,9	0,0	0,0	2,5	0,8	3,3
10-14 anos	1,1	0,4	0,6	1,1	0,0	0,0	3,2	1,0	4,3
15-19 anos	1,9	0,6	8,7	4,3	0,2	0,0	15,7	4,4	20,1
<1-19 anos	1,3	0,3	2,6	1,9	0,1	0,0	6,3	1,9	8,1

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

A larga diferença de mortalidade dos motociclistas na faixa de 15 a 19 anos de idade, faz dessa a situação de maior risco para o conjunto das crianças e adolescentes de <1 a 19 anos: 41,4% da mortalidade na faixa ampla corresponde a motociclistas. Em segundo lugar, com 30,4% do total, os ocupantes de automóvel.

Essa elevada incidência da motocicleta na letalidade no trânsito é um fato bem recente. Em meados da década de 1990, quando se inicia a violenta expansão da motocicleta como veículo de mobilidade urbana, o ordenamento das causas de mortalidade era bem diferente, como podemos ver no Gráfico 3.1.2:

Gráfico 3.1.2. Evolução dos óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas três principais categorias de acidentes de transporte. Brasil. 1996/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

No ano imediatamente anterior à promulgação do Estatuto do Trânsito, a mortalidade de crianças e adolescentes pedestres era, disparada, a maior causa de morte no transporte. De forma progressiva e drástica, vai crescendo a morte de motociclistas até que, em 2008, se converte na principal causa de mortalidade. Paralelamente, e de forma também drástica, cai a morte de pedestres e aumenta, com menor intensidade, a morte de crianças e adolescentes ocupantes de automotor. Os ritmos foram os seguintes:

- Pedestre: cai de 2.770 óbitos, em 1996, para 863, em 2013 (queda de 68,8%).
- Motocicleta: pula de 113, em 1996, para 1.671, em 2013 (aumento de 1.378,8%).
- Automóvel: aumenta de 742, em 1996, para 1.230, em 2013 (cresce 65,8%).

3.2. Nas Unidades Federativas

A média nacional de 8,1 vítimas de acidentes de transporte por 100 mil crianças e adolescentes, registrada em 2013, não reflete a grande variabilidade regional e estadual. As Tabelas 3.2.1 e 3.2.2 detalham essa heterogeneidade na década analisada. Vemos, em primeiro lugar, a grande dispersão de situações, que vai de 3,7 vítimas por 100 mil crianças e adolescentes, no Amazonas, a 17,2, em Mato Grosso, no ano de 2013.

Alguns fatos merecem destaque:

- Em 16 Unidades, as taxas de óbito cresceram na década analisada.
- Nos estados da Paraíba, Bahia e Maranhão, os aumentos foram significativos: incrementos acima de 60% na década.
- Em 11 estados, as taxas caíram, com destaque para Acre e Rio de Janeiro, que tiveram quedas expressivas: acima de 20%.

Ainda assim, 11 Unidades Federativas ostentam, em 2013, taxas acima do patamar de 10 vítimas fatais para cada 100 mil crianças e adolescentes (ver Gráfico 3.2.1).

Tabela 3.2.1. Óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte, segundo UF/região. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Acre	26	23	14	20	17	18	18	20	35	25	21	-19,2
Amapá	18	15	17	28	16	15	17	27	17	20	19	5,6
Amazonas	67	82	77	80	64	91	85	81	92	86	59	-11,9
Pará	188	181	188	180	199	193	172	225	214	238	281	49,5
Rondônia	63	70	58	66	53	71	68	82	76	85	69	9,5
Roraima	22	11	16	19	14	21	19	17	14	27	31	40,9
Tocantins	77	80	61	61	78	57	54	71	77	83	65	-15,6
Norte	461	462	431	454	441	466	433	523	525	564	545	18,2
Alagoas	107	93	103	85	107	102	96	104	111	99	98	-8,4
Bahia	220	225	251	234	260	232	253	326	310	345	314	42,7
Ceará	252	259	250	238	254	243	208	286	267	313	281	11,5
Maranhão	143	147	154	145	162	197	169	181	226	264	226	58,0
Paraíba	79	121	113	124	108	132	128	110	100	120	123	55,7
Pernambuco	211	227	210	217	191	200	229	234	217	279	214	1,4
Piauí	99	90	84	143	110	122	116	139	137	146	129	30,3
Rio Grande do Norte	65	63	67	81	70	61	55	92	50	74	67	3,1
Sergipe	68	82	50	59	74	69	58	78	94	81	78	14,7
Nordeste	1.244	1.307	1.282	1.326	1.336	1.358	1.312	1.550	1.512	1.721	1.530	23,0
Espírito Santo	129	115	107	107	131	139	118	128	130	130	121	-6,2
Minas Gerais	487	552	536	550	532	536	484	542	597	553	518	6,4
Rio de Janeiro	425	363	355	383	326	323	261	290	304	359	297	-30,1
São Paulo	1.004	990	1.043	998	1.079	997	862	815	900	848	797	-20,6
Sudeste	2.045	2.020	2.041	2.038	2.068	1.995	1.725	1.775	1.931	1.890	1.733	-15,3
Paraná	490	489	475	453	478	488	434	497	464	483	413	-15,7
Rio Grande do Sul	316	311	304	279	265	274	271	273	253	245	222	-29,7
Santa Catarina	295	336	315	322	330	282	246	248	290	266	224	-24,1
Sul	1.101	1.136	1.094	1.054	1.073	1.044	951	1.018	1.007	994	859	-22,0
Distrito Federal	83	89	96	64	82	53	88	80	58	63	72	-13,3
Goiás	214	255	237	204	244	232	222	262	234	230	217	1,4
Mato Grosso	126	150	149	146	136	139	148	150	154	147	190	50,8
Mato Grosso do Sul	85	99	105	104	91	101	102	98	99	121	116	36,5
Centro-Oeste	508	593	587	518	553	525	560	590	545	561	595	17,1
Brasil	5.359	5.518	5.435	5.390	5.471	5.388	4.981	5.456	5.520	5.730	5.262	-1,8

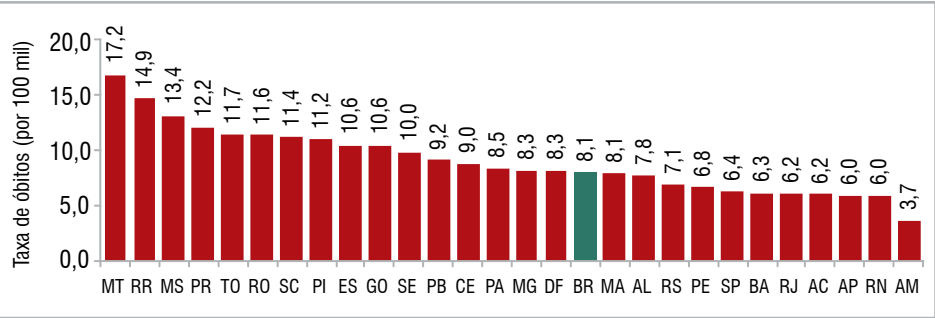
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 3.2.2. Taxas (por 100 mil) de óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte, segundo UF/região. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Acre	8,5	7,4	4,1	5,7	5,2	5,7	5,6	6,2	10,6	7,5	6,2	-27,6
Amapá	6,5	5,3	5,6	8,9	5,2	5,1	5,7	9,1	5,6	6,5	6,0	-7,1
Amazonas	4,4	5,2	4,7	4,8	4,2	6,1	5,6	5,3	6,0	5,5	3,7	-15,7
Pará	5,8	5,5	5,5	5,2	6,3	6,2	5,5	7,2	6,7	7,3	8,5	47,1
Rondônia	9,4	10,3	8,2	9,2	8,2	11,9	11,6	14,1	13,0	14,4	11,6	23,1
Roraima	12,3	6,0	8,2	9,4	7,3	11,1	9,9	8,7	7,0	13,2	14,9	21,0
Tocantins	13,4	13,6	10,0	9,8	13,8	11,0	10,2	13,2	14,2	15,1	11,7	-12,9
Norte	6,8	6,7	6,0	6,2	6,5	7,1	6,6	7,9	7,8	8,3	7,9	16,2
Alagoas	7,9	6,8	7,3	6,0	8,1	7,7	7,5	8,5	9,0	8,0	7,8	-0,7
Bahia	3,7	3,8	4,1	3,8	4,8	4,3	4,9	6,6	6,3	6,9	6,3	69,7
Ceará	7,3	7,4	6,9	6,5	7,7	7,4	6,6	9,4	8,7	10,1	9,0	23,5
Maranhão	4,9	5,0	5,1	4,7	5,8	7,2	6,2	6,7	8,2	9,5	8,1	64,5
Paraíba	5,3	8,0	7,4	8,0	7,9	9,6	9,5	8,4	7,6	9,1	9,2	74,4
Pernambuco	6,1	6,5	5,9	6,1	6,0	6,2	7,3	7,6	7,0	8,9	6,8	11,6
Piauí	7,4	6,7	6,1	10,3	8,9	9,9	9,8	12,3	12,0	12,7	11,2	50,9
Rio Grande do Norte	5,3	5,0	5,2	6,2	6,0	5,3	4,9	8,5	4,6	6,7	6,0	13,5
Sergipe	8,1	9,6	5,7	6,6	9,1	8,8	7,5	10,3	12,3	10,5	10,0	23,2
Nordeste	5,6	5,9	5,6	5,8	6,5	6,6	6,6	8,1	7,8	8,8	7,8	38,7
Espírito Santo	10,1	8,8	8,0	7,8	10,8	11,9	10,3	11,5	11,6	11,5	10,6	4,8
Minas Gerais	6,8	7,6	7,2	7,3	7,9	8,1	7,6	8,9	9,7	8,9	8,3	22,2
Rio de Janeiro	8,3	7,0	6,7	7,2	6,6	6,6	5,5	6,2	6,5	7,6	6,2	-24,9
São Paulo	7,2	7,0	7,1	6,7	8,1	7,7	6,9	6,7	7,3	6,9	6,4	-11,1
Sudeste	7,4	7,2	7,1	7,0	7,9	7,8	6,9	7,4	8,0	7,7	7,0	-4,8
Paraná	12,8	12,6	12,0	11,3	13,3	13,8	12,6	15,0	13,9	14,4	12,2	-4,6
Rio Grande do Sul	8,5	8,2	7,9	7,2	7,6	8,2	8,4	8,8	8,1	7,8	7,1	-16,8
Santa Catarina	13,8	15,5	14,1	14,2	16,4	14,4	12,7	13,0	15,0	13,7	11,4	-17,6
Sul	11,3	11,6	10,9	10,3	11,8	11,8	11,1	12,2	12,0	11,8	10,1	-10,5
Distrito Federal	9,6	10,1	10,4	6,8	9,4	5,9	10,2	9,6	6,9	7,4	8,3	-13,5
Goiás	10,1	11,8	10,6	8,9	11,8	11,4	11,1	13,3	11,7	11,3	10,6	4,7
Mato Grosso	11,1	13,0	12,4	12,0	12,3	12,6	13,7	14,1	14,3	13,5	17,2	54,6
Mato Grosso do Sul	9,5	10,9	11,3	11,0	10,7	12,0	12,2	11,7	11,7	14,1	13,4	40,9
Centro-Oeste	10,2	11,6	11,1	9,6	11,3	10,8	11,7	12,5	11,4	11,6	12,2	19,2
Brasil	7,5	7,7	7,3	7,2	8,1	8,1	7,7	8,6	8,7	8,9	8,1	8,7

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 3.2.1. Taxas de óbito de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte. Brasil. 2013.



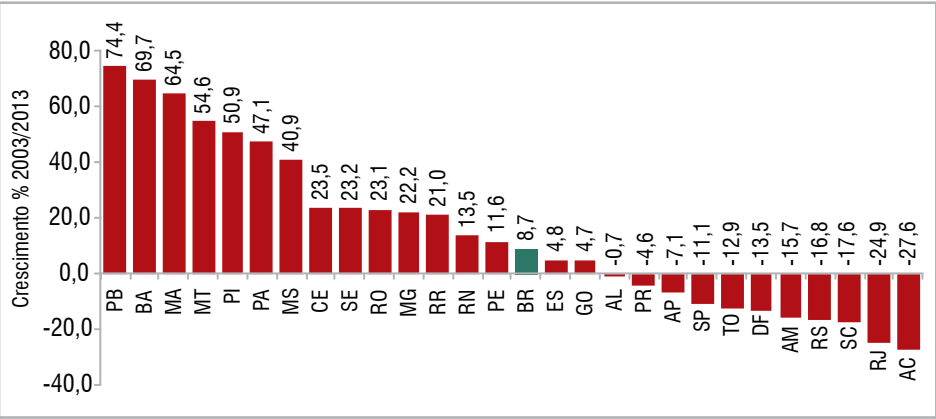
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 3.2.3. Ordenamento das UF's por taxas de óbito de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte. Brasil. 2003-2013.

UF/região	2003		2013	
	Taxa	Pos.	Taxa	Pos.
Mato Grosso	11,1	5º	17,2	1º
Roraima	12,3	4º	14,9	2º
Mato Grosso do Sul	9,5	9º	13,4	3º
Paraná	12,8	3º	12,2	4º
Tocantins	13,4	2º	11,7	5º
Rondônia	9,4	10º	11,6	6º
Santa Catarina	13,8	1º	11,4	7º
Piauí	7,4	16º	11,2	8º
Espírito Santo	10,1	6º	10,6	9º
Goiás	10,1	7º	10,6	10º
Sergipe	8,1	14º	10,0	11º
Paraíba	5,3	23º	9,2	12º
Ceará	7,3	17º	9,0	13º
Pará	5,8	22º	8,5	14º
Minas Gerais	6,8	19º	8,3	15º
Distrito Federal	9,6	8º	8,3	16º
Maranhão	4,9	25º	8,1	17º
Alagoas	7,9	15º	7,8	18º
Rio Grande do Sul	8,5	12º	7,1	19º
Pernambuco	6,1	21º	6,8	20º
São Paulo	7,2	18º	6,4	21º
Bahia	3,7	27º	6,3	22º
Rio de Janeiro	8,3	13º	6,2	23º
Acre	8,5	11º	6,2	24º
Amapá	6,5	20º	6,0	25º
Rio Grande do Norte	5,3	24º	6,0	26º
Amazonas	4,4	26º	3,7	27º

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 3.2.2. Crescimento % das taxas de óbito (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte. Brasil. 2003/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

A tabela 3.2.3 permite contrastar a situação de cada UF nos extremos da década analisada. Observamos uma série de alterações em função do sobe e desce das taxas: Santa Catarina, cujas taxas diminuem na década, cai do primeiro lugar no ranking para o sétimo. Outras Unidades, geralmente pelo aumento de suas taxas, passam a ocupar posições mais altas, como Mato Grosso, que, do quinto lugar, passa ao primeiro.

3.3. Nas capitais

As tabelas e gráficos a seguir permitem verificar que, de forma geral, na década analisada aconteceu um deslocamento de polos nos acidentes de transporte de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos. Se contrastarmos as taxas das UFs e as das Capitais (Gráfico 3.3.1), verificamos que:

- Nos anos iniciais da década, preponderam as taxas das capitais, mas em processo de aproximação com as taxas totais das UFs.
- Entre 2008 e 2010, as taxas se emparelham.
- A partir de 2011, caem mais as taxas das capitais, preponderando as taxas das UFs.

Tabela 3.3.1. Número de óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte nas capitais. Brasil. 2003/2013.

Capital/Região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Belém	53	41	46	26	15	12	18	19	20	19	12	-77,4
Boa Vista	14	7	12	10	9	12	15	11	7	15	26	85,7
Macapá	17	11	14	26	15	13	13	21	12	15	16	-5,9
Manaus	40	59	44	55	38	40	42	53	50	49	25	-37,5
Palmas	16	9	17	16	18	8	14	13	15	17	9	-43,8
Porto Velho	16	18	22	26	26	19	21	36	27	28	24	50,0
Rio Branco	12	15	9	10	12	13	12	12	14	9	12	0,0
Norte	168	160	164	169	133	117	135	165	145	152	124	-26,2
Aracaju	33	30	21	27	34	27	32	36	52	37	31	-6,1
Fortaleza	67	64	76	78	75	40	33	73	57	68	57	-14,9
João Pessoa	26	27	30	28	23	30	31	25	26	21	28	7,7
Maceió	40	37	44	36	35	38	22	23	27	25	21	-47,5
Natal	15	11	16	16	15	15	12	19	4	14	15	0,0
Recife	61	75	68	58	65	50	59	82	56	70	33	-45,9
Salvador	20	20	59	54	45	12	14	33	37	31	21	5,0
São Luís	36	37	40	34	26	30	36	30	46	33	33	-8,3
Teresina	47	38	36	56	52	52	45	61	44	54	46	-2,1
Nordeste	345	339	390	387	370	294	284	382	349	353	285	-17,4
Belo Horizonte	103	91	87	94	95	83	69	62	68	63	61	-40,8
Rio de Janeiro	132	119	109	131	80	89	96	86	80	111	105	-20,5
São Paulo	227	219	226	219	247	219	182	163	188	177	172	-24,2
Vitória	30	20	28	18	21	28	16	20	17	15	19	-36,7
Sudeste	492	449	450	462	443	419	363	331	353	366	357	-27,4
Curitiba	97	80	79	54	56	81	48	46	41	40	30	-69,1
Florianópolis	15	21	17	22	15	16	18	11	14	14	6	-60,0
Porto Alegre	45	48	52	30	33	46	32	28	35	15	26	-42,2
Sul	157	149	148	106	104	143	98	85	90	69	62	-60,5
Brasília	83	89	96	64	82	53	88	80	58	63	72	-13,3
Campo Grande	27	29	39	31	23	37	25	26	31	25	31	14,8
Cuiabá	24	21	20	30	17	17	22	31	35	27	33	37,5
Goiânia	81	100	68	70	84	92	66	86	70	63	40	-50,6
Centro-Oeste	215	239	223	195	206	199	201	223	194	178	176	-18,1
Brasil	1.377	1.336	1.375	1.319	1.256	1.172	1.081	1.186	1.131	1.118	1.004	-27,1

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Isso acontece em situação de elevada disparidade entre as capitais. Em 2013, as diferenças são largas: entre uma taxa de 2,6 vítimas do transporte em Belém, e, no outro extremo, uma taxa de 21,3, registrada em Boa Vista, havia uma diferença de 719%, isto é, acima de 8 vezes a primeira taxa. Vitória também apresenta uma taxa que supera as 20 vítimas para cada 100 mil crianças e adolescentes.

Preocupam também os elevados índices acima de 10 vítimas por 100 mil, em Cuiabá, Teresina, Aracaju, Porto Velho, João Pessoa, Campo Grande e Goiânia.

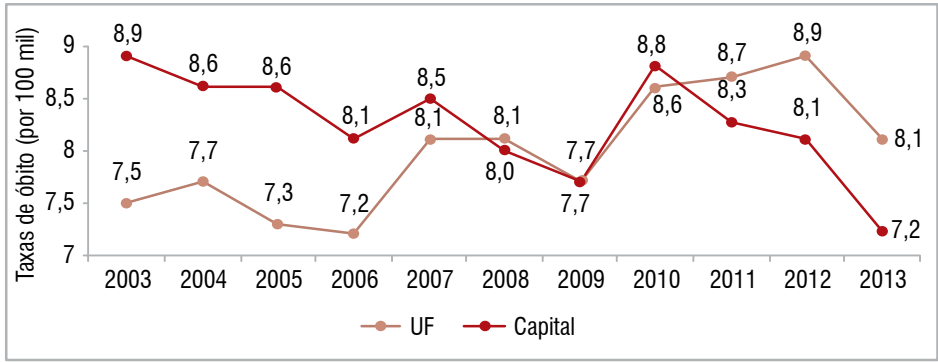
Só nove capitais apresentam crescimento em suas taxas na década. Dessa forma, 18 capitais evidenciaram queda no período. Assim, o saldo nacional foi de queda de 18,8% nos índices de mortalidade por acidentes de transporte na década 2003/2013, fato que podemos considerar altamente positivo.

Tabela 3.3.2. Taxas de óbito (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte nas capitais. Brasil. 2003/2013.

Capital/Região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Belém	9,9	7,5	8,2	4,5	2,9	2,4	3,8	4,2	4,4	4,2	2,6	-73,6
Boa Vista	13,3	6,4	10,4	8,4	8,1	10,8	13,3	9,6	6,0	12,5	21,3	59,8
Macapá	10,8	6,7	8,0	14,3	8,4	7,8	7,8	12,6	7,0	8,6	9,0	-16,8
Manaus	5,8	8,4	5,9	7,2	5,4	5,9	6,2	7,7	7,2	6,9	3,5	-40,0
Palmas	20,8	11,0	18,2	16,2	19,0	10,8	17,7	15,4	17,3	19,0	9,8	-52,9
Porto Velho	9,8	10,9	12,8	14,9	16,3	12,4	13,6	23,1	17,1	17,4	14,7	49,9
Rio Branco	9,4	11,4	6,3	6,8	8,8	10,3	9,3	9,1	10,4	6,6	8,6	-8,3
Norte	9,1	8,4	8,2	8,2	7,0	6,5	7,5	9,2	8,0	8,2	6,6	-27,2
Aracaju	17,5	15,8	10,7	13,6	19,3	14,8	17,8	20,3	29,0	20,3	16,8	-4,1
Fortaleza	7,3	6,9	7,9	8,0	8,4	4,5	4,0	9,4	7,3	8,6	7,1	-2,5
João Pessoa	10,7	11,0	11,8	10,8	9,9	12,9	13,6	11,2	11,5	9,2	12,1	13,3
Maceió	11,5	10,4	11,9	9,5	9,7	10,8	6,6	7,3	8,4	7,7	6,4	-44,2
Natal	5,1	3,7	5,2	5,2	5,4	5,5	4,6	7,7	1,6	5,6	5,9	16,6
Recife	11,5	14,0	12,4	10,5	13,2	10,2	12,6	18,3	12,4	15,5	7,3	-36,9
Salvador	2,1	2,0	5,9	5,3	5,0	1,3	1,6	4,3	4,8	4,0	2,7	27,5
São Luís	9,0	9,1	9,5	7,9	6,8	8,2	10,2	8,9	13,5	9,6	9,4	4,9
Teresina	14,7	11,7	10,7	16,4	17,1	17,7	16,1	23,0	16,4	19,9	16,8	14,4
Nordeste	8,2	8,0	8,9	8,7	9,2	7,3	7,5	10,7	9,7	9,7	7,8	-5,0
Belo Horizonte	13,1	11,4	10,7	11,5	13,0	11,5	10,2	9,8	10,7	9,9	9,5	-27,3
Rio de Janeiro	7,1	6,3	5,7	6,8	4,5	5,1	5,6	5,1	4,7	6,5	6,1	-13,9
São Paulo	6,2	5,9	6,0	5,8	7,2	6,5	5,6	5,1	5,9	5,5	5,3	-14,1
Vitória	28,5	18,8	25,7	16,3	21,9	29,9	17,6	22,6	19,1	16,7	21,0	-26,5
Sudeste	7,7	6,9	6,8	7,0	7,3	7,1	6,3	5,9	6,3	6,5	6,3	-18,4
Curitiba	16,8	13,6	13,0	8,7	10,0	14,7	9,2	9,4	8,3	8,1	6,0	-64,3
Florianópolis	11,9	16,3	12,6	15,9	12,4	13,9	16,1	10,2	12,8	12,6	5,3	-55,2
Porto Alegre	10,0	10,6	11,3	6,5	7,9	11,4	8,3	7,6	9,5	4,1	7,0	-29,8
Sul	13,6	12,8	12,3	8,7	9,5	13,4	9,6	8,8	9,3	7,1	6,3	-53,6
Brasília	9,6	10,1	10,4	6,8	9,4	5,9	10,2	9,6	6,9	7,4	8,3	-13,5
Campo Grande	9,8	10,4	13,4	10,4	8,6	14,8	10,0	10,5	12,3	9,8	12,0	22,9
Cuiabá	11,7	10,1	9,3	13,7	8,9	9,2	12,2	17,7	19,8	15,1	18,3	56,3
Goiânia	19,4	23,6	15,5	15,7	21,4	23,3	17,0	22,5	18,1	16,1	10,1	-48,0
Centro-Oeste	12,2	13,3	12,0	10,3	12,0	11,5	11,9	13,6	11,7	10,6	10,3	-15,2
Brasil	8,9	8,6	8,6	8,1	8,5	8,0	7,7	8,8	8,3	8,1	7,2	-18,8

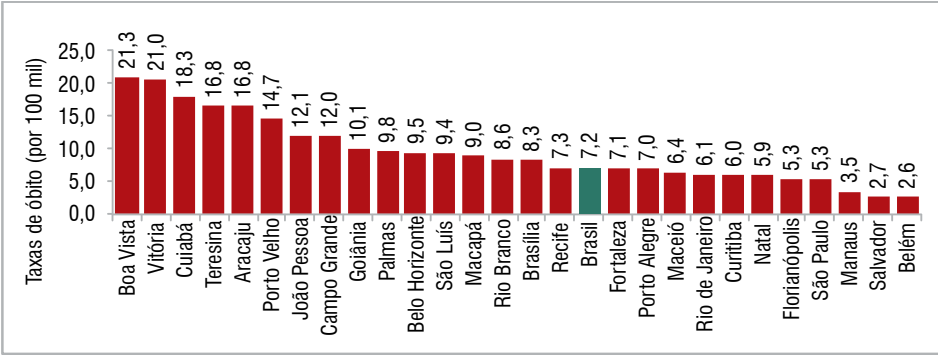
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 3.3.1. Taxas de óbito por acidentes de transporte de crianças e adolescentes <1 a 19 anos nas UF e nas Capitais. Brasil. 2003/2013.



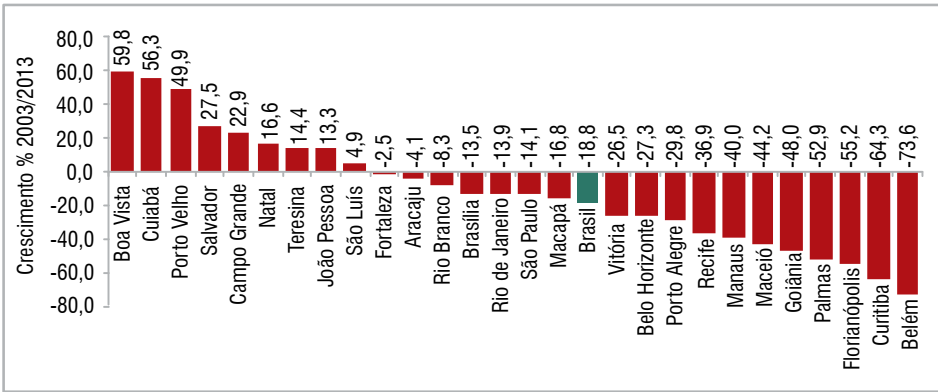
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 3.3.2. Ordenamento das taxas de óbito de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) em acidentes de transporte nas Capitais. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 3.3.3. Ordenamento do crescimento (%) das taxas de óbito de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) em acidentes de transporte nas Capitais. Brasil. 2003/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

3.4. Nos municípios

Na lista a seguir, encontram-se os 100 municípios com mais de 10 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade, com as maiores taxas de mortalidade por acidentes de transporte nessa faixa etária. Os municípios com mais de 10 mil crianças e adolescentes totalizam 1.169. A inclusão na lista não implica responsabilizar o município pelos fatos. De acordo com as circunstâncias, o problema pode ser da esfera federal ou da estadual. Mas observamos a existência de grande número de municípios com taxas muito elevadas de mortalidade, principalmente de motociclistas, como Presidente Dutra, no Maranhão.

Tab. 3.4.1. Ordenamento dos 100 municípios com + de 10 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos, com as maiores taxas (em 100 mil) de mortalidade em acidentes de transporte. Brasil.

Município	UF	População	Óbitos acid. transporte					Taxa (x100 mil)	Situação no trnsito (em %)						Posição
			2009	2010	2011	2012	2013		Pedestre	Ciclista	Motocicleta	Automóvel	Outros	Total	
Presidente Dutra	MA	17633	4	6	17	25	15	76,0	14,9	0,0	65,7	11,9	7,5	100,0	1º
Barbalha	CE	20450	13	18	14	13	16	72,4	9,5	4,1	20,3	1,4	64,9	100,0	2º
Rio do Sul	SC	17925	8	7	11	7	7	44,6	17,5	0,0	37,5	42,5	2,5	100,0	3º
Mangaratiba	RJ	11363	4	1	4	11	3	40,5	8,7	0,0	17,4	52,2	21,7	100,0	4º
Sobral	CE	69531	20	24	31	25	34	38,5	8,2	2,2	55,2	7,5	26,9	100,0	5º
Campina Grande do Sul	PR	14120	4	8	4	5	5	36,8	23,1	0,0	3,8	15,4	57,7	100,0	6º
Francisco Beltrão	PR	25051	8	12	10	6	8	35,1	20,5	13,6	31,8	31,8	2,3	100,0	7º
Cianorte	PR	20935	7	10	10	5	2	32,5	2,9	5,9	38,2	52,9	0,0	100,0	8º
Cornélio Procopio	PR	13004	6	3	2	5	5	32,3	4,8	0,0	23,8	66,7	4,8	100,0	9º
Santa Helena de Goiás	GO	11360	1	0	4	6	7	31,7	5,6	0,0	16,7	22,2	55,6	100,0	10º
Umuarama	PR	29211	5	8	11	9	10	29,4	2,3	4,7	51,2	39,5	2,3	100,0	11º
Tubarão	SC	26308	6	10	8	6	8	28,9	21,1	10,5	50,0	18,4	0,0	100,0	12º
Chapecó	SC	58785	14	15	29	15	11	28,6	22,6	6,0	23,8	44,0	3,6	100,0	13º
Campo Mourão	PR	27326	6	8	8	11	6	28,5	20,5	7,7	41,0	25,6	5,1	100,0	14º
Pato Branco	PR	23182	6	5	7	6	8	27,6	18,8	0,0	21,9	50,0	9,4	100,0	15º
Medianeira	PR	13165	4	1	4	3	6	27,3	22,2	0,0	16,7	27,8	33,3	100,0	16º

(Continua)

Tabela 3.4.1. (Continuação)

Município	UF	População	Óbitos acid. transporte					Taxa (x100 mil)	Situação no trnsito (em %)						Posição
			2009	2010	2011	2012	2013		Pedestre	Ciclista	Motocicleta	Automóvel	Outros	Total	
Arapiraca	AL	80892	22	25	15	22	26	27,2	26,4	1,8	29,1	1,8	40,9	100,0	17º
Toledo	PR	36930	11	12	11	5	9	26,0	12,5	4,2	14,6	8,3	60,4	100,0	18º
Picos	PI	24862	8	3	12	5	4	25,7	21,9	12,5	56,3	9,4	0,0	100,0	19º
Torres	RS	10165	1	3	2	4	3	25,6	15,4	7,7	53,8	15,4	7,7	100,0	20º
Arapongas	PR	30825	4	9	14	8	4	25,3	2,6	15,4	41,0	35,9	5,1	100,0	21º
São Miguel do Oeste	SC	10347	2	2	3	4	2	25,1	15,4	7,7	46,2	7,7	23,1	100,0	22º
Dourados	MS	66501	15	12	18	20	18	25,0	20,5	8,4	39,8	22,9	8,4	100,0	23º
Imperatriz	MA	91828	13	21	26	32	17	23,7	17,4	4,6	30,3	11,9	35,8	100,0	24º
Alfenas	MG	22246	6	4	3	5	8	23,4	19,2	0,0	19,2	50,0	11,5	100,0	25º
Cachoeiro de Itapemirim	ES	58488	11	21	18	10	8	23,3	10,3	2,9	60,3	17,6	8,8	100,0	26º
Trindade	PE	11226	0	7	1	1	4	23,2	0,0	0,0	69,2	15,4	15,4	100,0	27º
Gaspar	SC	18258	3	2	11	2	3	23,0	4,8	9,5	42,9	38,1	4,8	100,0	28º
Redenção	PA	30688	3	7	5	10	10	22,8	8,6	2,9	37,1	2,9	48,6	100,0	29º
Teófilo Otoni	MG	43654	11	9	13	11	5	22,4	10,2	18,4	26,5	38,8	6,1	100,0	30º
Guarapuava	PR	58931	11	14	10	13	18	22,4	31,8	3,0	10,6	19,7	34,8	100,0	31º
Campina Grande	PB	127065	25	25	26	37	28	22,2	0,0	2,1	33,3	0,0	64,5	100,0	32º
Palmeira	PR	10870	4	3	2	0	3	22,1	8,3	0,0	0,0	33,3	58,3	100,0	33º
Correntina	BA	11785	0	0	4	2	7	22,1	0,0	0,0	0,0	100,0	0,0	100,0	34º
Rondonópolis	MT	65575	12	18	14	16	12	22,0	4,2	0,0	41,7	19,4	34,7	100,0	35º
Jales	SP	11907	0	3	3	5	2	21,8	0,0	0,0	7,7	7,7	84,6	100,0	36º
Manhuaçu	MG	27642	3	8	4	10	5	21,7	3,3	0,0	33,3	60,0	3,3	100,0	37º
Salinas	MG	12952	7	3	2	0	2	21,6	0,0	0,0	7,1	57,1	35,7	100,0	38º
Sorriso	MT	24998	7	2	4	8	6	21,6	14,8	14,8	55,6	14,8	0,0	100,0	39º
Mineiros	GO	17653	1	5	0	5	8	21,5	5,3	5,3	36,8	42,1	10,5	100,0	40º
Campo Novo do Parecis	MT	10394	2	1	1	3	4	21,2	9,1	0,0	36,4	36,4	18,2	100,0	41º
Jaraguá do Sul	SC	42567	10	5	12	10	8	21,1	13,3	11,1	44,4	31,1	0,0	100,0	42º
Jacarezinho	PR	12410	1	6	2	2	2	21,0	0,0	0,0	38,5	46,2	15,4	100,0	43º
Aracaju	SE	179552	32	36	52	37	31	20,9	20,7	3,7	58,5	11,2	5,9	100,0	44º
Itajubá	MG	26780	5	5	6	5	7	20,9	32,1	0,0	17,9	46,4	3,6	100,0	45º
Passo Fundo	RS	55598	19	10	7	13	9	20,9	12,1	1,7	13,8	29,3	43,1	100,0	46º

(Continua)

Tabela 3.4.1. (Continuação)

Município	UF	População	Óbitos acid. transporte					Taxa (x100 mil)	Situação no trnsito (em %)						Posição
			2009	2010	2011	2012	2013		Pedestre	Ciclista	Motocicleta	Automóvel	Outros	Total	
Itapemirim	ES	10610	1	5	0	2	3	20,7	36,4	0,0	54,5	9,1	0,0	100,0	47º
Apucarana	PR	36785	5	4	8	12	9	20,7	15,8	7,9	36,8	39,5	0,0	100,0	48º
Ouricuri	PE	27108	5	8	6	8	1	20,7	10,7	3,6	39,3	42,9	3,6	100,0	49º
São Mateus	ES	39112	6	11	7	9	7	20,5	22,5	0,0	17,5	40,0	20,0	100,0	50º
Imbituba	SC	11795	4	0	5	0	3	20,3	16,7	8,3	16,7	58,3	0,0	100,0	51º
Cruz Alta	RS	18754	2	8	4	2	3	20,3	21,1	15,8	15,8	31,6	15,8	100,0	52º
Araçatuba	SP	47520	10	6	12	16	4	20,2	6,3	8,3	16,7	10,4	58,3	100,0	53º
Mafra	SC	16881	2	4	3	3	5	20,1	35,3	0,0	35,3	29,4	0,0	100,0	54º
Sinop	MT	41714	4	5	8	8	17	20,1	9,5	16,7	52,4	19,0	2,4	100,0	55º
Diamantina	MG	15922	2	5	3	6	0	20,1	6,3	0,0	37,5	25,0	31,3	100,0	56º
Cáceres	MT	32109	5	5	10	4	8	19,9	3,1	12,5	50,0	15,6	18,8	100,0	57º
Riacho de Santana	BA	11067	4	2	2	2	1	19,9	9,1	0,0	27,3	36,4	27,3	100,0	58º
Campos Sales	CE	10102	0	0	2	5	3	19,8	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	100,0	59º
Caetité	BA	16321	3	3	4	3	3	19,6	0,0	0,0	18,8	68,8	12,5	100,0	60º
Posse	GO	12260	2	5	2	0	3	19,6	0,0	0,0	8,3	75,0	16,7	100,0	61º
Santo Ângelo	RS	22521	3	5	3	7	4	19,5	4,5	0,0	27,3	68,2	0,0	100,0	62º
Vitória	ES	89237	16	20	17	15	19	19,5	29,9	10,3	31,0	23,0	5,7	100,0	63º
Novo Oriente	CE	10312	0	1	3	4	2	19,4	10,0	0,0	20,0	10,0	60,0	100,0	64º
Santa Rosa	RS	19620	7	6	3	1	2	19,4	5,3	0,0	42,1	47,4	5,3	100,0	65º
Gurupi	TO	26856	3	5	5	6	7	19,4	11,5	0,0	15,4	73,1	0,0	100,0	66º
Altamira	PA	41351	8	6	10	9	7	19,3	12,5	5,0	67,5	10,0	5,0	100,0	67º
Ananindeua	PA	170319	12	33	28	48	43	19,3	76,2	3,0	19,5	0,0	1,2	100,0	68º
Ijuí	RS	21970	8	5	2	0	6	19,1	14,3	14,3	9,5	4,8	57,1	100,0	69º
Ponte Nova	MG	16766	2	1	4	7	2	19,1	31,3	12,5	25,0	31,3	0,0	100,0	70º
São Francisco de Itabapoana	RJ	13690	3	4	3	0	3	19,0	7,7	0,0	38,5	15,4	38,5	100,0	71º
Quedas do Iguaçu	PR	11598	2	2	0	1	6	19,0	0,0	0,0	9,1	90,9	0,0	100,0	72º
Cacoal	RO	27551	3	5	8	4	6	18,9	11,5	11,5	53,8	15,4	7,7	100,0	73º
Dois Vizinhos	PR	11697	3	2	2	1	3	18,8	27,3	0,0	36,4	27,3	9,1	100,0	74º
Tucumã	PA	13896	3	4	3	1	2	18,7	0,0	0,0	84,6	0,0	15,4	100,0	75º

(Continua)

34 Tabela 3.4.1. (Continuação)

3. MORTALIDADE POR ACIDENTES DE TRANSPORTE

Município	UF	População	Óbitos acid. transporte					Taxa (x100 mil)	Situação no trnsito (em %)						Posição
			2009	2010	2011	2012	2013		Pedestre	Ciclista	Motocicleta	Automóvel	Outros	Total	
Ubá	MG	31113	8	5	5	7	4	18,6	24,1	6,9	34,5	10,3	24,1	100,0	76º
Teresina	PI	268373	45	61	44	54	46	18,6	15,6	3,6	60,8	3,6	16,4	100,0	77º
São Geraldo do Araguaia	PA	10763	2	2	2	2	2	18,6	0,0	0,0	60,0	10,0	30,0	100,0	78º
Muriae	MG	29237	2	3	12	6	4	18,5	0,0	7,4	18,5	0,0	74,1	100,0	79º
Colatina	ES	32504	7	3	8	6	6	18,5	20,0	0,0	46,7	13,3	20,0	100,0	80º
Patos de Minas	MG	40546	5	9	10	8	5	18,3	24,3	8,1	21,6	16,2	29,7	100,0	81º
Uruaçu	GO	12066	3	5	2	1	0	18,2	18,2	9,1	36,4	36,4	0,0	100,0	82º
Anápolis	GO	108828	17	22	25	17	18	18,2	18,2	4,0	27,3	21,2	29,3	100,0	83º
Confresa	MT	10059	2	2	2	3	0	17,9	0,0	11,1	33,3	33,3	22,2	100,0	84º
Eldorado do Carajás	PA	14540	1	3	5	1	3	17,9	0,0	0,0	15,4	69,2	15,4	100,0	85º
Vera Cruz	BA	13425	2	1	4	2	3	17,9	75,0	0,0	8,3	8,3	8,3	100,0	86º
Goianésia do Pará	PA	13491	2	1	2	1	6	17,8	16,7	0,0	25,0	0,0	58,3	100,0	87º
Pedreiras	MA	14653	3	3	5	0	2	17,7	15,4	0,0	76,9	0,0	7,7	100,0	88º
Milagres	CE	10153	1	3	1	1	3	17,7	11,1	0,0	11,1	11,1	66,7	100,0	89º
Cascavel	PR	92972	23	12	23	14	10	17,6	20,7	1,2	41,5	30,5	6,1	100,0	90º
Vitória da Conquista	BA	105653	13	18	16	23	23	17,6	8,6	1,1	16,1	25,8	48,4	100,0	91º
Viçosa	AL	10266	2	2	1	1	3	17,5	22,2	11,1	11,1	0,0	55,6	100,0	92º
Itaberaí	GO	11424	1	1	7	1	0	17,5	10,0	0,0	0,0	10,0	80,0	100,0	93º
Marabá	PA	99596	14	23	18	14	18	17,5	40,2	0,0	25,3	9,2	25,3	100,0	94º
Araranguá	SC	19504	6	2	5	2	2	17,4	29,4	11,8	17,6	23,5	17,6	100,0	95º
Lajeado	RS	19516	5	2	5	2	3	17,4	29,4	0,0	47,1	23,5	0,0	100,0	96º
Vassouras	RJ	10366	3	0	2	1	3	17,4	11,1	11,1	66,7	11,1	0,0	100,0	97º
Bertioga	SP	17397	5	1	3	2	4	17,2	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0	100,0	98º
Colinas	MA	17437	2	3	5	3	2	17,2	26,7	0,0	60,0	13,3	0,0	100,0	99º
Porto Velho	RO	158294	21	36	27	28	24	17,2	8,1	4,4	24,3	4,4	58,8	100,0	100º

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

3.5. Estatísticas internacionais

As tabelas que vão de 3.5.1 a 3.5.6, permitem detalhar a situação do Brasil no contexto internacional, comparando as últimas taxas do país com as taxas equivalentes em mais 87 países do mundo. Como esclarecido no capítulo metodológico, para as comparações internacionais foram utilizadas as bases de dados de mortalidade do sistema de estatísticas da Organização Mundial da Saúde. Mas, como os países-membro enviam suas informações em datas muito diferentes, foram usados os últimos dados disponibilizados por cada país entre 2010 e 2013. Dessa forma, foi possível completar os dados de óbitos em acidentes de transporte de crianças e adolescentes de 88 países do mundo.

Nos últimos anos, a escalada de violência, apontada em capítulos anteriores, centrada na elevada mortalidade dos acidentes com motocicletas, posicionou o Brasil entre os 15 primeiros países em letalidade de acidentes de transporte. Assim, para as taxas de óbito (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade, temos o seguinte panorama:

- <1 ano de idade: taxa 4,0; 11ª posição.
- 1 a 4 anos de idade: taxa 3,3; 14ª posição.
- 5 a 9 anos de idade: taxa 3,3; 14ª posição.
- 10 a 14 anos de idade: taxa 4,3; 11ª posição.
- 15 a 19 anos de idade: taxa 20,1; 10ª posição.
- <1 a 19 anos de idade: taxa 8,1; 9ª posição.

As tabelas a seguir destacam a posição do Brasil no contexto de 88 países do mundo:

Tab. 3.5.1. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças de <1 ano de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Taxa	Pos.	PAÍS	Taxa	Pos.
Barbados	28,6	1º	Jordânia	0,5	45º
Itália	13,9	2º	Espanha	0,5	46º
México	13,2	3º	Alemanha	0,3	47º
Peru	12,2	4º	Maurícia	0,2	48º
Israel	12,2	5º	Armênia	0,0	49º
Arábia Saudita	11,0	6º	Aruba	0,0	49º
Rep. da Moldávia	5,2	7º	Áustria	0,0	49º
Quirguistão	4,6	8º	Bahrain	0,0	49º
Panamá	4,5	9º	Belize	0,0	49º
Uruguai	4,5	10º	Bermudas	0,0	49º
Brasil	4,0	11º	Brunei Darussalam	0,0	49º
Chile	3,7	12º	Bulgária	0,0	49º
Paraguai	3,6	13º	Chipre	0,0	49º
África Do Sul	3,2	14º	Costa Rica	0,0	49º
Fed. Russa	3,2	15º	Dinamarca	0,0	49º
Ucrânia	2,8	16º	Dominica	0,0	49º
Croácia	2,5	17º	Escócia	0,0	49º
Austrália	2,4	18º	Eslovênia	0,0	49º
Argentina	2,3	19º	Estônia	0,0	49º
Porto Rico	2,3	20º	Fiji	0,0	49º
Hungria	2,3	21º	Finlândia	0,0	49º
Egito	2,3	22º	Geórgia	0,0	49º
EUA	2,0	23º	Guadalupe	0,0	49º
Romênia	2,0	24º	Guiana	0,0	49º
Guatemala	1,9	25º	Holanda	0,0	49º
Cuba	1,8	26º	Hong Kong SAR	0,0	49º
Colômbia	1,7	27º	Ilhas Cayman	0,0	49º
Nova Zelândia	1,6	28º	Ilhas Virgens	0,0	49º
Rep. Dominicana	1,6	29º	Irlanda Do Norte	0,0	49º
Japão	1,3	30º	Kuwait	0,0	49º
Irlanda	1,3	31º	Letônia	0,0	49º
Rep. da Coreia	1,3	32º	Lituânia	0,0	49º
Suíça	1,2	33º	Luxemburgo	0,0	49º
Honduras	1,2	34º	Malta	0,0	49º
Polônia	1,1	35º	Nicarágua	0,0	49º
El Salvador	1,0	36º	Noruega	0,0	49º
Rep. Tcheca	0,9	37º	Portugal	0,0	49º
Belarus	0,9	38º	Reino Unido	0,0	49º
Suécia	0,9	39º	Santa Lúcia	0,0	49º
Canadá	0,9	40º	Sérvia	0,0	49º
Marrocos	0,8	41º	Singapura	0,0	49º
Síria	0,8	42º	Suriname	0,0	49º
Bélgica	0,8	43º	TFYR Macedónia	0,0	49º
França	0,5	44º	Tunísia	0,0	49º

Fonte: Whosis. Census

Tab. 3.5.2. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças de 1 a 4 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Taxa	Pos.	PAÍS	Taxa	Pos.
México	18,6	1º	França	1,3	45º
Israel	15,7	2º	Rep. Tcheca	1,3	46º
Peru	14,8	3º	Marrocos	1,2	47º
Egito	8,2	4º	Eslovénia	1,2	48º
Belize	6,1	5º	Dinamarca	1,2	49º
África Do Sul	5,7	6º	Polônia	1,1	50º
TFYR Macedónia	5,6	7º	Portugal	1,1	51º
Panamá	4,1	8º	Bulgária	1,1	52º
Argentina	4,0	9º	Cuba	1,1	53º
Síria	3,8	10º	Espanha	1,0	54º
Chile	3,8	11º	Tunísia	1,0	55º
Paraguai	3,6	12º	Finlândia	0,9	56º
Fed. Russa	3,4	13º	Luxemburgo	0,8	57º
Brasil	3,3	14º	Noruega	0,8	58º
Arábia Saudita	3,1	15º	Singapura	0,7	59º
Quirguistão	3,1	16º	Rep. da Moldávia	0,6	60º
EUA	2,9	17º	Áustria	0,6	61º
Bahrain	2,8	18º	Armênia	0,6	62º
Costa Rica	2,7	19º	Honduras	0,5	63º
Fiji	2,7	20º	Holanda	0,5	64º
Suriname	2,5	21º	Hungria	0,5	65º
Colômbia	2,5	22º	Alemanha	0,4	66º
Austrália	2,5	23º	Escócia	0,4	67º
Itália	2,4	24º	Reino Unido	0,4	68º
Nicarágua	2,3	25º	Letônia	0,4	69º
Romênia	2,2	26º	Irlanda Do Norte	0,4	70º
Ucrânia	2,2	27º	Suíça	0,3	71º
Belarus	2,2	28º	Aruba	0,0	72º
Rep. da Coreia	2,1	29º	Barbados	0,0	72º
El Salvador	2,1	30º	Bermudas	0,0	72º
Nova Zelândia	2,0	31º	Brunei Darussalam	0,0	72º
Canadá	2,0	32º	Chipre	0,0	72º
Rep. Dominicana	1,9	33º	Dominica	0,0	72º
Japão	1,9	34º	Geórgia	0,0	72º
Guiana	1,9	35º	Guadalupe	0,0	72º
Irlanda	1,8	36º	Hong Kong SAR	0,0	72º
Croácia	1,8	37º	Ilhas Cayman	0,0	72º
Kuwait	1,7	38º	Ilhas Virgens	0,0	72º
Porto Rico	1,7	39º	Lituânia	0,0	72º
Uruguai	1,6	40º	Malta	0,0	72º
Estônia	1,6	41º	Maurícia	0,0	72º
Bélgica	1,5	42º	Santa Lúcia	0,0	72º
Guatemala	1,5	43º	Sérvia	0,0	72º
Jordânia	1,4	44º	Suécia	0,0	72º

Fonte: Whosis. Census

Tab. 3.5.3. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças de 5 a 9 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Taxa	Pos.	PAÍS	Taxa	Pos.
Dominica	18,6	1º	Uruguai	1,2	45º
México	12,2	2º	Hungria	1,2	46º
Israel	11	3º	Canadá	1,1	47º
Peru	10,6	4º	Eslovênia	1,1	48º
Bahrain	6	5º	Escócia	1,1	49º
Egito	5,2	6º	Letônia	1,1	50º
Belize	5	7º	Portugal	1	51º
África Do Sul	4,9	8º	França	1	52º
Guiana	4,5	9º	Dinamarca	0,9	53º
Romênia	4,2	10º	Marrocos	0,9	54º
Lituânia	4	11º	TFYR Macedônia	0,9	55º
Fed. Russa	4	12º	Porto Rico	0,8	56º
Quirguistão	3,4	13º	Jordânia	0,8	57º
Brasil	3,3	14º	Suíça	0,8	58º
Arábia Saudita	3,2	15º	Espanha	0,8	59º
Itália	3,1	16º	Finlândia	0,7	60º
Brunei Darussalam	3	17º	Bélgica	0,6	61º
El Salvador	3	18º	Bulgária	0,6	62º
Costa Rica	2,8	19º	Rep. Tcheca	0,6	63º
Panamá	2,7	20º	Alemanha	0,5	64º
Armênia	2,7	21º	Singapura	0,5	65º
Belarus	2,7	22º	Geórgia	0,4	66º
Rep. da Moldávia	2,7	23º	Suécia	0,4	67º
Rep. Dominicana	2,5	24º	Nova Zelândia	0,3	68º
Colômbia	2,5	25º	Reino Unido	0,3	69º
Nicarágua	2,4	26º	Noruega	0,3	70º
Ucrânia	2,4	27º	Holanda	0,3	71º
Paraguai	2,3	28º	Honduras	0,3	72º
Chile	2,2	29º	Irlanda	0,3	73º
EUA	2,1	30º	Irlanda Do Norte	0,3	74º
Austrália	2	31º	Hong Kong SAR	0,3	75º
Suriname	2	32º	Áustria	0,2	76º
Síria	2	33º	Maurícia	0,1	77º
Cuba	2	34º	Aruba	0	78º
Croácia	1,9	35º	Barbados	0	78º
Argentina	1,9	36º	Bermudas	0	78º
Japão	1,9	37º	Chipre	0	78º
Rep. da Coreia	1,9	38º	Estônia	0	78º
Fiji	1,8	39º	Guadalupe	0	78º
Guatemala	1,7	40º	Ilhas Cayman	0	78º
Kuwait	1,7	41º	Ilhas Virgens	0	78º
Polônia	1,6	42º	Luxemburgo	0	78º
Tunísia	1,5	43º	Malta	0	78º
Sérvia	1,4	44º	Santa Lúcia	0	78º

Fonte: Whosis. Census

Tab. 3.5.4. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Taxa	Pos.	PAÍS	Taxa	Pos.
México	24,3	1º	Hungria	1,7	45º
Dominica	18,5	2º	Armênia	1,7	46º
Aruba	15,1	3º	Bahrain	1,5	47º
Peru	9,3	4º	Áustria	1,4	48º
Lituânia	8,9	5º	Marrocos	1,4	49º
Israel	8,8	6º	Croácia	1,4	50º
Belize	7,8	7º	Finlândia	1,4	51º
Egito	5,7	8º	Rep. da Coreia	1,4	52º
Guiana	5,5	9º	Suíça	1,2	53º
Fed. Russa	4,9	10º	Dinamarca	1,2	54º
Brasil	4,3	11º	França	1,1	55º
Quirguistão	4,2	12º	Irlanda Do Norte	1,0	56º
Itália	4,2	13º	Portugal	1,0	57º
El Salvador	4,2	14º	Honduras	1,0	58º
Uruguai	4,1	15º	Japão	1,0	59º
Suriname	3,7	16º	Espanha	0,9	60º
Romênia	3,6	17º	Tunísia	0,9	61º
Rep. Dominicana	3,6	18º	Rep. Tcheca	0,9	62º
Colômbia	3,5	19º	Letônia	0,9	63º
Fiji	3,2	20º	Suécia	0,8	64º
Guadalupe	3,2	21º	Alemanha	0,8	65º
Argentina	3,1	22º	TFYR Macedónia	0,8	66º
Paraguai	3,1	23º	Porto Rico	0,7	67º
Panamá	3,1	24º	Escócia	0,7	68º
Chile	3,1	25º	Reino Unido	0,7	69º
Belarus	2,9	26º	Irlanda	0,7	70º
Brunei Darussalam	2,8	27º	Bélgica	0,6	71º
Ucrânia	2,7	28º	Holanda	0,5	72º
África Do Sul	2,7	29º	Singapura	0,4	73º
Síria	2,6	30º	Jordânia	0,4	74º
Arábia Saudita	2,6	31º	Hong Kong SAR	0,2	75º
EUA	2,6	32º	Maurícia	0,1	76º
Costa Rica	2,6	33º	Noruega	0,0	77º
Nova Zelândia	2,4	34º	Barbados	0,0	77º
Nicarágua	2,4	35º	Bermudas	0,0	77º
Polónia	2,4	36º	Chipre	0,0	77º
Cuba	2,2	37º	Eslovénia	0,0	77º
Guatemala	2,1	38º	Estônia	0,0	77º
Kuwait	2,1	39º	Geórgia	0,0	77º
Rep. da Moldávia	2,1	40º	Ilhas Cayman	0,0	77º
Sérvia	2,0	41º	Ilhas Virgens	0,0	77º
Austrália	1,9	42º	Luxemburgo	0,0	77º
Bulgária	1,9	43º	Malta	0,0	77º
Canadá	1,8	44º	Santa Lúcia	0,0	77º

Fonte: Whosis. Census

Tab. 3.5.5. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de adolescentes de 15 a 19 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Taxa	Pos.	PAÍS	Taxa	Pos.
México	65,1	1º	Hungria	1,7	45º
Itália	36,7	2º	Armênia	1,7	46º
Dominica	32,2	3º	Bahrain	1,5	47º
Aruba	26,6	4º	Áustria	1,4	48º
Paraguai	24,0	5º	Marrocos	1,4	49º
Peru	23,7	6º	Croácia	1,4	50º
Israel	23,6	7º	Finlândia	1,4	51º
Lituânia	20,9	8º	Rep. da Coreia	1,4	52º
Guadalupe	20,6	9º	Suíça	1,2	53º
Brasil	20,1	10º	Dinamarca	1,2	54º
Fed. Russa	18,8	11º	França	1,1	55º
Argentina	18,8	12º	Irlanda Do Norte	1,0	56º
Uruguai	17,7	13º	Portugal	1,0	57º
Guiana	16,4	14º	Honduras	1,0	58º
Rep. Dominicana	16,3	15º	Japão	1,0	59º
Belarus	15,0	16º	Espanha	0,9	60º
Costa Rica	14,3	17º	Tunísia	0,9	61º
EUA	14,2	18º	Rep. Tcheca	0,9	62º
Egito	13,5	19º	Letônia	0,9	63º
Ucrânia	13,4	20º	Suécia	0,8	64º
Nova Zelândia	13,2	21º	Alemanha	0,8	65º
Croácia	13,0	22º	TFYR Macedónia	0,8	66º
Suriname	12,5	23º	Porto Rico	0,7	67º
Rep. da Moldávia	12,4	24º	Escócia	0,7	68º
Polônia	12,1	25º	Reino Unido	0,7	69º
Estônia	12,0	26º	Irlanda	0,7	70º
Bahrain	11,8	27º	Bélgica	0,6	71º
Brunei Darussalam	11,4	28º	Holanda	0,5	72º
Romênia	11,3	29º	Singapura	0,4	73º
Arábia Saudita	10,8	30º	Jordânia	0,4	74º
Colômbia	10,7	31º	Hong Kong SAR	0,2	75º
Chipre	10,3	32º	Maurícia	0,1	76º
Canadá	10,2	33º	Noruega	0,0	77º
Panamá	9,9	34º	Barbados	0,0	77º
Porto Rico	9,5	35º	Bermudas	0,0	77º
Bulgária	9,2	36º	Chipre	0,0	77º
Rep. Tcheca	9,1	37º	Eslovênia	0,0	77º
França	8,8	38º	Estônia	0,0	77º
Austrália	8,6	39º	Geórgia	0,0	77º
Irlanda	8,6	40º	Ilhas Cayman	0,0	77º
África Do Sul	8,3	41º	Ilhas Virgens	0,0	77º
Belize	8,3	42º	Luxemburgo	0,0	77º
Quirguistão	8,2	43º	Malta	0,0	77º
Japão	8,1	44º	Santa Lúcia	0,0	77º

Fonte: Whosis. Census

Tab. 3.5.6. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Taxa	Pos.	PAÍS	Taxa	Pos.
México	28,6	1º	Bulgária	3,2	45º
Dominica	17,7	2º	Síria	3,1	46º
Israel	14,8	3º	Kuwait	3,0	47º
Peru	14,7	4º	Rep. da Coreia	3,0	48º
Itália	11,3	5º	Chipre	3,0	49º
Aruba	11,1	6º	França	3,0	50º
Paraguai	8,9	7º	Rep. Tcheca	2,9	51º
Lituânia	8,6	8º	Cuba	2,8	52º
Brasil	8,1	9º	Fiji	2,8	53º
Fed. Russa	7,9	10º	Sérvia	2,8	54º
Egito	7,5	11º	Guatemala	2,7	55º
Guiana	7,0	12º	Barbados	2,7	56º
Rep. Dominicana	6,6	13º	Noruega	2,7	57º
Uruguai	6,5	14º	Irlanda	2,6	58º
Belize	6,4	15º	Bélgica	2,6	59º
Argentina	6,2	16º	Escócia	2,6	60º
Guadalupe	6,1	17º	Finlândia	2,5	61º
Belarus	6,0	18º	Alemanha	2,5	62º
Bahrain	5,7	19º	Áustria	2,4	63º
Costa Rica	5,7	20º	TFYR Macedónia	2,3	64º
EUA	5,6	21º	Dinamarca	2,2	65º
Ucrânia	5,4	22º	Suíça	2,0	66º
Romênia	5,4	23º	Santa Lúcia	2,0	67º
Rep. da Moldávia	5,2	24º	Letônia	1,9	68º
África Do Sul	5,2	25º	Eslovênia	1,8	69º
Arábia Saudita	5,1	26º	Portugal	1,7	70º
Panamá	4,9	27º	Armênia	1,6	71º
Croácia	4,9	28º	Reino Unido	1,5	72º
Colômbia	4,9	29º	Espanha	1,4	73º
Quirguistão	4,7	30º	Holanda	1,4	74º
Suriname	4,6	31º	Marrocos	1,3	75º
Nova Zelândia	4,6	32º	Suécia	1,2	76º
Polónia	4,5	33º	Tunísia	1,2	77º
Brunei Darussalam	4,5	34º	Irlanda Do Norte	0,9	78º
Chile	4,4	35º	Singapura	0,8	79º
Canadá	4,3	36º	Jordânia	0,8	80º
El Salvador	4,2	37º	Honduras	0,7	81º
Nicarágua	3,8	38º	Luxemburgo	0,3	82º
Austrália	3,8	39º	Geórgia	0,3	83º
Maurícia	3,8	40º	Hong Kong SAR	0,2	84º
Porto Rico	3,5	41º	Bermudas	0,0	85º
Hungria	3,3	42º	Ilhas Cayman	0,0	85º
Japão	3,3	43º	Ilhas Virgens	0,0	85º
Estônia	3,3	44º	Malta	0,0	85º

Fonte: Whosis. Census

4. SUICÍDIOS

Se os índices de suicídio do Brasil, incluindo o de crianças e adolescentes, são relativamente baixos, quando comparados a outros países do planeta, ainda resta um fato preocupante: nossos índices vêm crescendo lentamente ao longo do tempo. O que leva alguém, nessas idades, ao ato desesperado de tirar sua vida? Nessas idades, todo índice, até o mínimo percentual, deve ser preocupante.

Como veremos mais adiante, nas comparações internacionais com mais 89 países do mundo dos quais contamos com dados comparáveis, o Brasil, com sua taxa de 0,7 suicídios para cada 100 mil crianças e adolescentes de 10 a 14 anos de idade, ocupa a 43ª posição no mundo; a posição 51 entre os adolescentes de 15 a 19 anos, e a 53ª no conjunto de 10 a 19 anos de idade.

4.1. Evolução na década 2003/2013

Apesar dessa posição relativamente cômoda no contexto internacional, notam-se alguns fatos paradoxais. O primeiro deles pode ser visto na Tabela e Gráfico 4.1, a seguir: os índices de suicídios de adolescentes estão aumentando em quase todas as idades em que o SIM registra suicídios: a partir dos 9 anos. É necessário considerar que a idade de 19 anos, aqui incluída por ser mencionada em diversos casos de agrupamento de idades quinquenais, está fora da faixa etária da categoria adolescente, pertence à categoria jovem.

Também resulta necessário esclarecer que, nas diversas análises dos suicídios, são utilizadas faixas diferentes, em função da fonte consultada e/ou dos temas trabalhados:

- <1 a 19 anos.
- 9 a 19 anos.
- 10 a 19 anos.

Por esse motivo, pode haver divergência entre as taxas das tabelas. É necessário atentar para o cabeçalho de cada tabela, onde está indicada a faixa trabalhada.

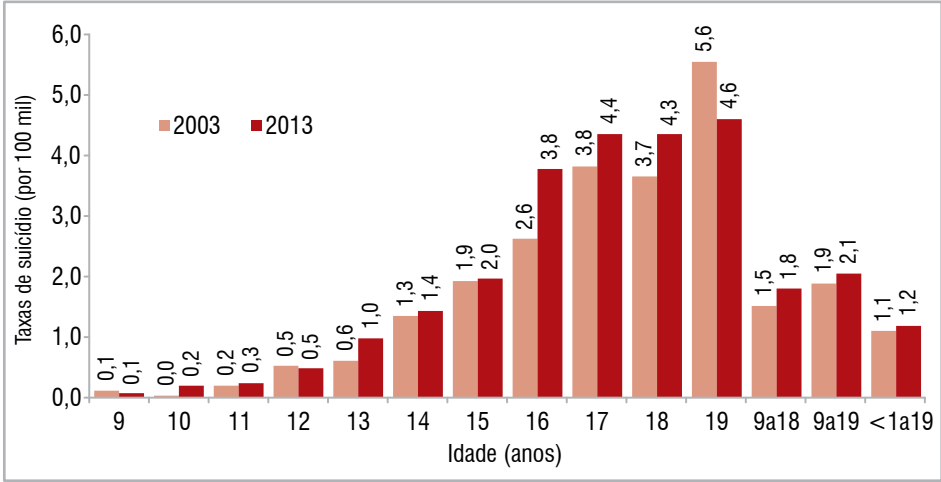
Em 2003, a taxa de suicídio na faixa de 9 a 19 anos era de 1,9 em 100 mil; em 2013, a média elevou-se para 2,1.

Tab. 4.1. Evolução das taxas de suicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes por idade simples de 9 a 19 anos. Brasil. 2003-2013.

Idade	Número		Taxas	
	2003	2013	2003	2013
9 anos	4	2	0,1	0,1
10 anos	1	6	0,0	0,2
11 anos	7	9	0,2	0,3
12 anos	19	17	0,5	0,5
13 anos	22	36	0,6	1,0
14 anos	50	51	1,3	1,4
15 anos	71	67	1,9	2,0
16 anos	95	131	2,6	3,8
17 anos	147	151	3,8	4,4
18 anos	143	151	3,7	4,3
19 anos	204	167	5,6	4,6
9 a 18 anos	559	621	1,5	1,8
9 a 19 anos	763	788	1,9	2,1
<1 a 19 anos	763	788	1,1	1,2

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil

Gráfico 4.1. Comparação das taxas de suicídio de crianças e adolescentes por idades simples. Brasil. 2003-2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Vemos que, em quase todas as idades simples (excluindo a de 19 anos), as taxas de suicídio de 2013 são superiores às de 2003, claro indicador de problemas ainda mal resolvidos com nossas crianças e adolescentes. Subtraindo os suicídios de jovens de 19 anos de idade, foram quase duas crianças e adolescentes por dia que consumaram suicídio, tanto em 2003 quanto em 2013. Difícil apurar, pelos dados disponíveis de morbidade, quantas tentaram e não conseguiram.

4.2. Nas Unidades Federativas

Em termos regionais (Tabela 4.2.1) podemos observar uma clara dicotomia. Na década 2003/2013, as regiões Norte e Nordeste apresentam aumentos no número de suicídios - bem significativo na região Norte - enquanto no Sul, Sudeste e Centro-Oeste, os números caem.

No conjunto, 13 UFs evidenciam aumento no número de suicídios na década. O Amazonas mais que triplica o número do ano 2003; Alagoas, Paraíba e Acre têm crescimento de 100% ou mais, nos quantitativos. Em 13 UFs, os números caem. No Amapá, não houve crescimento (0,0%).

Em termo de taxas, o crescimento 2003/2013 foi de 10,9%, como pode ser visto na Tabela 4.2.2. Amazonas, Alagoas e Paraíba mais que duplicam suas taxas na década. Em 11 UFs, as taxas diminuem, com extremo em Espírito Santo, onde a taxa de suicídio se reduz a menos da metade no período.

Tabela 4.2.1. Número de suicídios de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por UF/região. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Acre	3	3	2	4	9	2	7	7	2	4	6	100,0
Amapá	10	8	6	9	5	10	7	7	8	1	10	0,0
Amazonas	19	21	21	18	31	32	37	41	40	47	63	231,6
Pará	30	26	32	26	25	35	33	26	33	38	38	26,7
Rondônia	9	7	9	8	8	8	19	11	10	4	7	-22,2
Roraima	3	5	5	9	9	10	7	8	8	6	4	33,3
Tocantins	10	8	6	4	16	9	8	9	9	7	9	-10,0
Norte	84	78	81	78	103	106	118	109	110	107	137	63,1
Alagoas	7	12	15	14	12	17	15	16	8	17	15	114,3
Bahia	19	26	25	20	24	16	28	32	27	30	26	36,8
Ceará	46	52	56	43	51	51	47	53	45	49	59	28,3
Maranhão	21	15	11	13	20	21	12	24	24	21	24	14,3
Paraíba	6	5	11	17	14	14	13	7	13	16	12	100,0
Pernambuco	39	32	29	50	39	47	27	34	30	32	30	-23,1
Piauí	21	31	23	18	18	28	22	19	20	19	20	-4,8
Rio Grande do Norte	12	9	11	14	11	8	9	4	17	8	8	-33,3
Sergipe	11	6	6	10	17	8	8	14	11	9	13	18,2
Nordeste	182	188	187	199	206	210	181	203	195	201	207	13,7
Espírito Santo	12	14	11	15	8	4	4	7	6	18	5	-58,3
Minas Gerais	80	75	57	73	72	68	46	54	90	70	66	-17,5
Rio de Janeiro	19	25	21	23	26	10	8	24	24	23	14	-26,3
São Paulo	130	101	109	124	98	106	99	113	113	125	120	-7,7
Sudeste	241	215	198	235	204	188	157	198	233	236	205	-14,9
Paraná	59	63	62	57	47	51	50	47	43	65	56	-5,1
Rio Grande do Sul	76	82	56	74	54	69	49	50	56	47	60	-21,1
Santa Catarina	24	20	35	19	22	23	30	25	25	31	29	20,8
Sul	159	165	153	150	123	143	129	122	124	143	145	-8,8
Distrito Federal	8	11	9	14	13	14	8	12	8	16	9	12,5
Goiás	25	36	34	24	18	16	29	21	23	36	26	4,0
Mato Grosso	15	18	25	17	14	18	22	8	12	16	14	-6,7
Mato Grosso do Sul	49	39	45	39	35	40	36	36	33	40	45	-8,2
Centro-Oeste	97	104	113	94	80	88	95	77	76	108	94	-3,1
Brasil	763	750	732	756	716	735	680	709	738	795	788	3,3

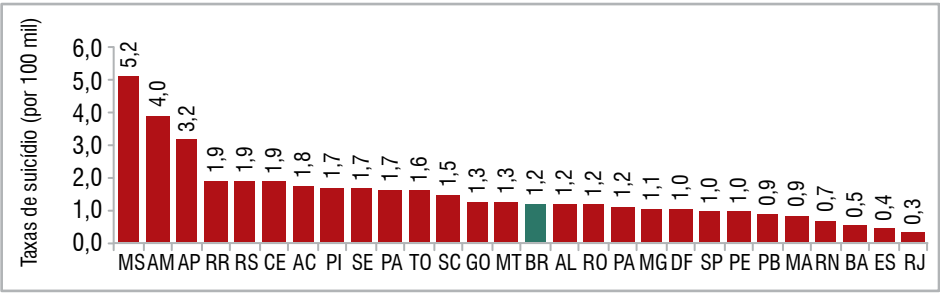
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 4.2.2. Taxas de suicídio (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por UF/região. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Acre	1,0	1,0	0,6	1,1	2,8	0,6	2,2	2,2	0,6	1,2	1,8	75,9
Amapá	3,6	2,8	2,0	2,8	1,6	3,4	2,4	2,4	2,7	0,3	3,2	-11,7
Amazonas	1,2	1,3	1,3	1,1	2,0	2,1	2,5	2,7	2,6	3,0	4,0	230,2
Pará	0,9	0,8	0,9	0,7	0,8	1,1	1,1	0,8	1,0	1,2	1,2	28,2
Rondônia	1,3	1,0	1,3	1,1	1,2	1,3	3,2	1,9	1,7	0,7	1,2	-9,7
Roraima	1,7	2,7	2,6	4,5	4,7	5,3	3,6	4,1	4,0	2,9	1,9	13,0
Tocantins	1,7	1,4	1,0	0,6	2,8	1,7	1,5	1,7	1,7	1,3	1,6	-5,0
Norte	1,2	1,1	1,1	1,1	1,5	1,6	1,8	1,7	1,6	1,6	2,0	65,5
Alagoas	0,5	0,9	1,1	1,0	0,9	1,3	1,2	1,3	0,6	1,4	1,2	140,2
Bahia	0,3	0,4	0,4	0,3	0,4	0,3	0,5	0,7	0,5	0,6	0,5	73,3
Ceará	1,3	1,5	1,6	1,2	1,5	1,5	1,5	1,7	1,5	1,6	1,9	45,6
Maranhão	0,7	0,5	0,4	0,4	0,7	0,8	0,4	0,9	0,9	0,8	0,9	22,3
Paraíba	0,4	0,3	0,7	1,1	1,0	1,0	1,0	0,5	1,0	1,2	0,9	125,5
Pernambuco	1,1	0,9	0,8	1,4	1,2	1,5	0,9	1,1	1,0	1,0	1,0	-13,2
Piauí	1,6	2,3	1,7	1,3	1,5	2,3	1,9	1,7	1,8	1,7	1,7	8,2
Rio Grande do Norte	1,0	0,7	0,9	1,1	0,9	0,7	0,8	0,4	1,6	0,7	0,7	-28,2
Sergipe	1,3	0,7	0,7	1,1	2,1	1,0	1,0	1,8	1,4	1,2	1,7	28,0
Nordeste	0,8	0,8	0,8	0,9	1,0	1,0	0,9	1,1	1,0	1,0	1,1	31,4
Espírito Santo	0,9	1,1	0,8	1,1	0,7	0,3	0,4	0,6	0,5	1,6	0,4	-51,4
Minas Gerais	1,1	1,0	0,8	1,0	1,1	1,0	0,7	0,9	1,5	1,1	1,1	-3,8
Rio de Janeiro	0,4	0,5	0,4	0,4	0,5	0,2	0,2	0,5	0,5	0,5	0,3	-26,5
São Paulo	0,9	0,7	0,7	0,8	0,7	0,8	0,8	0,9	0,9	1,0	1,0	7,1
Sudeste	0,9	0,8	0,7	0,8	0,8	0,7	0,6	0,8	1,0	1,0	0,8	-7,4
Paraná	1,5	1,6	1,6	1,4	1,3	1,4	1,5	1,4	1,3	1,9	1,7	10,3
Rio Grande do Sul	2,0	2,2	1,5	1,9	1,6	2,1	1,5	1,6	1,8	1,5	1,9	-4,4
Santa Catarina	1,1	0,9	1,6	0,8	1,1	1,2	1,6	1,3	1,3	1,6	1,5	33,9
Sul	1,6	1,7	1,5	1,5	1,4	1,6	1,5	1,5	1,5	1,7	1,7	6,7
Distrito Federal	0,9	1,2	1,0	1,5	1,5	1,6	0,9	1,4	1,0	1,9	1,0	15,3
Goiás	1,2	1,7	1,5	1,0	0,9	0,8	1,4	1,1	1,1	1,8	1,3	5,6
Mato Grosso	1,3	1,6	2,1	1,4	1,3	1,6	2,0	0,8	1,1	1,5	1,3	-2,7
Mato Grosso do Sul	5,5	4,3	4,8	4,1	4,1	4,8	4,3	4,3	3,9	4,7	5,2	-5,6
Centro-Oeste	1,9	2,0	2,1	1,7	1,6	1,8	2,0	1,6	1,6	2,2	1,9	1,1
Brasil	1,1	1,0	1,0	1,0	1,1	1,1	1,1	1,1	1,2	1,2	1,2	10,9

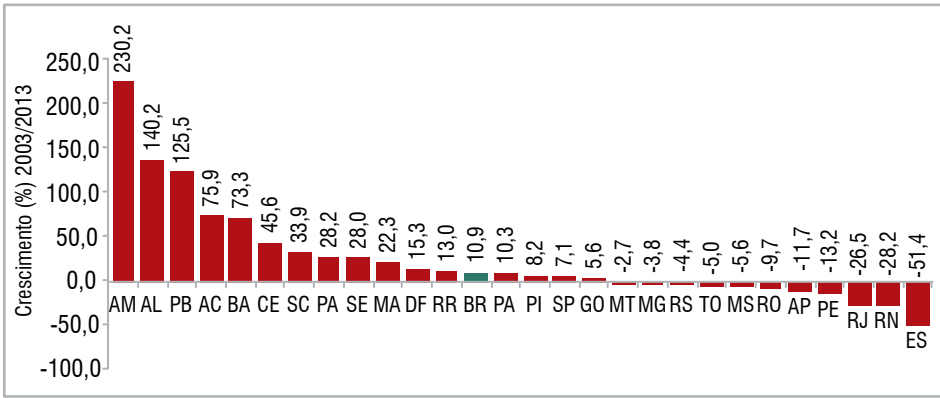
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 4.2.1. Ordenamento das UFs segundo taxas de suicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 4.2.2. Ordenamento das UF segundo crescimento (%) taxas de suicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. Brasil. 2003/2013.

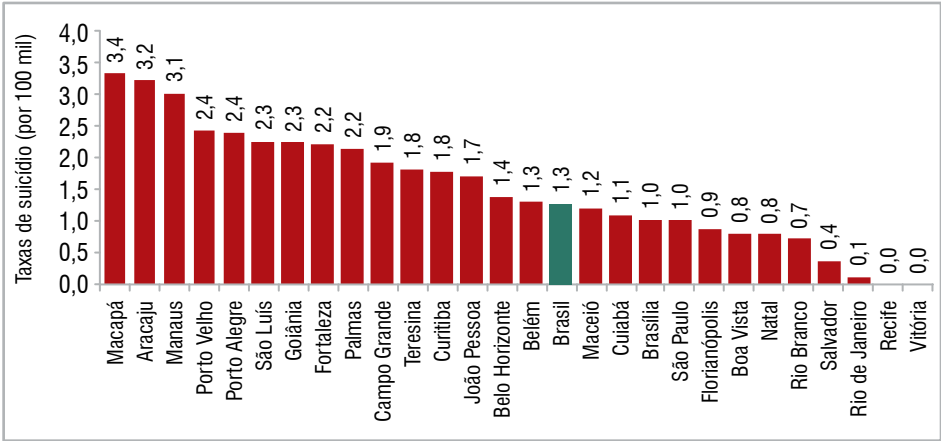


Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

4.3. Nas capitais

As Tabelas e Gráficos 4.3.1 e 4.3.2 detalham os números e as taxas de suicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade nas capitais do País.

Gráfico 4.3.1. Ordenamento das taxas de suicídio de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas Capitais. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 4.3.1. Número de suicídios de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais. Brasil. 2003/2013.

Capital/Região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Belém	10	3	12	7	5	2	5	3	4	4	6	-40,0
Boa Vista	1	2	1	4	3	5	3	5	5	4	1	0,0
Macapá	7	6	4	8	4	2	4	3	3	1	6	-14,3
Manaus	12	12	8	13	11	17	12	13	14	14	22	83,3
Palmas	2		1		4	2	1	3	2	0	2	0,0
Porto Velho	3	2	3	4	4	4	7	4	6	1	4	33,3
Rio Branco	3	3		3	3		3	5	0	0	1	-66,7
Norte	38	28	29	39	34	32	35	36	34	24	42	10,5
Aracaju	8	3	3	6	7	3	2	8	6	2	6	-25,0
Fortaleza	25	19	19	10	5	15	9	16	13	22	18	-28,0
João Pessoa	2	1	4	4	2	1	2	0	2	0	4	100,0
Maceió	3	3	3	7	4	7	6	7	0	5	4	33,3
Natal	1		2	4	1	1	1	1	4	2	2	100,0
Recife	7	8	9	11	13	6	8	4	6	5	0	
Salvador	2	2	5	3	1			3	5	6	3	50,0
São Luís	5	1	3		4	8	3	6	0	4	8	60,0
Teresina	7	18	7	9	5	12	6	5	6	5	5	-28,6
Nordeste	60	55	55	54	42	53	37	50	42	51	50	-16,7
Belo Horizonte	4	12	11	3	9	7	8	4	11	5	9	125,0

(Continua)

Tabela 4.3.1. (Continuação)

Capital/Região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Rio de Janeiro	9	6	5	8	8	2	2	9	14	12	2	-77,8
São Paulo	36	29	32	36	24	30	33	39	33	31	33	-8,3
Vitória		3	2		3	3	1	1	0	1	0	
Sudeste	49	50	50	47	44	42	44	53	58	49	44	-10,2
Curitiba	12	12	8	11	9	7	4	6	5	9	9	-25,0
Florianópolis	1		2	1	2	1	2	1	0	4	1	0,0
Porto Alegre	7	7	4	5	7	11	4	7	3	5	9	28,6
Sul	20	19	14	17	18	19	10	14	8	18	19	-5,0
Brasília	8	11	9	14	13	14	8	12	8	16	9	12,5
Campo Grande	5	10	6	2	2	3	2	6	3	4	5	0,0
Cuiabá	3	2	6	2	5	4	1	0	2	1	2	-33,3
Goiânia	8	12	6	6	4	4	10	6	5	8	9	12,5
Centro-Oeste	24	35	27	24	24	25	21	24	18	29	25	4,2
Brasil	191	187	175	181	162	171	147	177	160	171	180	-5,8

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Podemos observar que a região Norte se destaca pelas suas elevadas taxas ao longo da década, principalmente nas capitais Macapá e Manaus, essas últimas com um elevado incremento no ano final do período, em 2013. Também Aracaju, na região Nordeste, tem idêntico destaque, por suas elevadas taxas e pelo incremento no último ano da década.

Tabela 4.3.2. Taxas de suicídio (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais. Brasil. 2003/2013.

Capital/Região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Belém	1,9	0,6	2,1	1,2	1,0	0,4	1,1	0,7	0,9	0,9	1,3	-31,2
Boa Vista	0,9	1,8	0,9	3,4	2,7	4,5	2,7	4,4	4,3	3,3	0,8	-9,2
Macapá	4,5	3,7	2,3	4,4	2,2	1,2	2,4	1,8	1,8	0,6	3,4	-25,1
Manaus	1,7	1,7	1,1	1,7	1,6	2,5	1,8	1,9	2,0	2,0	3,1	80,1
Palmas	2,6	0,0	1,1	0,0	4,2	2,7	1,3	3,6	2,3	0,0	2,2	-16,3
Porto Velho	1,8	1,2	1,7	2,3	2,5	2,6	4,5	2,6	3,8	0,6	2,4	36,0
Rio Branco	2,3	2,3	0,0	2,0	2,2	0,0	2,3	3,8	0,0	0,0	0,7	-68,8
Norte	2,0	1,5	1,4	1,9	1,8	1,8	1,9	2,0	1,9	1,3	2,2	12,1
Aracaju	4,3	1,6	1,5	3,0	4,0	1,6	1,1	4,5	3,3	1,1	3,2	-24,4
Fortaleza	2,7	2,1	2,0	1,0	0,6	1,7	1,1	2,1	1,7	2,8	2,2	-16,7
João Pessoa	0,8	0,4	1,6	1,5	0,9	0,4	0,9	0,0	0,9	0,0	1,7	116,4
Maceió	0,9	0,8	0,8	1,9	1,1	2,0	1,8	2,2	0,0	1,5	1,2	35,7
Natal	0,3	0,0	0,7	1,3	0,4	0,4	0,4	0,4	1,6	0,8	0,8	164,2
Recife	1,3	1,5	1,6	2,0	2,6	1,2	1,7	0,9	1,3	1,1	0,0	
Salvador	0,2	0,2	0,5	0,3	0,1	0,0	0,0	0,4	0,6	0,8	0,4	91,2
São Luís	1,3	0,2	0,7	0,0	1,0	2,2	0,9	1,8	0,0	1,2	2,3	76,0
Teresina	2,2	5,6	2,1	2,6	1,6	4,1	2,1	1,9	2,2	1,8	1,8	-16,9
Nordeste	1,4	1,3	1,3	1,2	1,0	1,3	1,0	1,4	1,2	1,4	1,4	-2,4

(Continua)

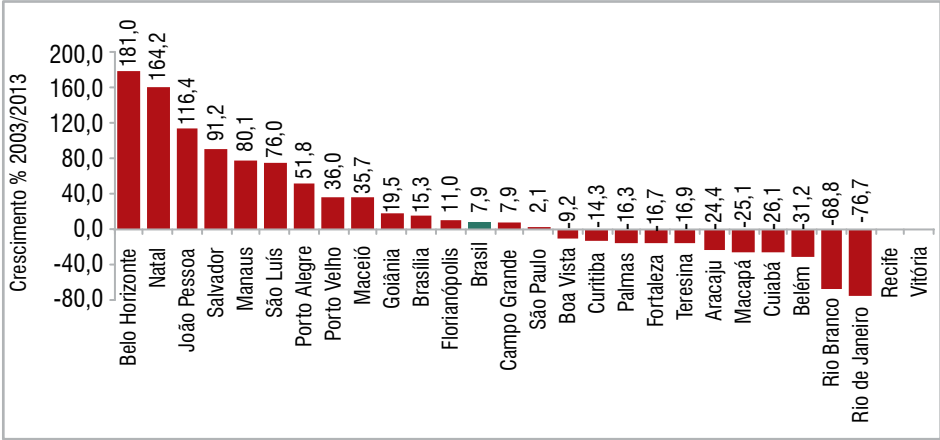
Tabela 4.3.2. (Continuação)

Capital/Região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %
Belo Horizonte	0,5	1,5	1,4	0,4	1,2	1,0	1,2	0,6	1,7	0,8	1,4	181,0
Rio de Janeiro	0,5	0,3	0,3	0,4	0,4	0,1	0,1	0,5	0,8	0,7	0,1	-76,7
São Paulo	1,0	0,8	0,9	1,0	0,7	0,9	1,0	1,2	1,0	1,0	1,0	2,1
Vitória	0,0	2,8	1,8	0,0	3,1	3,2	1,1	1,1	0,0	1,1	0,0	
Sudeste	0,8	0,8	0,8	0,7	0,7	0,7	0,8	0,9	1,0	0,9	0,8	-3,2
Curitiba	2,1	2,0	1,3	1,8	1,6	1,3	0,8	1,2	1,0	1,8	1,8	-14,3
Florianópolis	0,8	0,0	1,5	0,7	1,6	0,9	1,8	0,9	0,0	3,6	0,9	11,0
Porto Alegre	1,6	1,5	0,9	1,1	1,7	2,7	1,0	1,9	0,8	1,4	2,4	51,8
Sul	1,7	1,6	1,2	1,4	1,6	1,8	1,0	1,5	0,8	1,8	1,9	13,7
Brasília	0,9	1,2	1,0	1,5	1,5	1,6	0,9	1,4	1,0	1,9	1,0	15,3
Campo Grande	1,8	3,6	2,1	0,7	0,8	1,2	0,8	2,4	1,2	1,6	1,9	7,9
Cuiabá	1,5	1,0	2,8	0,9	2,6	2,2	0,6	0,0	1,1	0,6	1,1	-26,1
Goiânia	1,9	2,8	1,4	1,3	1,0	1,0	2,6	1,6	1,3	2,0	2,3	19,5
Centro-Oeste	1,4	2,0	1,4	1,3	1,4	1,4	1,2	1,5	1,1	1,7	1,5	5,0
Brasil	1,2	1,2	1,1	1,1	1,1	1,2	1,0	1,3	1,2	1,2	1,3	7,9

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Já Belo Horizonte, Natal e João Pessoa, destacam-se pelo elevado crescimento das taxas na década analisada: mais que duplicam, em 2013, os índices de 2003. Com quedas significativas no decênio, temos Rio Branco e Rio de Janeiro.

Gráfico 4.3.2. Ordenamento do crescimento (%) das taxas de suicídio de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas Capitais. Brasil. 2003/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

4.4. Nos municípios

A seguir, na Tabela 4.4.1, mostra os 100 municípios com as mais elevadas taxas de suicídio de crianças e adolescentes, considerando exclusivamente os 1.169 municípios com mais de 10 mil crianças e adolescentes na faixa etária de <1 a 19 anos. Deve ser apontado que, no caso dos municípios, deveremos realizar uma estimativa a partir da taxa média de suicídios do quinquênio 2009/2013, para controlar a variabilidade de municípios de pequeno porte. Por essa diferença de metodologia, as taxas das capitais, neste capítulo, não coincidem exatamente com as do capítulo anterior.

Tab. 4.4.1. Ordenamento dos 100 municípios com + de 10 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos, com as maiores taxas médias de suicídio (por 100 mil). Brasil. 2009/2013.

Município	UF	População	Suicídios					Taxa média	Pos.
			2009	2010	2011	2012	2013		
Amambai	MS	13989	4	3	1	5	9	31,5	1º
Tabatinga	AM	26563	10	5	3	4	14	27,1	2º
São Gabriel da Cachoeira	AM	18713	3	6	5	7	2	24,6	3º
São Paulo de Olivença	AM	16789	1	1	3	5	3	15,5	4º
Benjamin Constant	AM	18006	1	4	1	3	3	13,3	5º
Laranjeiras do Sul	PR	10828	1	3	3	0	0	12,9	6º
Caarapó	MS	10064	1	3	0	0	1	9,9	7º
Guaíra	PR	10160	0	1	2	0	2	9,8	8º
Santa Isabel do Rio Negro	AM	10254	4	0	0	0	1	9,8	9º
Dourados	MS	66501	5	2	7	8	8	9,0	10º
Paranaíba	MS	12180	4	0	0	0	1	8,2	11º
Itápolis	SP	10876	0	1	0	1	2	7,4	12º
Rio Negrinho	SC	13908	0	1	3	0	1	7,2	13º
Barcelos	AM	11844	0	1	1	0	2	6,8	14º
Ipubi	PE	12435	0	1	1	2	0	6,4	15º
Porto Nacional	TO	18898	1	1	1	1	2	6,3	16º
Santa Cruz do Sul	RS	31865	0	2	5	0	3	6,3	17º
Machadinho D'Oeste	RO	12811	2	2	0	0	0	6,2	18º
Tarauacá	AC	19414	1	2	1	1	1	6,2	19º
Lajeado	RS	19516	2	1	2	1	0	6,1	20º
São Joaquim da Barra	SP	13473	2	0	0	1	1	5,9	21º
Ponta Porã	MS	30789	2	3	1	2	1	5,8	22º
Careiro da Várzea	AM	10671	0	0	1	0	2	5,6	23º
Porto União	SC	10844	1	1	0	1	0	5,5	24º
João Alfredo	PE	11115	0	1	0	0	2	5,4	25º
Videira	SC	14880	0	1	2	1	0	5,4	26º
Pitanga	PR	11215	1	1	0	1	0	5,3	27º

(Continua)

Tabela 4.4.1. (Continuação)

Município	UF	População	Suicídios					Taxa média	Pos.
			2009	2010	2011	2012	2013		
Rorainópolis	RR	11222	1	1	1	0	0	5,3	28º
Rio Preto da Eva	AM	11438	1	0	1	1	0	5,2	29º
Barbacena	MG	36508	0	1	2	6	0	4,9	30º
Eirunepé	AM	16276	1	2	0	0	1	4,9	31º
Aquidauana	MS	16414	0	1	0	2	1	4,9	32º
Santana do Acaraú	CE	12387	1	1	0	1	0	4,8	33º
Ubajara	CE	12496	0	0	2	0	1	4,8	34º
Passo Fundo	RS	55598	1	5	3	1	3	4,7	35º
Guanambi	BA	25819	3	0	2	1	0	4,6	36º
Canoinhas	SC	17440	1	3	0	0	0	4,6	37º
Canela	RS	13088	1	0	2	0	0	4,6	38º
Tefé	AM	30766	0	2	1	1	3	4,6	39º
São Caitano	PE	13275	0	1	1	0	1	4,5	40º
Santo Antônio do Içá	AM	13363	0	0	0	0	3	4,5	41º
Rolim de Moura	RO	17935	2	2	0	0	0	4,5	42º
Santo Ângelo	RS	22521	2	1	2	0	0	4,4	43º
União da Vitória	PR	18042	0	1	0	2	1	4,4	44º
Marechal Deodoro	AL	18537	2	1	0	1	0	4,3	45º
Caicó	RN	18893	0	0	3	0	1	4,2	46º
Concórdia	SC	19347	1	0	1	1	1	4,1	47º
Lagoa da Prata	MG	14526	1	0	0	2	0	4,1	48º
Catanduva	SP	29193	2	3	0	0	1	4,1	49º
Portel	PA	29661	2	1	0	0	3	4,0	50º
Sobral	CE	69531	2	4	4	1	3	4,0	51º
Picos	PI	24862	2	0	1	1	1	4,0	52º
Oiapoque	AP	10034	1	0	1	0	0	4,0	53º
Santa Maria da Vitória	BA	15092	0	1	0	1	1	4,0	54º
Anajatuba	MA	10125	0	0	1	0	1	4,0	55º
Laguna	SC	15270	0	0	1	0	2	3,9	56º
Pompéu	MG	10197	1	1	0	0	0	3,9	57º
Novo Oriente	CE	10312	1	0	1	0	0	3,9	58º
São Miguel do Oeste	SC	10347	1	1	0	0	0	3,9	59º
Vassouras	RJ	10366	0	0	1	1	0	3,9	60º
São Gotardo	MG	10415	0	0	1	0	1	3,8	61º
Corrente	PI	10440	0	0	1	1	0	3,8	62º
Propriá	SE	10487	0	1	0	0	1	3,8	63º
Ubatuba	SP	26515	0	1	3	1	0	3,8	64º
Diamantina	MG	15922	2	1	0	0	0	3,8	65º
Paraíso do Tocantins	TO	16002	1	1	1	0	0	3,7	66º
Chapecó	SC	58785	1	1	3	3	3	3,7	67º
Naviraí	MS	16066	0	1	0	1	1	3,7	68º

(Continua)

Tabela 4.4.1. (Continuação)

Município	UF	População	Suicídios					Taxa média	Pos.
			2009	2010	2011	2012	2013		
João Pinheiro	MG	16220	0	1	1	0	1	3,7	69º
Marco	CE	10890	1	0	1	0	0	3,7	70º
Campo Mourão	PR	27326	1	1	2	0	1	3,7	71º
São José do Egito	PE	10931	0	0	0	0	2	3,7	72º
Panambi	RS	11133	0	0	0	2	0	3,6	73º
Ruy Barbosa	BA	11301	0	1	0	0	1	3,5	74º
Rio Brilhante	MS	11303	2	0	0	0	0	3,5	75º
Cocal	PI	11312	1	1	0	0	0	3,5	76º
Colniza	MT	11342	2	0	0	0	0	3,5	77º
Pojuca	BA	11431	1	1	0	0	0	3,5	78º
Moju	PA	34608	0	1	0	5	0	3,5	79º
Arapiraca	AL	80892	1	2	3	4	4	3,5	80º
Pacajus	CE	23373	2	2	0	0	0	3,4	81º
Guajará-Mirim	RO	17584	1	1	1	0	0	3,4	82º
Palmas	PR	17599	0	2	0	1	0	3,4	83º
Santa Rita do Sapucaí	MG	11744	0	0	1	0	1	3,4	84º
Presidente Dutra	MA	17633	1	0	0	1	1	3,4	85º
Canindé	CE	29505	2	0	0	2	1	3,4	86º
Altamira	PA	41351	4	1	2	0	0	3,4	87º
Paraipaba	CE	11816	0	1	1	0	0	3,4	88º
Bagé	RS	35575	4	1	0	1	0	3,4	89º
Juara	MT	11881	0	1	0	0	1	3,4	90º
Caldas Novas	GO	23774	0	1	2	1	0	3,4	91º
Venâncio Aires	RS	17991	0	0	1	2	0	3,3	92º
Mogi Mirim	SP	24006	1	0	0	2	1	3,3	93º
Irecê	BA	24118	1	0	1	0	2	3,3	94º
Floresta	PE	12071	1	0	1	0	0	3,3	95º
Custódia	PE	12101	0	0	0	2	0	3,3	96º
Bom Conselho	PE	18177	1	1	0	0	1	3,3	97º
Bela Cruz	CE	12272	0	0	0	0	2	3,3	98º
Sapiranga	RS	24760	0	0	1	2	1	3,2	99º
Boa Esperança	MG	12464	0	0	2	0	0	3,2	100º

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Um fato muito preocupante em relação aos suicídios, nas tabelas de desagregação por municípios, vem chamando nossa atenção em vários Mapas anteriores: os municípios que aparecem nos primeiros lugares nas listas de mortalidade suicida são locais de amplo assentamento de comunidades indígenas, como São Gabriel da Cachoeira, Benjamin Constant e Tabatinga, no Amazonas; Amambai e Dourados, do Mato Grosso do Sul. Esse fato nos levou a reprocessar a informação, desagregando os suicídios segundo raça/cor nos municípios com maior número de suicídios indígenas na somatória do quinquênio 2009/2013. São os que aparecem listados na tabela 4.4.2.

Tabela 4.4.2. Número e participação dos suicídios indígenas e de adolescentes indígenas (10 a 19 anos) no total de suicídios. Municípios e UFs selecionadas. Brasil. Soma 2009 a 2013.

Município	UF	Número de suicídios						% Indígenas / Total	% Indígenas 10 a 19 / Total	% Indígenas 10 a 19 / Indígenas
		Branca	Negra	Amarela	Indígena	Total	Indígena 10 a 19 anos			
		①	②	③	④	⑤	⑥	④/⑤	⑥/⑤	⑥/④
Amaturá	AM	0	2	0	8	10	4	80,0	40,0	50,0
Atalaia do Norte	AM	0	2	0	5	7	2	71,4	28,6	40,0
Benjamin Constant	AM	0	5	0	16	21	9	76,2	42,9	56,3
Sta. Isabel do Rio Negro	AM	2	4	0	8	14	3	57,1	21,4	37,5
Sto. Antônio do Içá	AM	0	1	0	7	8	3	87,5	37,5	42,9
São Gab. da Cachoeira	AM	3	2	1	66	72	22	91,7	30,6	33,3
São Paulo de Olivença	AM	0	8	0	18	26	10	69,2	38,5	55,6
Tabatinga	AM	2	19	0	60	81	30	74,1	37,0	50,0
Amambai	MS	4	29	0	19	52	8	36,5	15,4	42,1
Bela Vista	MS	4	1	0	7	12	3	58,3	25,0	42,9
Caarapó	MS	1	1	1	9	12	5	75,0	41,7	55,6
Coronel Sapucaia	MS	0	9	0	13	22	6	59,1	27,3	46,2
Dourados	MS	32	43	3	36	114	20	31,6	17,5	55,6
Japorã	MS	0	3	0	20	23	14	87,0	60,9	70,0
Paranhos	MS	0	15	0	15	30	9	50,0	30,0	60,0
Ponta Porã	MS	9	17	1	7	34	5	20,6	14,7	71,4
Tacuru	MS	1	8	0	13	22	13	59,1	59,1	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Vemos, nos municípios acima arrolados, que os suicídios na faixa de 10 a 19 anos representam entre 33,3%, em São Gabriel da Cachoeira (AM), e 100%, em Tacuru (MS), do total de suicídios indígenas, verdadeira situação pandêmica de suicídios de jovens indígenas.

Um estudo específico⁶ enfoca os suicídios de adolescentes em comunidades indígenas, analisando a questão na Nação Awajún, no Peru; entre os jovens Embera, na Colômbia; e na comunidade Guaraní, do Município de Dourados, que consta na tabela acima entre os de maior incidência de suicídios indígenas. Nesse trabalho, enfatiza-se que:

O estudo das Nações Unidas⁷ (...) coloca o suicídio dos jovens indígenas em um contexto de discriminação, marginalização, colonização traumática e perda das formas tradicionais de vida, mas adverte sobre a complexidade dos fatores que intervêm na transmissão desses traumas entre gerações na forma de comportamento suicida. A marginalização desses jovens tanto em suas próprias comunidades, ao não encontrar nelas um lugar adequado às suas necessidades, quanto nas sociedades envolvidas, pela profunda discriminação, forja um sentimento de isolamento social que pode conduzir a reações autodestrutivas do ponto de vista ocidental.

Os trabalhos antropológicos existentes, mostram que as tentativas de suicídio são recorrentes nos povos Awajún, Guaraní e Embera e que a frequência dos suicídios juvenis cresceu nos últimos anos. Pese a gravidade da situação, ainda não se realizou pesquisa mais profunda, não existe informação suficiente, nem dados estatísticos confiáveis.

4.5. Estatísticas internacionais

Vemos que no, quadro comparativo internacional, nossa taxa de suicídio de crianças e adolescentes é relativamente baixa, ocupando entre a 43^a e a 53^a posição entre os 90 países, cujos dados foram disponibilizados pelo sistema de estatísticas da OMS.

⁶ UNICEF/IWGIA. **Suicídio Adolescente em povos indígenas**: 3 estudos. São Paulo: Arte Brasil Editora, 2014. p. 7. Disponível em: <http://www.iwgia.org/iwgia_files_publications_files/0630_SuicAdolescPovosInd_ALTA.pdf> Acesso em: jul.2015.

⁷ UNITED NATIONS. **State of the World's Indigenous Peoples**. Secretariat of the Permanent Forum on Indigenous Issues. New York. 2009.

Tab. 4.5.1. Taxas de suicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos de idade em 90 Países do Mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
México	2012	10,7	1º	Alemanha	2013	0,5	46º
Guiana	2011	8,3	2º	Croácia	2013	0,5	47º
Santa Lúcia	2012	7,8	3º	Israel	2012	0,5	48º
Quirguistão	2013	6,2	4º	Hungria	2013	0,4	49º
Suriname	2012	5,5	5º	Espanha	2013	0,4	50º
Estônia	2012	3,3	6º	Marrocos	2012	0,4	51º
El Salvador	2012	3,0	7º	Bulgária	2012	0,3	52º
Paraguai	2012	2,6	8º	Panamá	2012	0,3	53º
Peru	2012	2,6	9º	Dinamarca	2012	0,3	54º
Eslovênia	2010	2,1	10º	África Do Sul	2013	0,3	55º
Maurícia	2013	2,1	11º	Itália	2012	0,3	56º
Nova Zelândia	2011	2,0	12º	Sérvia	2013	0,3	57º
Irlanda	2010	2,0	13º	Reino Unido	2013	0,3	58º
Lituânia	2012	1,9	14º	Honduras	2013	0,2	59º
Costa Rica	2012	1,8	15º	Jordânia	2011	0,1	60º
Irlanda Do Norte	2013	1,8	16º	Arábia Saudita	2012	0,1	61º
Nicarágua	2012	1,7	17º	Egito	2013	0,1	62º
Hong Kong SAR	2013	1,7	18º	Rep. Árabe Síria	2010	0,1	63º
Colômbia	2011	1,7	19º	Aruba	2012	0,0	64º
Rep. da Moldávia	2013	1,6	20º	Bahrain	2013	0,0	64º
Japão	2013	1,6	21º	Barbados	2011	0,0	64º
Canadá	2011	1,6	22º	Belarus	2011	0,0	64º
Rep. da Coreia	2012	1,5	23º	Belize	2012	0,0	64º
Rep. Tcheca	2013	1,5	24º	Bermudas	2010	0,0	64º
Uruguai	2010	1,5	25º	Brunei Darussalam	2012	0,0	64º
Romênia	2012	1,5	26º	Chipre	2012	0,0	64º
Cuba	2012	1,4	27º	Dominica	2013	0,0	64º
Argentina	2012	1,3	28º	Fed. Russa	2011	0,0	64º
EUA	2010	1,3	29º	Fiji	2012	0,0	64º
Polônia	2013	1,2	30º	Geórgia	2012	0,0	64º
Guatemala	2012	1,2	31º	Guadalupe	2011	0,0	64º
Chile	2012	1,2	32º	Ilhas Cayman	2010	0,0	64º
Letônia	2012	1,1	33º	Ilhas Virgens	2010	0,0	64º
Austrália	2011	1,1	34º	Kuwait	2013	0,0	64º
Bélgica	2012	1,0	35º	Luxemburgo	2013	0,0	64º
Áustria	2013	1,0	36º	Malta	2012	0,0	64º
França	2011	0,9	37º	Porto Rico	2010	0,0	64º
Suécia	2013	0,8	38º	Portugal	2013	0,0	64º
TFYR Macedónia	2010	0,8	39º	São Cristóvão e Nevis	2012	0,0	64º
Escócia	2013	0,7	40º	S. Vicente e Granad.	2013	0,0	64º
Finlândia	2013	0,7	41º	Singapura	2013	0,0	64º
Holanda	2013	0,7	42º	Suíça	2012	0,0	64º
Brasil	2013	0,7	43º	Tunísia	2013	0,0	64º
Armênia	2012	0,6	44º	Ucrânia	2012	0,0	64º
Rep. Dominicana	2011	0,5	45º	Noruega	2013		64º

Fonte: Whosis/OMS-Census

Tab. 4.5.2. Taxas de suicídio (por 100 mil) de adolescentes de 15 a 19 anos de idade em 90 Países do Mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
México	2012	33,2	1º	Dinamarca	2012	4,7	46º
Guiana	2011	31,3	2º	Estônia	2012	4,5	47º
Ilhas Cayman	2010	29,5	3º	Cuba	2012	4,5	48º
Suriname	2012	25,0	4º	França	2011	4,2	49º
Nova Zelândia	2011	18,9	5º	Alemanha	2013	4,1	50º
Argentina	2012	16,3	6º	Brasil	2013	4,0	51º
Lituânia	2012	14,9	7º	Hungria	2013	4,0	52º
Maurícia	2013	13,7	8º	Malta	2012	3,9	53º
Uruguai	2010	11,3	9º	Fiji	2012	3,7	54º
Irlanda	2010	10,7	10º	Reino Unido	2013	3,3	55º
El Salvador	2012	10,3	11º	Porto Rico	2010	3,2	56º
Finlândia	2013	10,2	12º	Luxemburgo	2013	3,1	57º
Peru	2012	9,9	13º	Israel	2012	2,9	58º
Quirguistão	2013	9,6	14º	Brunei Darussalam	2012	2,9	59º
Eslovênia	2010	9,6	15º	Belize	2012	2,8	60º
Rep. da Moldávia	2013	9,5	16º	Espanha	2013	2,6	61º
Polônia	2013	9,0	17º	Sérvia	2013	2,6	62º
Canadá	2011	9,0	18º	Itália	2012	2,0	63º
Chile	2012	8,4	19º	Honduras	2013	1,9	64º
Rep. Tcheca	2013	8,3	20º	Portugal	2013	1,8	65º
Rep. da Coreia	2012	8,2	21º	Geórgia	2012	1,4	66º
Irlanda Do Norte	2013	8,1	22º	Armênia	2012	1,4	67º
Bélgica	2012	7,8	23º	TFYR Macedônia	2010	1,3	68º
Austrália	2011	7,7	24º	África Do Sul	2013	1,1	69º
Japão	2013	7,6	25º	Rep. Dominicana	2011	1,0	70º
Letônia	2012	7,6	26º	Marrocos	2012	0,7	71º
Suécia	2013	7,6	27º	Kuwait	2013	0,5	72º
EUA	2010	7,5	28º	Jordânia	2011	0,3	73º
Noruega	2013	7,4	29º	Egito	2013	0,3	74º
Paraguai	2012	6,9	30º	Tunísia	2013	0,2	75º
Guadalupe	2011	6,9	31º	Arábia Saudita	2012	0,1	76º
Croácia	2013	6,5	32º	Rep. Árabe Síria	2010	0,1	77º
Bulgária	2012	6,5	33º	Santa Lúcia	2012	0,0	78º
Colômbia	2011	6,4	34º	Aruba	2012	0,0	78º
Nicarágua	2012	6,3	35º	Bahrain	2013	0,0	78º
Costa Rica	2012	6,3	36º	Barbados	2011	0,0	78º
Singapura	2013	6,3	37º	Belarus	2011	0,0	78º
Guatemala	2012	6,2	38º	Bermudas	2010	0,0	78º
Escócia	2013	6,0	39º	Dominica	2013	0,0	78º
Áustria	2013	5,9	40º	Fed. Russa	2011	0,0	78º
Hong Kong SAR	2013	5,7	41º	Ilhas Virgens	2010	0,0	78º
Romênia	2012	5,7	42º	São Cristóvão e Nevis	2012	0,0	78º
Chipre	2012	5,1	43º	S. Vicente e Granad.	2013	0,0	78º
Holanda	2013	5,1	44º	Suiça	2012	0,0	78º
Panamá	2012	4,8	45º	Ucrânia	2012	0,0	78º

Fonte: Whosis/OMS-Census

Tab. 4.5.3. Taxas de suicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de 10 a 19 anos de idade em 90 Países do Mundo. Último ano disponível.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
México	2012	23,3	1º	Holanda	2013	2,9	46º
Guiana	2011	19,3	2º	Hungria	2013	2,9	47º
Ilhas Cayman	2010	15,0	3º	Chipre	2012	2,9	48º
Suriname	2012	13,8	4º	Dinamarca	2012	2,6	49º
Nova Zelândia	2011	10,8	5º	França	2011	2,5	50º
Lituânia	2012	9,1	6º	Panamá	2012	2,5	51º
Quirguistão	2013	8,0	7º	Alemanha	2013	2,3	52º
Argentina	2012	8,0	8º	Brasil	2013	2,3	53º
Maurícia	2013	7,9	9º	Malta	2012	2,1	54º
Noruega	2013	7,7	10º	Fiji	2012	2,1	55º
El Salvador	2012	6,7	11º	Reino Unido	2013	1,9	56º
Peru	2012	6,4	12º	Israel	2012	1,6	57º
Uruguai	2010	6,3	13º	Porto Rico	2010	1,6	58º
Irlanda	2010	6,3	14º	Luxemburgo	2013	1,6	59º
Eslovênia	2010	6,1	15º	Espanha	2013	1,5	60º
Rep. da Moldávia	2013	6,0	16º	Sérvia	2013	1,5	61º
Finlândia	2013	5,7	17º	Brunei Darussalam	2012	1,4	62º
Canadá	2011	5,6	18º	Belize	2012	1,3	63º
Polônia	2013	5,4	19º	Itália	2012	1,2	64º
Rep. da Coreia	2012	5,1	20º	TFYR Macedónia	2010	1,1	65º
Irlanda Do Norte	2013	5,1	21º	Honduras	2013	1,0	66º
Rep. Tcheca	2013	5,0	22º	Armênia	2012	1,0	67º
Chile	2012	5,0	23º	Portugal	2013	0,9	68º
Paraguai	2012	4,9	24º	Rep. Dominicana	2011	0,8	69º
Japão	2013	4,7	25º	Geórgia	2012	0,8	70º
Letônia	2012	4,6	26º	África Do Sul	2013	0,7	71º
EUA	2010	4,5	27º	Marrocos	2012	0,6	72º
Austrália	2011	4,5	28º	Kuwait	2013	0,2	73º
Bélgica	2012	4,4	29º	Jordânia	2011	0,2	74º
Suécia	2013	4,4	30º	Egito	2013	0,2	75º
Costa Rica	2012	4,1	31º	Tunísia	2013	0,1	76º
Nicarágua	2012	4,1	32º	Arábia Saudita	2012	0,1	77º
Colômbia	2011	4,1	33º	Rep. Árabe Síria	2010	0,1	78º
Hong Kong SAR	2013	4,0	34º	Aruba	2012	0,0	79º
Estônia	2012	3,9	35º	Bahrain	2013	0,0	79º
Croácia	2013	3,7	36º	Barbados	2011	0,0	79º
Guatemala	2012	3,7	37º	Belarus	2011	0,0	79º
Santa Lúcia	2012	3,6	38º	Bermudas	2010	0,0	79º
Romênia	2012	3,6	39º	Dominica	2013	0,0	79º
Áustria	2013	3,6	40º	Fed. Russa	2011	0,0	79º
Escócia	2013	3,6	41º	Ilhas Virgens	2010	0,0	79º
Bulgária	2012	3,5	42º	São Cristóvão e Nevis	2012	0,0	79º
Singapura	2013	3,3	43º	S. Vicente e Granad.	2013	0,0	79º
Guadalupe	2011	3,3	44º	Suíça	2012	0,0	79º
Cuba	2012	3,1	45º	Ucrânia	2012	0,0	79º

Fonte: Whosis/OMS-Census

5. HOMICÍDIOS

Os homicídios em geral, e os de crianças e adolescentes em particular, têm se convertido no *calcanhar de Aquiles* dos direitos humanos no País, por sua pesada incidência nos setores considerados vulneráveis ou de proteção específica: crianças, adolescentes, jovens, idosos, mulheres, negros, etc. Essa pesada vulnerabilidade se verifica, no caso das crianças e adolescentes, não só pelo preocupante 3º lugar que o País ostenta no contexto de 85 países do mundo aqui analisados, mas também pelo vertiginoso crescimento dos índices nas últimas décadas. As taxas cresceram 426,9% entre 1980 e 2013, vitimando 207.438 crianças e adolescentes na faixa de <1 a 19 anos, durante os trinta e quatro anos do período. Só em 2013, foram 10.520 crianças e adolescentes assassinados: quase 29 vítimas por dia. Esse volume representa 3,6 chacinas da Candelária⁸ a cada dia desse ano. Se a chacina levantou indignação, protestos nacionais e internacionais e ampla mobilização da sociedade - pelo brutal extermínio de crianças, adolescentes e jovens, exatamente nas idades que estamos hoje tratando -, esse outro extermínio, bem maior, contínuo e crescente, permanece oculto sob um véu de indiferença, da complacência e de uma boa dose de cumplicidade, tanto de grande parte da mídia e da população, quanto das instituições encarregadas, paradoxalmente, de protegê-los.

5.1. Incidência diferencial dos homicídios

Os homicídios têm incidência e significação totalmente diferenciais, segundo a idade específica da vítima. Por esse motivo, falar de crianças e adolescentes, em bloco, resulta uma abstração se não desagregamos especificamente a idade dessa criança e/ou adolescente. Precisamente isso é o que nos propomos fazer neste item, com base nas tabelas e nos gráficos a seguir, que detalham os dados de homicídios de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade, correspondentes ao ano de 2013, segundo as idades simples das vítimas e sua relação com as demais causas de mortalidade.

⁸ Em 23 julho de 1993 acontecia a Chacina da Candelária, quando policiais abriram fogo contra um grande número de crianças que dormiam no entorno da Igreja da Candelária, no Rio de Janeiro. Morreram oito crianças e adolescentes entre 11 e 19 anos de idade.

Tabela 5.1.1. Mortalidade de crianças e adolescentes segundo causa e idades simples. Brasil. 2013.

Idade Simples	Causas Externas					Causas Externas	Causas Naturais	Total Óbitos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídios	Homicídios	Outros Externos			
<1	118	735	0	152	133	1.138	37.828	38.966
1	103	344	0	39	52	538	2.249	2.787
2	88	223	0	26	25	362	1.140	1.502
3	90	143	0	21	16	270	859	1.129
4	88	134	0	15	23	260	659	919
5	96	115	0	23	8	242	551	793
6	95	104	0	23	15	237	505	742
7	96	103	0	10	5	214	508	722
8	108	90	1	23	9	231	471	702
9	119	103	2	21	8	253	511	764
10	98	114	6	31	20	269	469	738
11	120	105	9	23	14	271	533	804
12	131	129	17	64	27	368	584	952
13	178	134	36	171	37	556	668	1.224
14	227	182	51	428	50	938	769	1.707
15	347	248	67	895	90	1.647	907	2.554
16	467	262	131	1.534	125	2.519	1.042	3.561
17	669	258	151	2.215	160	3.453	1.139	4.592
18	955	353	151	2.336	216	4.011	1.167	5.178
19	1.069	351	166	2.470	208	4.264	1.293	5.557
Total	5.262	4.230	788	10.520	1.241	22.041	53.852	75.893

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Vemos que, em 2013, foi registrado um total de 75.893 mortes na faixa de <1 a 19 anos de idade, considerando todas e quaisquer causas. Mais da metade desse total, exatas 38.966 crianças (51,3%), tinham menos de 1 ano de idade.

Tabela 5.1.2. Participação % das diversas causas de mortalidade de crianças e adolescentes por idades simples. Brasil. 2013.

Idade Simples	Causas Externas					Causas Externas	Causas Naturais	Total Óbitos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídios	Homicídios	Outros Externos			
<1	0,3	1,9	0,0	0,4	0,3	2,9	97,1	100,0
1	3,7	12,3	0,0	1,4	1,9	19,3	80,7	100,0
2	5,9	14,8	0,0	1,7	1,7	24,1	75,9	100,0
3	8,0	12,7	0,0	1,9	1,4	23,9	76,1	100,0
4	9,6	14,6	0,0	1,6	2,5	28,3	71,7	100,0
5	12,1	14,5	0,0	2,9	1,0	30,5	69,5	100,0
6	12,8	14,0	0,0	3,1	2,0	31,9	68,1	100,0
7	13,3	14,3	0,0	1,4	0,7	29,6	70,4	100,0
8	15,4	12,8	0,1	3,3	1,3	32,9	67,1	100,0
9	15,6	13,5	0,3	2,7	1,0	33,1	66,9	100,0
10	13,3	15,4	0,8	4,2	2,7	36,4	63,6	100,0
11	14,9	13,1	1,1	2,9	1,7	33,7	66,3	100,0
12	13,8	13,6	1,8	6,7	2,8	38,7	61,3	100,0
13	14,5	10,9	2,9	14,0	3,0	45,4	54,6	100,0
14	13,3	10,7	3,0	25,1	2,9	55,0	45,0	100,0
15	13,6	9,7	2,6	35,0	3,5	64,5	35,5	100,0
16	13,1	7,4	3,7	43,1	3,5	70,7	29,3	100,0
17	14,6	5,6	3,3	48,2	3,5	75,2	24,8	100,0
18	18,4	6,8	2,9	45,1	4,2	77,5	22,5	100,0
19	19,2	6,3	3,0	44,4	3,7	76,7	23,3	100,0
Total	6,9	5,6	1,0	13,9	1,6	29,0	71,0	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

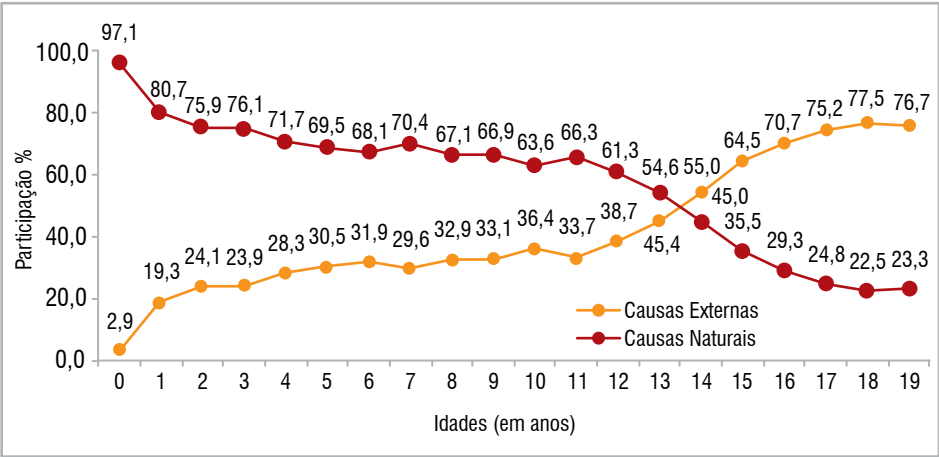
Se, durante o primeiro ano de vida, as mortes por causas naturais representam quase a totalidade dos óbitos (97,1%), a proporção vai caindo rapidamente até os 14 anos, idade em que as causas externas de mortalidade ultrapassam as naturais, alcançando seu pico aos 18 anos, quando representam 77,5% do total de mortes de jovens nessa idade⁹.

A principal causa responsável por esse incremento drástico nas causas externas são os homicídios que, representando algo em torno de 2,5% do total de mortes

⁹ Como foi explicado, os jovens de 19 anos não são considerados legalmente como *adolescentes*, mas foram incluídos em diversos capítulos do presente estudo em função das fontes utilizadas, que não desagregam dados por idade simples, mas em períodos quinquenais.

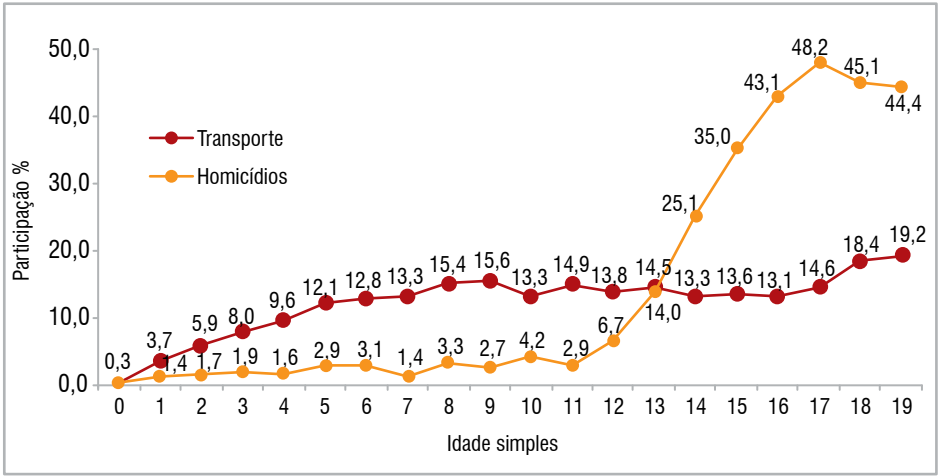
até os 11 anos de idade das vítimas, inicia um violento crescimento na entrada da adolescência, aos 12 anos de idade, quando pula para 6,7% do total de mortes; para 14,0%, aos 13 anos, para 25,1%, aos 14, e assim seguindo, até alcançar seu pico de participação, aos 17 anos de idade, quando atinge a marca de 48,2% da mortalidade, caindo posteriormente.

Gráfico 5.1.1. Participação % das causas de mortalidade de crianças e adolescentes por idades simples 1. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.1.2. Participação % das causas de mortalidade de crianças e adolescentes por idades simples 2. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

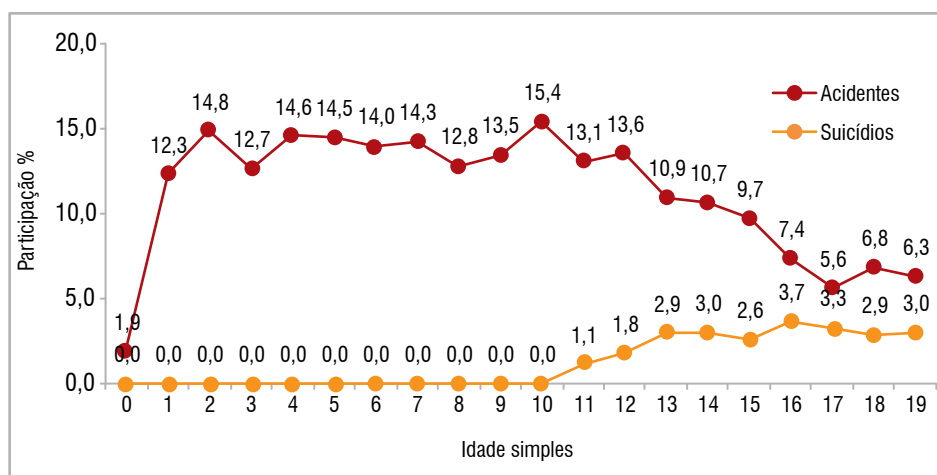
Tabela 5.1.3. Taxas (por 100 mil) de mortalidade de crianças e adolescentes segundo causa e idades simples. Brasil. 2013.

Idade Simples	Causas Externas					Causas Externas	Causas Naturais	Total Óbitos
	Acidentes Transporte	Outros Acidentes	Suicídios	Homicídios	Outros Externos			
<1	4,7	29,0	0,0	6,0	5,3	44,9	1493,4	1538,4
1	4,0	13,4	0,0	1,5	2,0	20,9	87,4	108,3
2	3,4	8,6	0,0	1,0	1,0	13,9	43,8	57,7
3	3,3	5,2	0,0	0,8	0,6	9,8	31,1	40,8
4	3,2	4,8	0,0	0,5	0,8	9,4	23,8	33,1
5	3,5	4,2	0,0	0,8	0,3	8,7	19,9	28,6
6	3,2	3,5	0,0	0,8	0,5	8,1	17,2	25,3
7	3,2	3,5	0,0	0,3	0,2	7,2	17,2	24,4
8	3,4	2,9	0,0	0,7	0,3	7,3	15,0	22,3
9	3,7	3,2	0,1	0,6	0,2	7,8	15,7	23,5
10	3,3	3,9	0,2	1,0	0,7	9,1	15,9	25,0
11	3,9	3,4	0,3	0,7	0,5	8,7	17,2	25,9
12	4,0	3,9	0,5	2,0	0,8	11,2	17,8	29,1
13	4,9	3,7	1,0	4,7	1,0	15,2	18,2	33,4
14	6,4	5,2	1,4	12,1	1,4	26,6	21,8	48,4
15	9,8	7,0	1,9	25,2	2,5	46,4	25,6	72,0
16	13,0	7,3	3,6	42,7	3,5	70,2	29,0	99,2
17	19,1	7,4	4,3	63,4	4,6	98,8	32,6	131,4
18	26,5	9,8	4,2	64,7	6,0	111,1	32,3	143,5
19	32,7	10,7	5,1	75,6	6,4	130,5	39,6	170,0
Total	8,4	6,8	1,3	16,3	2,0	35,4	86,4	121,7

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Essa queda na participação percentual dos homicídios no total de óbitos, aos 18 e 19 anos de idade, não se deve a uma diminuição nos índices de homicídio. É explicada pelo fato de que, a partir dos 14 ou 15 anos de idade, entra na disputa o crescimento das mortes em acidentes de transporte, cujas taxas se tornam bem relevantes a partir dos 16 anos de idade, como pode ser observado na Tabela 5.1.3.

Gráfico 5.1.3. Participação % segundo causa de mortalidade de crianças e adolescentes por idades simples 3. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

5.2. Homicídios nas Unidades Federativas

Desagregando os dados segundo as regiões e Unidades Federativas do País, temos o panorama detalhado nas Tabelas 5.2.1 e 5.2.2.

Na década 2003/2013, o número de homicídios, na faixa de <1 a 19 anos de idade, cresceu 19,7%. Entre 2012 e 2013, o crescimento foi de 3,6%. Os quantitativos, que já eram elevados no início do período, cresceram mais ainda, agravando a situação. Nesse decênio, as taxas passaram de 12,4 para 16,3 por 100 mil, representando um aumento de 31,4% na década e de 2,7% no último ano da série.

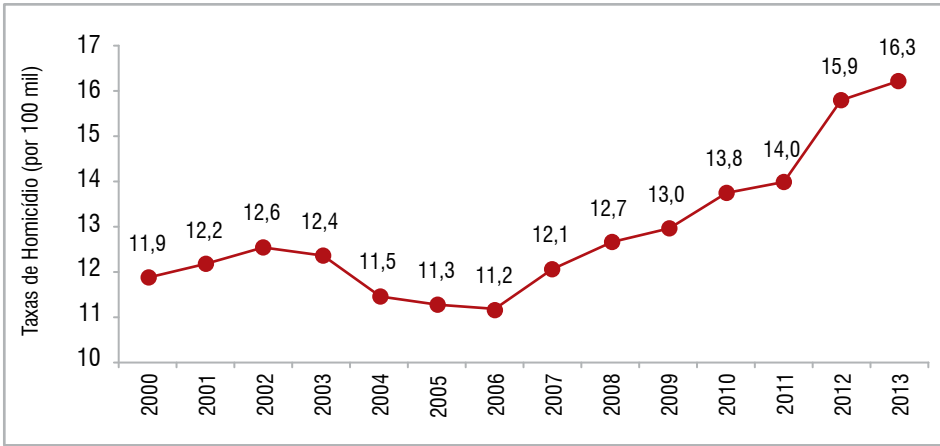
Como retrata o Gráfico 5.2.1, a evolução ao longo do período não foi homogênea, apresentando algumas oscilações. Para um melhor entendimento, nesse gráfico iniciamos a série no ano 2000. Considerando os anos anteriores, em 2004 observa-se uma inflexão nas taxas, atribuível às estratégias de controle das armas de fogo, iniciadas nesse ano para, pouco depois, em 2006, retomar a espiral ascendente de forma bem acelerada, com um ritmo médio elevado de 5,6% ao ano.

Tabela 5.2.1. Número de homicídios de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos de idade) por UF e região. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %	
												03/13	12/13
Acre	22	24	23	18	20	23	27	35	24	33	40	81,8	21,2
Amapá	53	53	51	48	33	43	42	65	53	63	65	22,6	3,2
Amazonas	122	96	109	128	124	144	155	184	276	210	237	94,3	12,9
Pará	240	223	339	352	371	497	523	603	568	572	595	147,9	4,0
Rondônia	67	86	77	74	69	77	84	72	50	63	54	-19,4	-14,3
Roraima	11	15	16	25	25	18	34	17	16	63	58	427,3	-7,9
Tocantins	30	29	24	38	30	42	37	44	45	54	50	66,7	-7,4
Norte	545	526	639	683	672	844	902	1.020	1.032	1.058	1.099	101,7	3,9
Alagoas	201	196	243	343	359	374	318	426	470	477	541	169,2	13,4
Bahia	373	351	446	531	581	791	1.085	1.172	1.075	1.252	1.171	213,9	-6,5
Ceará	215	231	283	314	353	364	388	505	543	911	1.052	389,3	15,5
Maranhão	100	110	137	162	172	189	190	185	173	222	306	206,0	37,8
Paraíba	81	112	136	161	157	173	242	282	306	330	321	296,3	-2,7
Pernambuco	745	840	840	828	865	798	704	594	599	597	498	-33,2	-16,6
Piauí	52	46	69	72	52	55	58	41	56	73	92	76,9	26,0
Rio Grande do Norte	51	48	67	68	106	138	139	138	200	253	311	509,8	22,9
Sergipe	74	66	54	82	77	76	83	85	127	145	162	118,9	11,7
Nordeste	1.892	2.000	2.275	2.561	2.722	2.958	3.207	3.428	3.549	4.260	4.454	135,4	4,6
Espírito Santo	290	323	297	313	351	364	390	376	391	391	427	47,2	9,2
Minas Gerais	692	765	815	825	815	749	689	657	769	928	911	31,6	-1,8
Rio de Janeiro	1.315	1.244	1.297	1.245	1.047	902	723	803	746	693	903	-31,3	30,3
São Paulo	2.560	1.853	1.332	1.182	804	754	657	651	639	782	781	-69,5	-0,1
Sudeste	4.857	4.185	3.741	3.565	3.017	2.769	2.459	2.487	2.545	2.794	3.022	-37,8	8,2
Paraná	467	525	630	618	650	691	661	623	582	628	498	6,6	-20,7
Rio Grande do Sul	282	326	320	277	363	331	321	295	292	334	325	15,2	-2,7
Santa Catarina	105	108	122	105	114	146	128	123	111	137	112	6,7	-18,2
Sul	854	959	1.072	1.000	1.127	1.168	1.110	1.041	985	1.099	935	9,5	-14,9
Distrito Federal	218	198	168	140	158	191	203	190	211	217	223	2,3	2,8
Goiás	180	228	224	228	220	247	253	298	364	473	499	177,2	5,5
Mato Grosso	125	107	129	134	121	124	128	129	122	151	189	51,2	25,2
Mato Grosso do Sul	116	106	113	103	129	132	131	93	86	103	99	-14,7	-3,9
Centro-Oeste	639	639	634	605	628	694	715	710	783	944	1.010	58,1	7,0
BRASIL	8.787	8.309	8.361	8.414	8.166	8.433	8.393	8.686	8.894	10.155	10.520	19,7	3,6

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.2.1. Evolução das taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos). Brasil. 2000-2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 5.2.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos de idade) por UF e região. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %	
												03/13	12/13
Acre	7,2	7,7	6,8	5,2	6,1	7,3	8,5	10,8	7,3	9,8	11,7	62,8	19,2
Amapá	19,3	18,6	16,7	15,2	10,7	14,5	14,2	22,0	17,6	20,4	20,7	7,0	1,0
Amazonas	7,9	6,1	6,7	7,6	8,0	9,7	10,3	12,1	17,9	13,4	14,9	88,6	11,2
Pará	7,5	6,8	9,9	10,1	11,8	15,8	16,7	19,2	17,8	17,7	18,1	142,0	2,6
Rondônia	10,0	12,7	10,9	10,3	10,6	12,9	14,3	12,4	8,5	10,7	9,1	-9,4	-15,1
Roraima	6,1	8,1	8,2	12,4	13,0	9,5	17,7	8,7	8,0	30,8	27,8	356,3	-9,8
Tocantins	5,2	4,9	3,9	6,1	5,3	8,1	7,0	8,2	8,3	9,8	9,0	72,5	-8,5
Norte	8,1	7,6	8,9	9,3	10,0	12,9	13,7	15,5	15,4	15,6	16,0	97,0	2,4
Alagoas	14,8	14,3	17,3	24,1	27,1	28,1	24,9	34,8	38,1	38,4	43,3	192,6	12,6
Bahia	6,3	5,9	7,3	8,6	10,8	14,6	21,0	23,8	21,7	25,2	23,4	271,7	-7,0
Ceará	6,2	6,6	7,8	8,6	10,6	11,0	12,2	16,6	17,7	29,5	33,7	444,1	14,4
Maranhão	3,4	3,7	4,5	5,3	6,2	6,9	7,0	6,8	6,3	8,0	10,9	220,9	36,4
Paraíba	5,4	7,4	8,9	10,4	11,5	12,5	18,0	21,6	23,3	24,9	24,1	346,6	-3,3
Pernambuco	21,6	24,2	23,7	23,1	27,0	24,9	22,4	19,3	19,4	19,1	15,8	-26,7	-17,2
Piauí	3,9	3,4	5,0	5,2	4,2	4,4	4,9	3,6	4,9	6,4	8,0	104,1	25,2
Rio Grande do Norte	4,1	3,8	5,2	5,2	9,1	12,0	12,5	12,7	18,3	22,9	27,9	580,4	21,8
Sergipe	8,8	7,7	6,1	9,1	9,4	9,7	10,7	11,2	16,6	18,7	20,7	135,5	10,6
Nordeste	8,6	9,0	10,0	11,1	13,2	14,4	16,1	17,8	18,3	21,8	22,6	162,9	3,7
Espírito Santo	22,6	24,8	22,1	22,9	29,0	31,2	34,2	33,8	34,8	34,5	37,3	65,1	8,2
Minas Gerais	9,6	10,5	10,9	10,9	12,1	11,3	10,8	10,7	12,5	15,0	14,6	52,2	-2,5
Rio de Janeiro	25,7	24,1	24,5	23,2	21,2	18,4	15,1	17,2	15,9	14,7	18,9	-26,3	29,3
São Paulo	18,3	13,0	9,1	7,9	6,0	5,8	5,2	5,4	5,2	6,3	6,3	-65,7	-0,9
Sudeste	17,6	15,0	13,0	12,2	11,5	10,8	9,9	10,3	10,5	11,4	12,3	-30,2	7,3

(Continua)

Tabela 5.2.2. (Continuação)

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %	
												03/13	12/13
Paraná	12,2	13,6	15,9	15,4	18,0	19,5	19,3	18,8	17,4	18,7	14,7	20,6	-21,2
Rio Grande do Sul	7,5	8,6	8,3	7,1	10,5	9,9	10,0	9,5	9,4	10,7	10,3	38,0	-3,1
Santa Catarina	4,9	5,0	5,5	4,6	5,7	7,4	6,6	6,4	5,8	7,0	5,7	16,0	-19,1
Sul	8,8	9,8	10,6	9,8	12,4	13,2	12,9	12,5	11,7	13,0	11,0	25,1	-15,5
Distrito Federal	25,3	22,5	18,3	14,9	18,2	21,2	23,5	22,9	25,1	25,4	25,7	1,6	1,2
Goiás	8,5	10,6	10,0	9,9	10,6	12,2	12,6	15,1	18,2	23,3	24,3	185,9	4,2
Mato Grosso	11,0	9,3	10,8	11,0	11,0	11,3	11,8	12,1	11,3	13,8	17,1	55,1	23,5
Mato Grosso do Sul	13,0	11,7	12,1	10,9	15,2	15,7	15,6	11,1	10,1	12,0	11,4	-12,2	-5,0
Centro-Oeste	12,8	12,6	12,0	11,2	12,8	14,2	14,9	15,1	16,4	19,5	20,6	61,2	5,6
Brasil	12,4	11,5	11,3	11,2	12,1	12,7	13,0	13,8	14,0	15,9	16,3	31,4	2,7

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

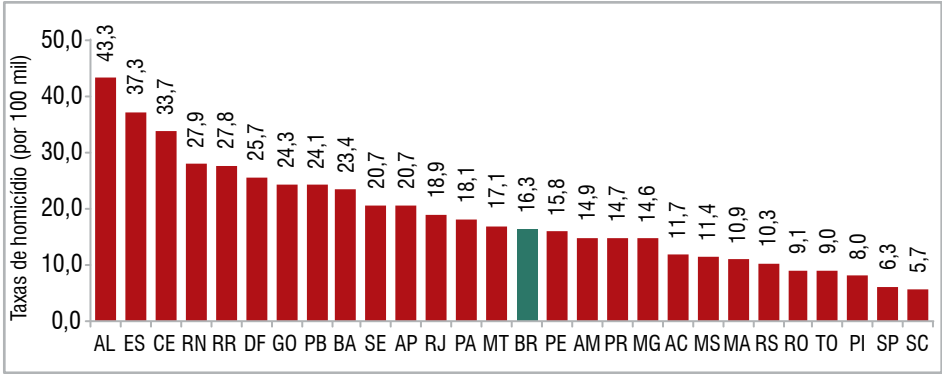
Os dados da Tabela 5.2.2 e do Gráfico 5.2.3 apontam duas situações bem diferenciadas:

- Em primeiro lugar, um pequeno grupo de unidades, principalmente São Paulo, Pernambuco e Rio de Janeiro - e também, em menor medida, Mato Grosso do Sul e Rondônia -, conseguem fazer regredir as taxas ao longo da década.
- Em outro grupo de estados, numericamente bem maior (22 ao todo), as taxas cresceram ao longo do período - em alguns casos drasticamente, como no Rio Grande do Norte, no Ceará, em Roraima e na Paraíba, que mais que quadruplicam suas taxas.

Apesar do largo diferencial no número de integrantes de ambos os grupos, o crescimento moderado das taxas na década (31,4%) explica-se pelo grande peso demográfico dos estados que compõem o primeiro grupo, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, com significativas quedas nas taxas de homicídio de crianças e adolescentes.

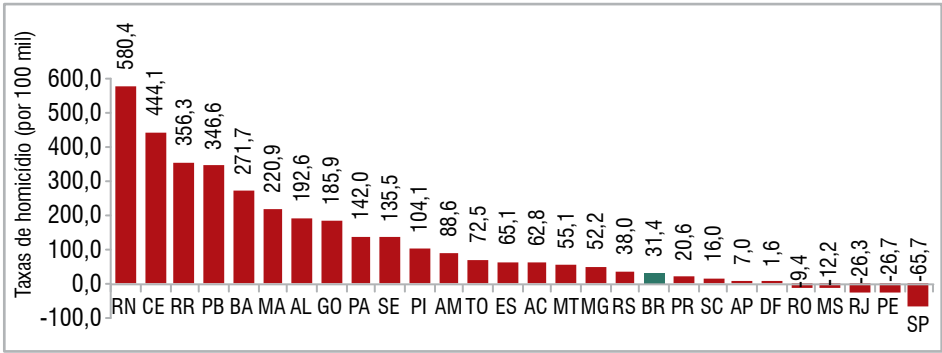
Ainda assim, no segundo grupo, temos diversas Unidades que apresentam pesados incrementos individuais, como Rio Grande do Norte, que praticamente setuplica seus índices, ou Ceará, que os quintuplica.

Gráfico 5.2.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos por UF. Brasil. 2013.



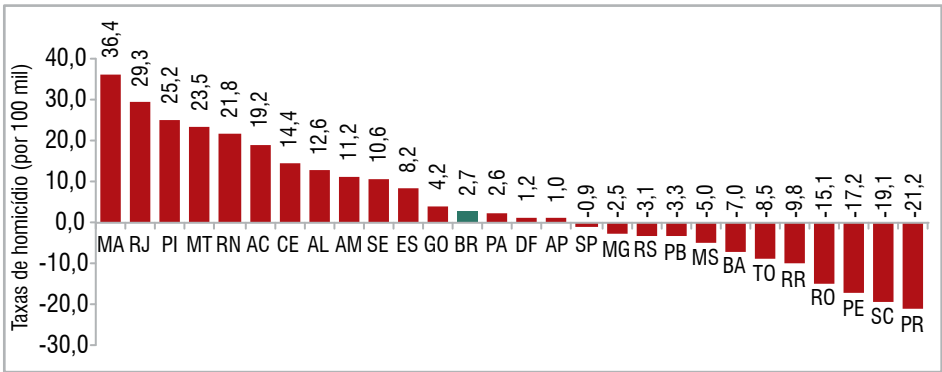
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.2.3. Crescimento % 2003/13 das taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos por UF. Brasil.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.2.4. Crescimento % 2012/13 das taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos por UF. Brasil.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 5.2.3. Ordenamento das UF's por taxas de homicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. Brasil. 2003-2013.

UF	2003		UF	2013		Δ % 2003/13
	Taxa	Pos.		Ano	Taxa	
Rio de Janeiro	25,7	1º	Rio de Janeiro	18,9	12º	-26,3
Distrito Federal	25,3	2º	Distrito Federal	25,7	6º	1,6
Espírito Santo	22,6	3º	Espírito Santo	37,3	2º	65,1
Pernambuco	21,6	4º	Pernambuco	15,8	15º	-26,7
Amapá	19,3	5º	Amapá	20,7	11º	7,0
São Paulo	18,3	6º	São Paulo	6,3	26º	-65,7
Alagoas	14,8	7º	Alagoas	43,3	1º	192,6
Mato Grosso do Sul	13,0	8º	Mato Grosso do Sul	11,4	20º	-12,2
Paraná	12,2	9º	Paraná	14,7	17º	20,6
Mato Grosso	11,0	10º	Mato Grosso	17,1	14º	55,1
Rondônia	10,0	11º	Rondônia	9,1	23º	-9,4
Minas Gerais	9,6	12º	Minas Gerais	14,6	18º	52,2
Sergipe	8,8	13º	Sergipe	20,7	10º	135,5
Goiás	8,5	14º	Goiás	24,3	7º	185,9
Amazonas	7,9	15º	Amazonas	14,9	16º	88,6
Pará	7,5	16º	Pará	18,1	13º	142,0
Rio Grande do Sul	7,5	17º	Rio Grande do Sul	10,3	22º	38,0
Acre	7,2	18º	Acre	11,7	19º	62,8
Bahia	6,3	19º	Bahia	23,4	9º	271,7
Ceará	6,2	20º	Ceará	33,7	3º	444,1
Roraima	6,1	21º	Roraima	27,8	5º	356,3
Paraíba	5,4	22º	Paraíba	24,1	8º	346,6
Tocantins	5,2	23º	Tocantins	9,0	24º	72,5
Santa Catarina	4,9	24º	Santa Catarina	5,7	27º	16,0
Rio Grande do Norte	4,1	25º	Rio Grande do Norte	27,9	4º	580,4
Piauí	3,9	26º	Piauí	8,0	25º	104,1
Maranhão	3,4	27º	Maranhão	10,9	21º	220,9

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

A Tabela 5.2.3 tipifica a situação das taxas de homicídio de crianças e adolescentes no ano de 2003, e as contrasta com a situação encontrada em 2013. Podem ser observados diversos deslocamentos significativos:

- Estados que ocupavam lugares destacados no *ranking* da violência em 2003, como Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo ou Mato Grosso do Sul, caem para posições bem menos acentuadas.
- Outras Unidades, relativamente tranquilas em 2003, como Rio Grande do Norte, Paraíba, Roraima, Ceará ou Bahia, viram suas taxas crescerem drasticamente, passando a ocupar posições de relevo no mapa da violência homicida do País.

A partir da Tabela 5.2.4, ingressamos no tratamento dos homicídios, especificamente na faixa de 16 e 17 anos de idade, objeto das controvérsias atuais. Como vimos acima, no detalhamento dos homicídios por idades simples, as taxas de homicídio para esta faixa estão entre as maiores na série aqui estudada, de <1 a 19 anos de idade, além de ser a causa, com maior participação, na mortalidade dos adolescentes de 16 e 17 anos. Também podemos observar que o crescimento decenal das taxas nesta faixa (38,3%) foi superior ao da faixa ampla, de <1 a 19 anos de idade (Tabela 5.2.2: 31,4%).

Tabela 5.2.4. Número de homicídios de adolescentes (16 e 17 anos de idade) por UF e região. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Acre	8	6	5	9	9	6	8	15	9	6	9
Amapá	15	18	16	18	8	15	15	24	19	19	22
Amazonas	31	32	34	34	38	38	52	60	96	72	79
Pará	70	84	107	117	125	169	182	215	205	189	204
Rondônia	25	41	19	33	31	28	23	27	15	18	15
Roraima	2	4	6	6	5	3	7	4	3	11	7
Tocantins	7	16	5	11	8	14	10	12	14	18	8
Norte	158	201	192	228	224	273	297	357	361	333	344
Alagoas	66	66	70	99	125	117	113	144	159	183	189
Bahia	120	110	132	149	188	274	381	419	396	484	393
Ceará	69	68	98	104	112	122	141	174	192	350	373
Maranhão	31	35	42	48	56	64	54	60	63	59	110
Paraíba	32	40	30	41	49	59	82	101	113	129	116
Pernambuco	245	298	284	290	288	263	255	196	196	207	187
Piauí	20	13	22	26	14	11	24	13	21	25	39
Rio Grande do Norte	19	16	25	19	34	55	46	51	60	103	117
Sergipe	24	17	20	29	25	22	27	24	51	48	64
Nordeste	626	663	723	805	891	987	1.123	1.182	1.251	1.588	1.588
Espírito Santo	113	105	92	112	119	123	135	130	151	149	171
Minas Gerais	250	261	295	291	294	252	231	236	263	344	359
Rio de Janeiro	467	444	513	464	367	342	242	285	279	238	323
São Paulo	864	621	475	403	224	205	199	241	203	278	283
Sudeste	1.694	1.431	1.375	1.270	1.004	922	807	892	896	1.009	1.136
Paraná	139	190	216	214	217	259	216	218	191	217	173
Rio Grande do Sul	83	97	104	79	92	95	102	78	89	118	115
Santa Catarina	31	41	45	44	34	41	39	40	44	47	39
Sul	253	328	365	337	343	395	357	336	324	382	327
Distrito Federal	73	79	64	47	50	64	76	74	83	80	76
Goiás	56	71	77	80	66	76	78	119	103	157	183
Mato Grosso	44	33	37	56	26	33	37	40	48	47	65
Mato Grosso do Sul	22	34	37	32	43	38	48	33	26	31	30
Centro-Oeste	195	217	215	215	185	211	239	266	260	315	354
BRASIL	2.926	2.840	2.870	2.855	2.647	2.788	2.823	3.033	3.092	3.627	3.749

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 5.2.5. Taxas de homicídios (por 100 mil) adolescentes de 16 e 17 anos por UF e região. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %	
												03/13	12/13
Acre	27,7	20,3	15,5	27,3	30,2	21,0	27,8	48,3	28,5	18,7	27,7	-0,2	47,8
Amapá	57,4	66,6	55,1	59,8	28,1	55,4	55,2	80,1	63,2	61,9	71,0	23,8	14,8
Amazonas	21,6	21,8	22,2	21,7	26,1	26,6	35,9	40,4	64,5	47,6	51,9	140,9	9,0
Pará	22,2	26,2	32,1	34,4	40,5	54,9	59,0	67,5	64,0	58,1	62,1	179,6	7,0
Rondônia	37,7	60,9	27,2	46,4	47,5	46,5	38,5	42,8	23,8	28,3	23,5	-37,6	-16,8
Roraima	12,0	23,3	32,8	31,8	28,0	17,3	40,6	21,1	15,5	55,8	34,8	190,9	-37,6
Tocantins	12,0	26,9	8,1	17,4	14,0	26,7	19,3	21,4	24,7	31,4	13,8	15,3	-56,0
Norte	24,1	30,1	27,5	31,9	34,3	42,9	46,6	53,6	53,9	49,0	50,2	108,0	2,4
Alagoas	47,8	47,3	49,1	68,7	100,7	95,4	93,0	114,5	125,5	143,4	147,0	207,5	2,5
Bahia	18,4	16,7	19,7	22,0	34,5	50,6	71,7	77,7	74,1	90,1	73,5	299,9	-18,5
Ceará	20,1	19,6	27,4	28,7	32,6	36,0	42,1	50,9	56,2	101,6	108,0	436,0	6,3
Maranhão	10,1	11,3	13,2	14,9	20,5	24,3	20,9	21,8	22,8	21,2	39,3	287,6	85,8
Paraíba	20,0	24,9	18,4	25,0	33,8	41,0	58,0	72,1	79,5	90,2	80,2	300,2	-11,1
Pernambuco	67,2	81,0	75,6	76,4	87,3	81,0	79,8	60,9	60,0	62,9	56,1	-16,5	-10,8
Piauí	13,7	8,8	14,7	17,2	11,1	9,1	20,5	10,8	17,4	20,5	31,8	131,7	54,7
Rio Grande do Norte	14,9	12,4	18,8	14,1	28,0	46,8	40,1	42,4	50,5	85,9	98,1	560,2	14,2
Sergipe	27,8	19,4	22,1	31,5	31,1	28,8	35,9	29,3	62,7	58,4	78,0	180,9	33,5
Nordeste	26,9	28,2	30,1	33,2	42,7	48,1	55,7	57,2	60,5	76,2	76,0	182,0	-0,3
Espírito Santo	81,3	74,5	63,1	75,6	94,6	103,5	116,2	108,3	125,7	122,9	140,6	72,8	14,3
Minas Gerais	32,3	33,3	36,7	35,8	41,9	36,5	33,9	34,5	38,1	49,5	51,2	58,8	3,4
Rio de Janeiro	87,6	82,5	93,0	83,2	75,2	70,0	49,5	56,3	54,8	46,4	62,5	-28,7	34,8
São Paulo	57,3	40,6	30,1	25,1	16,5	15,8	15,5	18,4	15,5	21,1	21,3	-62,7	1,4
Sudeste	57,3	47,8	44,7	40,7	37,5	35,5	31,4	34,1	34,1	38,1	42,6	-25,6	11,9
Paraná	35,2	47,6	52,8	51,7	57,3	68,5	57,2	58,9	51,0	57,5	45,4	29,0	-21,1
Rio Grande do Sul	20,6	23,8	25,0	18,8	25,0	26,6	28,7	22,5	25,3	33,4	32,2	56,8	-3,6
Santa Catarina	13,7	17,9	19,1	18,4	15,8	19,3	18,4	18,7	20,1	21,2	17,3	26,0	-18,5
Sul	24,7	31,7	34,4	31,4	35,6	41,7	37,8	36,1	34,3	40,2	33,9	37,5	-15,5
Distrito Federal	78,5	83,3	64,6	46,4	56,8	69,0	80,9	85,5	94,0	89,3	83,3	6,1	-6,7
Goiás	25,5	31,7	33,0	33,7	31,4	36,7	37,7	56,2	48,0	72,2	83,1	226,4	15,0
Mato Grosso	38,1	28,1	30,3	45,0	23,0	29,2	32,8	34,9	41,7	40,3	55,4	45,5	37,3
Mato Grosso do Sul	23,9	36,5	38,5	32,8	49,1	43,8	55,4	36,4	28,3	33,4	32,0	33,8	-4,3
Centro-Oeste	37,4	41,0	39,1	38,3	37,1	42,2	47,8	52,8	51,0	61,0	67,7	80,8	11,0
BRASIL	39,1	37,5	36,8	36,1	38,5	41,4	42,3	44,7	45,3	52,7	54,1	38,3	2,7

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 5.2.6. Ordenamento das UFs por taxas de homicídio de adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2003-2013.

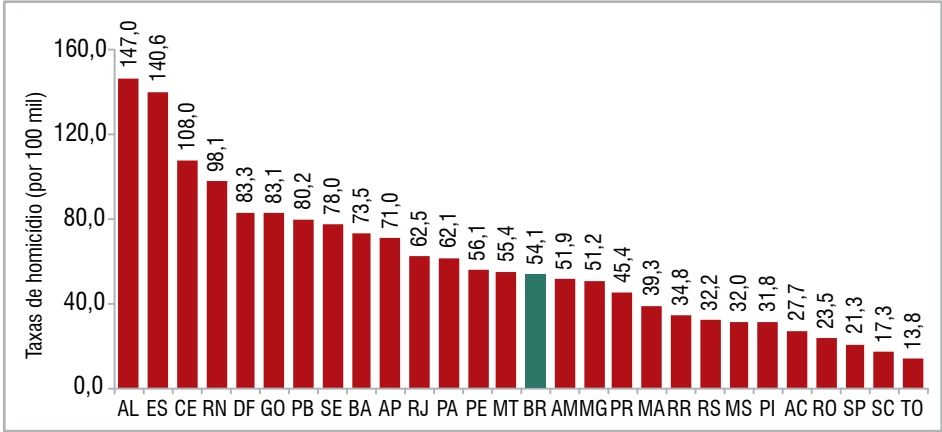
UF	2003		UF	2013		Δ % 2003/13
	Taxa	Pos.		Ano	Taxa	
Rio de Janeiro	87,6	1º	Rio de Janeiro	62,5	11º	-28,7
Espírito Santo	81,3	2º	Espírito Santo	140,6	2º	72,8
Distrito Federal	78,5	3º	Distrito Federal	83,3	5º	6,1
Pernambuco	67,2	4º	Pernambuco	56,1	13º	-16,5
Amapá	57,4	5º	Amapá	71,0	10º	23,8
São Paulo	57,3	6º	São Paulo	21,3	25º	-62,7
Alagoas	47,8	7º	Alagoas	147,0	1º	207,5
Mato Grosso	38,1	8º	Mato Grosso	55,4	14º	45,5
Rondônia	37,7	9º	Rondônia	23,5	24º	-37,6
Paraná	35,2	10º	Paraná	45,4	17º	29,0
Minas Gerais	32,3	11º	Minas Gerais	51,2	16º	58,8
Sergipe	27,8	12º	Sergipe	78,0	8º	180,9
Acre	27,7	13º	Acre	27,7	23º	-0,2
Goiás	25,5	14º	Goiás	83,1	6º	226,4
Mato Grosso do Sul	23,9	15º	Mato Grosso do Sul	32,0	21º	33,8
Pará	22,2	16º	Pará	62,1	12º	179,6
Amazonas	21,6	17º	Amazonas	51,9	15º	140,9
Rio Grande do Sul	20,6	18º	Rio Grande do Sul	32,2	20º	56,8
Ceará	20,1	19º	Ceará	108,0	3º	436,0
Paraíba	20,0	20º	Paraíba	80,2	7º	300,2
Bahia	18,4	21º	Bahia	73,5	9º	299,9
Rio Grande do Norte	14,9	22º	Rio Grande do Norte	98,1	4º	560,2
Santa Catarina	13,7	23º	Santa Catarina	17,3	26º	26,0
Piauí	13,7	24º	Piauí	31,8	22º	131,7
Tocantins	12,0	25º	Tocantins	13,8	27º	15,3
Roraima	12,0	26º	Roraima	34,8	19º	190,9
Maranhão	10,1	27º	Maranhão	39,3	18º	287,6

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

A região Nordeste, por larga margem, foi a que evidenciou maior crescimento em suas taxas na década: 182%, seguida pela região Norte, com 108,0%, e a Centro-Oeste, 80,8%. O Sul apresenta um crescimento moderado de 37,5% e o Sudeste foi a única região a evidenciar queda, 25,6%.

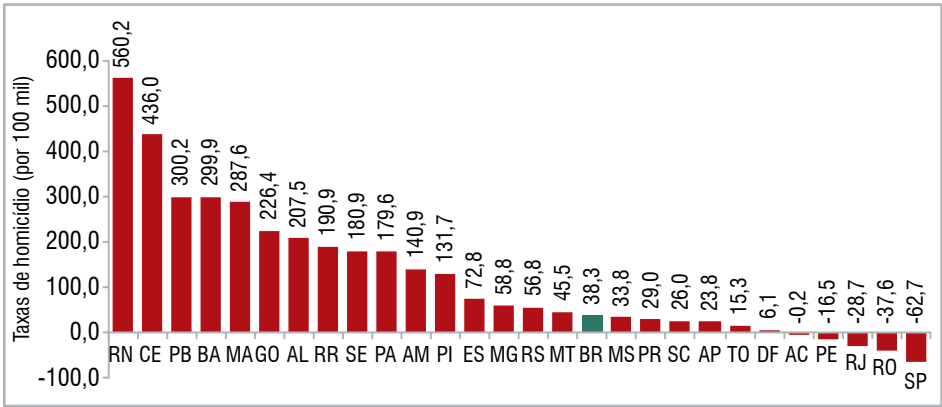
No ano de 2013, são quatro estados do Nordeste: Alagoas, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, que, junto com Espírito Santo, Distrito Federal e Goiás, evidenciaram as maiores taxas de mortalidade de adolescentes de 16 e 17 anos: acima de 80 homicídios por 100 mil adolescentes. No outro extremo, Tocantins e Santa Catarina apresentam as menores taxas, abaixo de 20 homicídios em 100 mil adolescentes. Ainda sendo as menores do Brasil, são taxas que demonstram níveis epidêmicos de violência.

Gráfico 5.2.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos por UF. Brasil. 2013.



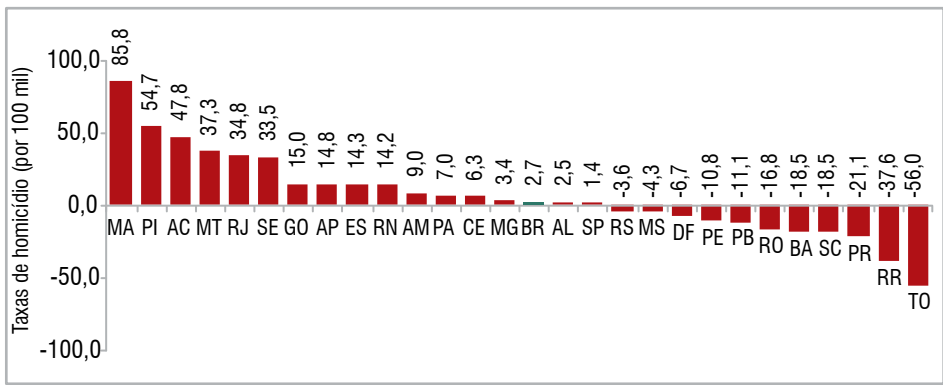
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.2.6. Crescimento % 2003/13 das taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos por UF. Brasil.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.2.7. Crescimento % 2012/13 das taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos por UF. Brasil.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Na evolução dos dados na década, observamos diversas situações altamente preocupantes:

- Rio Grande do Norte e Ceará apresentaram níveis totalmente inaceitáveis de crescimento das taxas de homicídios de seus adolescentes: 560,2% e 436,0%, respectivamente.
- Outros três estados, Paraíba, Bahia e Maranhão, completam o quadro dos cinco estados nordestinos a encabeçar o crescimento na década.
- Só cinco UF's - Acre, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rondônia e São Paulo -, evidenciaram quedas no período, com destaque para São Paulo, cuja queda foi de 62,7%

5.3. Homicídios nas capitais

Comparando a evolução das UF's com a das capitais na década 2003/2013, na faixa de <1 a 19 anos, é possível verificar que, se os quantitativos das UF's passaram de 8.787 (2003), para 10.520 (2013), apontando um crescimento de 19,7%, nas capitais, os números ficaram praticamente estagnados: 3.742 no ano inicial e 3.722 no final (magra queda de 0,5% na década). Esse fato encontra sua explicação nos processos de interiorização e desconcentração da violência, analisados em diversos Mapas anteriores. E esses processos, ocorridos na década, foram originados por três fatores relativamente independentes:

1. Esgotamento do modelo de desenvolvimento vigente até fins do século passado, altamente concentrado em poucas e grandes regiões metropolitanas. Surgem novos polos de crescimento no interior dos

estados e/ou em diversas UFs pouco beneficiadas até o momento, que atraem investimentos, empregos, migrações, recursos financeiros e, junto, chegam a violência e a criminalidade. É importante ressaltar que tal situação se dá num cenário de baixo aparelhamento das instituições do Estado dessas localidades, para fazer frente às novas demandas, principalmente na área de Segurança Pública.

2. Investimentos na Segurança Pública nas UFs mais violentas no início do período, que melhoram sua capacidade protetiva.
3. Melhoria da cobertura dos registros de mortalidade nos locais periféricos, que agora registram eventos anteriormente ignorados.

Podemos observar nas tabelas e gráficos a seguir que, se o número de homicídios de crianças e adolescentes ficou relativamente estagnado na década, com queda de 0,5%, as taxas aumentaram 10,2%, como consequência da retração do contingente populacional na faixa de <1 a 19 anos. Essa estagnação se processou a partir de patamares extremamente elevados de violência: em 2013, morreram, nas capitais, 3.722 crianças e adolescentes vítimas do flagelo. Fazendo as contas, foram 10,2 óbitos por dia, o que corresponde a uma taxa de 26,8 por 100 mil. Mas esses morticínios cotidianos não têm nome e nem endereço certo; acontecem no lusco-fusco de uma cultura de cegueira. Eles permanecem invisíveis sob o manto da desinformação, da indiferença e do desinteresse da mídia, da população e das instituições que deveriam ter o papel primordial de protegê-los.

Como observamos, as taxas de homicídios de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade cresceram nas capitais: de 24,3 por 100 mil, em 2003, para 26,8, em 2013, um aumento de 10,2%. Desagregando os dados para as regiões e capitais (Tabelas 5.3.2 e 5.3.3 e Gráficos 5.3.1 a 5.3.3), temos as seguintes configurações:

- O Nordeste, com sua taxa de 53,1 homicídios por 100 mil, que praticamente duplica a média nacional no ano de 2013, lidera, com folga, o ranking regional. As três capitais com as maiores taxas do País nesse ano são: Fortaleza, Maceió e João Pessoa, todas pertencentes ao Nordeste. Mais ainda: 7 das 8 capitais mais violentas são nordestinas. Impressiona aqui o brutal crescimento das taxas na década: 187,0%, praticamente triplicando seus índices.
- Norte, Sul e Centro-Oeste, no ano de 2013, encontram-se em posições intermediárias muito semelhantes: entre 20 e 26 homicídios em 100 mil crianças e adolescentes, bem próximas da média nacional.
- Na contramão da situação nacional e das restantes regiões, no Sudeste as taxas despencam drasticamente: de 31,4, em 2003, para 12,5 por 100 mil, em 2013. De longe, é a menor taxa regional, além de implicar numa queda de

60,1% na década. Em três das quatro capitais (Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo), as taxas caem, com destaque para esta última, que registra a impressionante queda de 71,4%, só equiparável à evidenciada por Florianópolis (72,1%). Em sentido contrário, Vitória é a única capital regional a registrar um leve crescimento, de 2,8%, nos homicídios na faixa de <1 a 19 anos.

Tabela 5.3.1. Homicídios de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais. Brasil. 2003/2013.

Capital/Região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
Belém	115	74	130	96	97	142	143	178	153	146	151
Boa Vista	9	12	12	11	9	10	15	15	12	13	19
Macapá	38	42	36	37	21	31	28	53	35	47	45
Manaus	96	74	89	98	104	113	128	145	213	158	152
Palmas	3	7	7	4	3	8	5	13	11	9	17
Porto Velho	32	58	45	51	49	41	47	33	32	32	29
Rio Branco	18	17	12	13	13	14	18	18	8	19	19
Norte	311	284	331	310	296	359	384	455	464	424	432
Aracaju	34	30	23	40	26	30	38	34	49	58	78
Fortaleza	87	102	165	181	210	216	219	320	343	584	651
João Pessoa	44	55	54	64	66	93	107	132	154	153	143
Maceió	118	127	156	219	189	223	165	253	252	221	251
Natal	33	19	32	34	51	63	58	75	88	101	120
Recife	241	343	320	281	301	285	219	187	174	166	128
Salvador	132	134	183	207	238	351	438	446	370	368	343
São Luís	44	54	56	61	74	70	76	72	63	95	156
Teresina	42	34	47	54	38	35	40	29	44	54	73
Nordeste	775	898	1.036	1.141	1.193	1.366	1.360	1.548	1.537	1.800	1.943
Belo Horizonte	300	329	281	297	300	251	202	168	208	198	193
Rio de Janeiro	633	592	481	544	380	321	271	268	215	181	210
São Paulo	1.035	726	458	355	240	190	179	169	171	266	261
Vitória	53	62	66	54	54	49	51	68	46	58	47
Sudeste	2.021	1.709	1.286	1.250	974	811	703	673	640	703	711
Curitiba	119	125	169	183	189	200	171	181	124	124	97
Florianópolis	28	32	35	22	28	23	22	21	19	18	7
Porto Alegre	88	101	111	89	138	114	114	99	91	116	97
Sul	235	258	315	294	355	337	307	301	234	258	201
Brasília	218	198	168	140	158	191	203	190	211	217	223
Campo Grande	52	45	43	32	57	40	43	26	29	25	28
Cuiabá	49	38	54	63	41	38	37	41	36	36	36
Goiânia	81	80	62	79	71	83	61	72	113	131	148
Centro-Oeste	400	361	327	314	327	352	344	329	389	409	435
Brasil	3.742	3.510	3.295	3.309	3.145	3.225	3.098	3.306	3.264	3.594	3.722

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 5.3.2 Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais. Brasil. 2003/2013.

Capital/Região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %	
												03/13	12/13
Belém	21,4	13,6	23,1	16,8	19,0	28,8	30,3	39,5	33,7	32,0	32,9	53,7	2,8
Boa Vista	8,5	11,0	10,4	9,2	8,1	9,0	13,3	13,1	10,2	10,9	15,5	82,7	43,1
Macapá	24,2	25,7	20,5	20,3	11,7	18,5	16,7	31,7	20,5	27,0	25,3	4,5	-6,2
Manaus	14,0	10,5	12,0	12,9	14,9	16,6	18,8	21,2	30,6	22,3	21,2	51,1	-5,3
Palmas	3,9	8,5	7,5	4,0	3,2	10,8	6,3	15,4	12,7	10,1	18,5	374,1	83,6
Porto Velho	19,7	35,1	26,2	29,1	30,8	26,8	30,5	21,2	20,2	19,9	17,7	-9,9	-10,8
Rio Branco	14,1	13,0	8,4	8,9	9,5	11,1	13,9	13,6	5,9	13,9	13,6	-3,2	-1,7
Norte	16,8	14,9	16,5	15,1	15,7	19,9	21,4	25,4	25,5	23,0	23,1	37,3	0,4
Aracaju	18,1	15,8	11,8	20,2	14,7	16,5	21,2	19,2	27,3	31,9	42,2	133,4	32,6
Fortaleza	9,5	11,0	17,2	18,5	23,6	24,5	26,4	41,1	43,7	73,6	81,3	755,8	10,4
João Pessoa	18,1	22,3	21,2	24,7	28,3	40,0	47,1	59,4	68,4	67,1	61,9	242,0	-7,7
Maceió	33,9	35,8	42,1	57,9	52,3	63,4	49,3	79,8	78,6	68,2	76,7	126,1	12,4
Natal	11,3	6,4	10,5	10,9	18,3	23,1	22,4	30,5	35,5	40,4	47,6	320,9	17,8
Recife	45,3	64,0	58,6	51,0	61,2	58,1	46,7	41,8	38,7	36,7	28,1	-37,9	-23,3
Salvador	13,7	13,7	18,2	20,2	26,4	36,8	50,8	58,0	47,8	47,2	43,7	219,1	-7,4
São Luís	11,0	13,3	13,3	14,2	19,3	19,2	21,6	21,3	18,4	27,5	44,6	305,6	62,3
Teresina	13,2	10,5	14,0	15,8	12,5	11,9	14,3	10,9	16,4	19,9	26,7	102,2	33,9
Nordeste	18,5	21,1	23,6	25,5	29,7	34,0	35,9	43,5	42,8	49,6	53,1	187,0	7,0
Belo Horizonte	38,0	41,3	34,6	36,2	41,2	34,8	29,8	26,6	32,8	31,0	30,1	-20,7	-2,9
Rio de Janeiro	33,9	31,5	25,3	28,4	21,4	18,3	15,7	15,9	12,6	10,6	12,2	-64,0	15,4
São Paulo	28,2	19,6	12,2	9,4	7,0	5,6	5,5	5,3	5,3	8,3	8,1	-71,4	-2,4
Vitória	50,4	58,3	60,6	49,0	56,3	52,3	56,0	76,8	51,5	64,5	51,8	2,8	-19,6
Sudeste	31,4	26,4	19,5	18,8	16,1	13,7	12,2	12,0	11,4	12,4	12,5	-60,1	0,6
Curitiba	20,6	21,3	27,8	29,6	33,9	36,4	32,9	37,0	25,2	25,0	19,4	-5,8	-22,3
Florianópolis	22,3	24,9	25,9	15,9	23,1	20,0	19,7	19,4	17,3	16,2	6,2	-72,1	-61,6
Porto Alegre	19,6	22,3	24,1	19,2	33,0	28,2	29,5	26,9	24,7	31,4	26,2	33,6	-16,6
Sul	20,4	22,1	26,2	24,1	32,4	31,5	30,2	31,2	24,1	26,4	20,4	0,2	-22,6
Brasília	25,3	22,5	18,3	14,9	18,2	21,2	23,5	22,9	25,1	25,4	25,7	1,6	1,3
Campo Grande	18,9	16,1	14,7	10,7	21,4	16,0	17,2	10,5	11,5	9,8	10,9	-42,4	10,7
Cuiabá	23,9	18,2	25,0	28,7	21,4	20,5	20,5	23,4	20,3	20,1	20,0	-16,5	-0,9
Goiânia	19,4	18,9	14,2	17,8	18,1	21,0	15,7	18,8	29,2	33,4	37,3	92,5	11,6
Centro-Oeste	22,7	20,1	17,5	16,5	19,0	20,3	20,4	20,1	23,5	24,4	25,6	12,6	5,0
Brasil	24,3	22,5	20,5	20,3	21,3	22,1	22,0	24,4	23,9	26,1	26,8	10,2	2,7

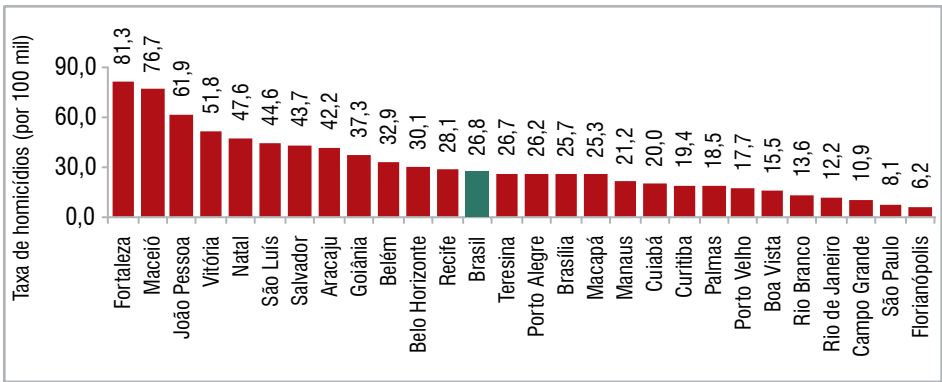
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab.5.3.3. Ordenamento das capitais por taxas de homicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. Brasil. 2003-2013.

Capital/Região	2003		Capital/Região	2013		Δ % 2003/13
	Taxa	Pos.		Ano	Taxa	
Vitória	50,4	1º	Vitória	51,8	4º	2,8
Recife	45,3	2º	Recife	28,1	12º	-37,9
Belo Horizonte	38,0	3º	Belo Horizonte	30,1	11º	-20,7
Maceió	33,9	4º	Maceió	76,7	2º	126,1
Rio de Janeiro	33,9	5º	Rio de Janeiro	12,2	24º	-64,0
São Paulo	28,2	6º	São Paulo	8,1	26º	-71,4
Brasília	25,3	7º	Brasília	25,7	15º	1,6
Macapá	24,2	8º	Macapá	25,3	16º	4,5
Cuiabá	23,9	9º	Cuiabá	20,0	18º	-16,5
Florianópolis	22,3	10º	Florianópolis	6,2	27º	-72,1
Belém	21,4	11º	Belém	32,9	10º	53,7
Curitiba	20,6	12º	Curitiba	19,4	19º	-5,8
Porto Velho	19,7	13º	Porto Velho	17,7	21º	-9,9
Porto Alegre	19,6	14º	Porto Alegre	26,2	14º	33,6
Goiânia	19,4	15º	Goiânia	37,3	9º	92,5
Campo Grande	18,9	16º	Campo Grande	10,9	25º	-42,4
Aracaju	18,1	17º	Aracaju	42,2	8º	133,4
João Pessoa	18,1	18º	João Pessoa	61,9	3º	242,0
Rio Branco	14,1	19º	Rio Branco	13,6	23º	-3,2
Manaus	14,0	20º	Manaus	21,2	17º	51,1
Salvador	13,7	21º	Salvador	43,7	7º	219,1
Teresina	13,2	22º	Teresina	26,7	13º	102,2
Natal	11,3	23º	Natal	47,6	5º	320,9
São Luís	11,0	24º	São Luís	44,6	6º	305,6
Fortaleza	9,5	25º	Fortaleza	81,3	1º	755,8
Boa Vista	8,5	26º	Boa Vista	15,5	22º	82,7
Palmas	3,9	27º	Palmas	18,5	20º	374,1

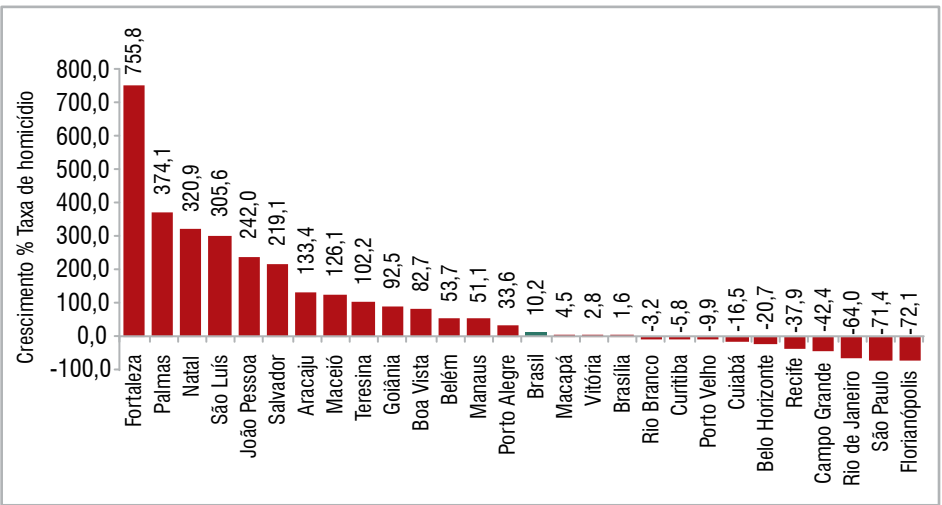
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.3.1. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos nas Capitais. Brasil. 2013.



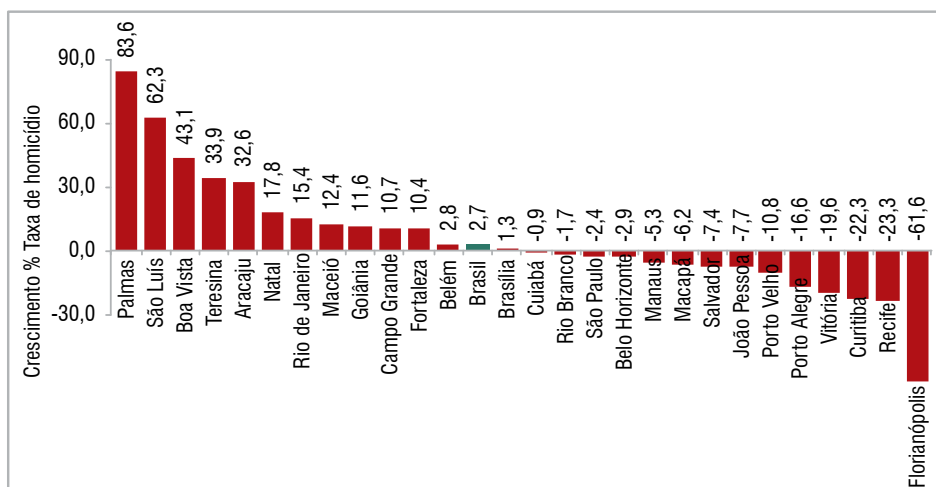
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.3.2. Crescimento % das taxas de homicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos nas Capitais. Brasil. 2003/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.3.3. Crescimento % das taxas de homicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos nas Capitais. Brasil. 2012/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Nas idades de 16 e 17 anos, observamos, nas tabelas e gráficos a seguir, fenômeno semelhante ao que ocorre na faixa ampla, de <1 a 19 anos: o número de homicídios de adolescentes nessa idade ficou relativamente estagnado na década, apresentando crescimento de 0,9%, enquanto as taxas aumentaram 14,5%, como consequência da retração do contingente populacional dessa faixa etária. A estagnação também se processou a partir de patamares extremamente elevados de mortalidade: em 2013, foram 1.312 adolescentes vítimas de homicídio nas capitais; 3,6 óbitos por dia, o que corresponde a uma taxa de 88,0 por cada 100 mil adolescentes de 16 e 17 anos. Como colocado, as taxas cresceram: de 76,9 por 100 mil, em 2003, para 88,0, em 2013, um aumento de 14,5%.

O Nordeste lidera, por larga margem, esse triste *ranking* das capitais, tanto nas taxas, quanto nos quantitativos. Possuindo 27,8% da população do País, concentra 52,8% do total de homicídios desses adolescentes na faixa de 16 e 17 anos de idade, no ano de 2013. Daí se explica sua taxa brutal: 173,1 homicídios por 100 mil, bem acima da média nacional de 88,0.

Um outro dado mais preocupante ainda, é o de que, em 2003, as capitais da região Nordeste apresentavam taxas bem abaixo da média nacional: 55,1 por 100 mil, quando a média nacional era de 76,9. A partir dessa data, de forma sistemática, números e taxas crescem aceleradamente para, em 2013, a taxa regional pular para 173,1, o que representa um crescimento de 214,0%, mais que triplicando a taxa de 2003. Individualmente, diversas capitais da região puxaram essas taxas para os limites absurdos que apresentam em 2013:

- Fortaleza, com a maior taxa nacional: 267,7 homicídios por 100 mil. Essa taxa, em 2003, era de 23,5, o que significou um incremento de 1.039,6% na década, aumentando mais de 11 vezes a taxa inicial;
- Maceió: taxa de 236,2 (segunda no *ranking*); crescimento de 106,6%;
- João Pessoa: taxa de 222,6 (terceira no *ranking*); crescimento de 275,7% na década.

Tabela 5.3.4. Homicídios de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %	
												03/13	12/13
Belém	30	34	41	32	39	47	61	76	62	54	53	76,7	-1,9
Boa Vista	2	4	5	6	3	3	5	4	3	7	6	200,0	-14,3
Macapá	11	15	12	16	4	11	11	20	17	12	15	36,4	25,0
Manaus	22	25	25	28	31	30	44	43	72	61	56	154,5	-8,2
Palmas	1	5	3	2	1	1	1	5	3	5	5	400,0	0,0
Porto Velho	14	31	9	25	20	12	12	12	12	12	9	-35,7	-25,0
Rio Branco	4	5	4	5	5	4	4	10	3	4	5	25,0	25,0
Norte	84	119	99	114	103	108	138	170	172	155	149	77,4	-3,9
Aracaju	12	6	12	14	9	9	11	6	19	21	30	150,0	42,9
Fortaleza	23	30	66	65	67	82	81	109	123	236	239	939,1	1,3
João Pessoa	16	15	18	16	24	34	33	45	55	55	56	250,0	1,8
Maceió	42	44	48	67	62	75	61	92	86	86	81	92,9	-5,8
Natal	16	8	14	9	14	27	16	31	26	46	43	168,8	-6,5
Recife	73	138	107	113	104	88	78	58	55	57	46	-37,0	-19,3
Salvador	49	45	52	62	75	124	147	155	143	131	113	130,6	-13,7
São Luís	14	17	20	21	23	24	21	25	25	24	49	250,0	104,2
Teresina	17	12	17	23	11	7	18	11	16	16	36	111,8	125,0
Nordeste	262	315	354	390	389	470	466	532	548	672	693	164,5	3,1
Belo Horizonte	108	122	100	117	103	93	74	58	70	78	71	-34,3	-9,0
Rio de Janeiro	253	233	220	211	138	122	80	91	72	55	62	-75,5	12,7
São Paulo	347	262	146	123	61	55	62	67	51	103	94	-72,9	-8,7
Vitória	24	21	22	18	18	11	20	18	23	21	21	-12,5	0,0
Sudeste	732	638	488	469	320	281	236	234	216	257	248	-66,1	-3,5
Curitiba	48	51	64	64	54	70	64	66	35	35	33	-31,3	-5,7
Florianópolis	9	17	12	10	11	8	9	8	11	8	6	-33,3	-25,0
Porto Alegre	27	26	38	22	34	35	36	26	27	37	42	55,6	13,5
Sul	84	94	114	96	99	113	109	100	73	80	81	-3,6	1,3
Brasília	73	82	64	47	50	64	76	74	83	80	76	4,1	-5,0
Campo Grande	16	14	12	11	23	14	18	10	10	5	5	-68,8	0,0
Cuiabá	19	12	20	31	11	9	12	10	17	14	14	-26,3	0,0
Goiânia	30	29	26	28	23	23	20	30	37	54	46	53,3	-14,8
Centro-Oeste	138	137	122	117	107	110	126	124	147	153	141	2,2	-7,8
Brasil	1.300	1.303	1.177	1.186	1.018	1.082	1.075	1.160	1.156	1.317	1.312	0,9	-0,4

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 5.3.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil. 2003/2013.

UF/região	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Δ %	
												03/13	12/13
Belém	49,3	55,1	64,4	49,4	73,0	90,4	117,2	150,5	123,5	106,9	105,2	113,2	-1,7
Boa Vista	19,5	38,0	44,6	51,9	28,7	28,6	47,7	34,0	24,8	56,6	47,4	142,5	-16,3
Macapá	70,5	92,6	68,7	88,4	24,0	71,1	70,8	114,4	97,2	67,2	83,5	18,4	24,2
Manaus	31,3	34,7	33,1	36,1	45,3	44,0	63,3	60,3	101,4	84,6	77,5	147,3	-8,4
Palmas	12,2	57,6	30,4	19,1	10,3	13,2	13,1	56,1	31,6	51,2	48,9	299,0	-4,6
Porto Velho	88,2	192,0	53,7	146,3	123,2	77,7	78,6	72,1	71,7	70,6	52,5	-40,5	-25,7
Rio Branco	31,3	38,1	28,1	34,1	38,2	33,1	33,0	74,5	21,8	28,6	35,0	12,1	22,4
Norte	43,4	60,0	47,4	53,2	54,8	59,6	75,6	89,4	90,2	80,1	76,4	76,2	-4,6
Aracaju	55,5	27,4	53,4	61,4	48,5	48,0	59,8	30,9	98,3	107,1	152,9	175,7	42,7
Fortaleza	23,5	30,2	64,0	62,0	69,4	85,9	85,1	121,7	138,6	263,5	267,7	1039,6	1,6
João Pessoa	59,2	54,7	63,4	55,4	91,9	131,1	128,1	182,7	222,7	219,9	222,6	275,7	1,2
Maceió	114,3	117,5	122,9	168,0	173,8	217,0	176,1	275,7	255,7	253,0	236,2	106,6	-6,6
Natal	48,9	24,1	41,0	26,0	46,5	92,8	55,9	109,5	93,0	163,1	153,3	213,2	-6,0
Recife	123,4	231,4	176,2	184,3	192,2	164,2	147,4	116,5	110,8	114,2	92,1	-25,4	-19,3
Salvador	42,5	38,5	43,1	50,6	78,8	123,9	147,4	179,8	167,4	152,4	132,0	210,8	-13,4
São Luís	29,4	35,1	39,6	40,8	55,6	62,6	56,1	65,4	65,7	62,3	127,1	332,2	104,0
Teresina	45,9	31,9	43,8	58,2	33,6	23,1	62,2	38,6	55,1	54,6	120,9	163,1	121,5
Nordeste	55,1	65,3	71,1	77,1	90,4	110,3	110,5	133,7	138,2	168,0	173,1	214,0	3,1
Belo Hori- zonte	121,1	135,5	108,8	126,0	132,2	121,5	98,4	82,0	98,1	108,9	98,4	-18,7	-9,6
Rio de Janeiro	127,4	116,6	108,6	103,4	77,1	68,7	45,2	49,7	39,1	29,7	33,3	-73,8	12,2
São Paulo	86,9	65,1	35,7	29,9	17,5	16,4	18,8	20,1	15,5	31,1	28,5	-67,2	-8,3
Vitória	190,9	165,3	169,0	136,7	175,1	112,6	210,6	184,3	232,7	210,7	208,5	9,2	-1,0
Sudeste	104,6	90,5	68,1	65,0	51,9	46,8	39,9	39,2	36,3	43,0	41,5	-60,4	-3,5
Curitiba	76,4	79,9	96,9	95,2	88,5	114,9	105,0	122,9	63,5	63,0	58,3	-23,8	-7,5
Florianópolis	62,2	114,8	77,1	62,7	80,6	61,7	69,8	65,9	86,3	61,9	44,9	-27,9	-27,6
Porto Alegre	53,2	50,9	73,1	41,9	76,7	80,9	84,0	65,4	66,4	90,7	101,3	90,4	11,7
Sul	65,6	72,5	85,3	70,8	83,2	96,5	93,4	94,7	67,2	73,2	72,7	10,8	-0,8
Brasília	78,5	86,4	64,6	46,4	56,8	69,0	80,9	85,5	94,0	89,3	83,3	6,1	-6,7
Campo Grande	54,4	46,7	38,4	34,5	80,4	51,8	66,9	35,9	35,2	17,4	17,1	-68,5	-1,5
Cuiabá	83,2	51,8	83,4	127,1	53,3	45,7	62,2	51,5	87,5	71,4	71,2	-14,4	-0,3
Goiânia	61,8	58,9	51,1	54,2	54,8	54,6	47,8	69,5	83,9	121,0	101,2	63,9	-16,3
Centro -Oeste	71,2	69,4	59,5	55,9	59,7	60,6	69,2	70,1	81,6	83,8	76,0	6,7	-9,3
Brasil	76,9	76,1	66,8	66,4	66,4	71,8	72,0	79,1	78,6	88,8	88,0	14,5	-0,8

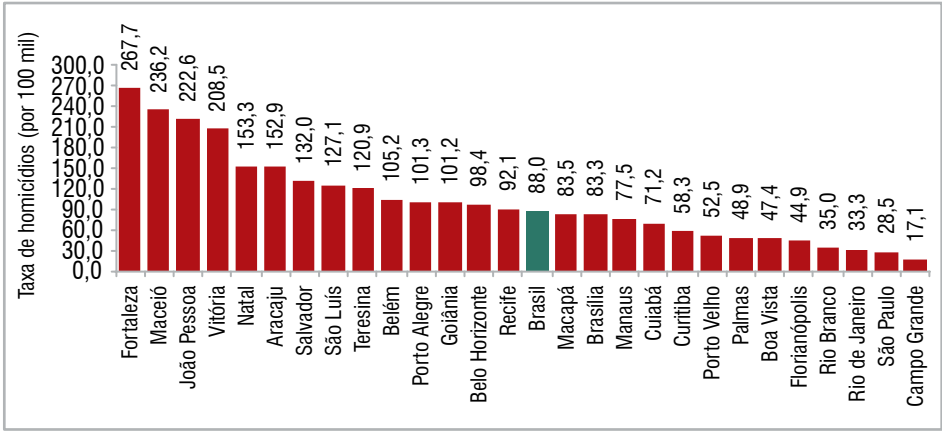
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 5.3.6. Ordenamento das taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil. 2003-2013.

Capital	2003		2013	
	Taxa	Pos.	Taxa	Pos.
Fortaleza	23,5	25º	267,7	1º
Maceió	114,3	5º	236,2	2º
João Pessoa	59,2	14º	222,6	3º
Vitória	190,9	1º	208,5	4º
Natal	48,9	19º	153,3	5º
Aracaju	55,5	15º	152,9	6º
Salvador	42,5	21º	132,0	7º
São Luís	29,4	24º	127,1	8º
Teresina	45,9	20º	120,9	9º
Belém	49,3	18º	105,2	10º
Porto Alegre	53,2	17º	101,3	11º
Goiânia	61,8	13º	101,2	12º
Belo Horizonte	121,1	4º	98,4	13º
Recife	123,4	3º	92,1	14º
Macapá	70,5	11º	83,5	15º
Brasília	78,5	9º	83,3	16º
Manaus	31,3	22º	77,5	17º
Cuiabá	83,2	8º	71,2	18º
Curitiba	76,4	10º	58,3	19º
Porto Velho	88,2	6º	52,5	20º
Palmas	12,2	27º	48,9	21º
Boa Vista	19,5	26º	47,4	22º
Florianópolis	62,2	12º	44,9	23º
Rio Branco	31,3	23º	35,0	24º
Rio de Janeiro	127,4	2º	33,3	25º
São Paulo	86,9	7º	28,5	26º
Campo Grande	54,4	16º	17,1	27º

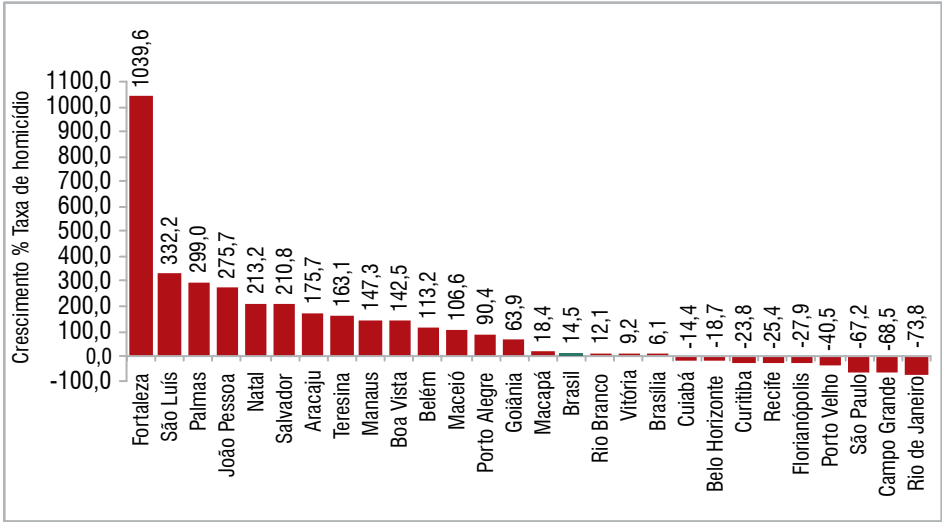
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.3.4. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos nas Capitais. Brasil. 2013.



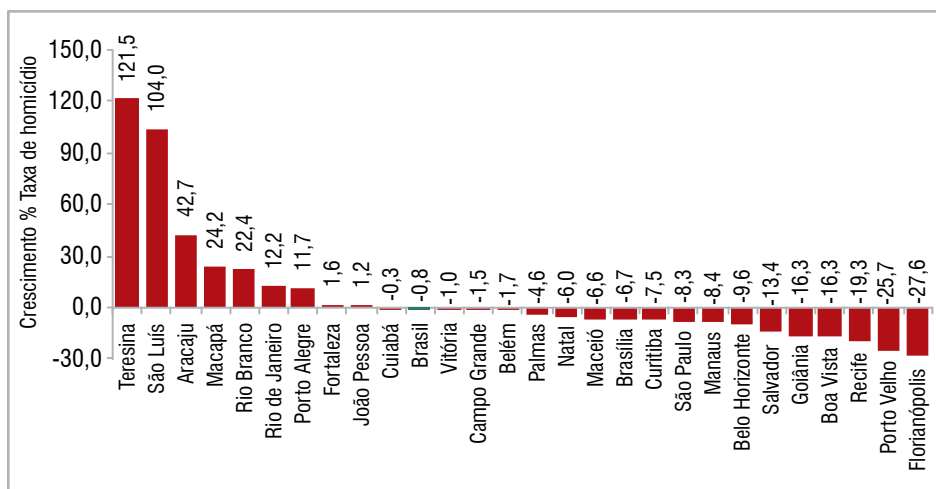
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.3.5. Crescimento % das taxas de homicídio de adolescentes de 16 e 17 anos nas Capitais. Brasil. 2003/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.3.6. Crescimento % das taxas de homicídio de adolescentes de 16 e 17 anos nas Capitais. Brasil. 2012/2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

No outro extremo do espectro, a região Sudeste experimenta fortes e contínuas quedas na década, tanto nos quantitativos, que passam de 732 homicídios para 248, praticamente um terço do inicial, quanto nas taxas, que caem 60,4%, de 104,6 homicídios em 100 mil, para 41,5. Isto se deve à retração das taxas em:

- São Paulo: taxas caem de 86,9 para 28,5 (queda de 67,2%);
- Rio de Janeiro: taxas caem de 127,4 para 33,3 (queda de 73,8%);
- Belo Horizonte: taxas caem de 121,1 para 98,4 (queda de 18,7%).

A região Norte experimentou um crescimento relativamente alto: 76,2%. Palmas se destaca pelo forte incremento de 299,0%, na década, e Belém, por sua taxa acima dos 100 homicídios por 100 mil, em 2013, com índices mais que duplicando no período.

As taxas na região Sul apresentaram baixo crescimento – 10,8% na década –, mas com índices bem elevados, semelhantes aos da região Norte. O destaque aqui é Porto Alegre, com taxa que supera os 100 homicídios por 100 mil, em 2013, e crescimento de 90,4% na década, e, por outro lado, Florianópolis e Curitiba, cujas taxas caem em torno de 25% no período.

Por último, a região Centro-Oeste apresenta um crescimento relativamente baixo: 6,7% na década. Aqui, em extremos opostos, Goiânia cresce 63,9% – única capital da região a superar a taxa dos 100 homicídios, em 2013 – e Campo Grande cai 68,5%.

5.4. Nos municípios

A Tabela 5.4.1, a seguir, detalha os 100 municípios com as maiores taxas de homicídios de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade, considerando apenas os 415 municípios com mais de 25.000 crianças e adolescentes nessa faixa etária. Ainda assim, foi necessário trabalhar com a taxa média de homicídios dos últimos 5 anos disponíveis: 2009 a 2013, dada a elevada instabilidade que se origina ao trabalhar com um universo muito reduzido.

Para estimar as taxas de homicídio foram relacionadas a média de homicídios na faixa de <1 a 19 anos de idade dos cinco últimos anos disponíveis e a média das estimativas populacionais para essa faixa nesses mesmos anos. Em função desse procedimento, as taxas das tabelas a seguir não deverão coincidir exatamente com os índices de homicídios encontrados nas capitais, que, pelo volume populacional, permitem trabalhar com taxas anuais. Por exemplo, Maceió, que apresenta aqui uma taxa média de homicídios de 71,3 por 100 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade, na seção anterior apresentou uma taxa de 76,7 considerando exclusivamente o ano de 2013.

Observamos com enorme preocupação a existência de um elevado número de municípios com taxas totalmente inaceitáveis de assassinatos de crianças e adolescentes, que exigem medidas concretas e emergenciais para deter a onda de violência. Observamos, também com apreensão, a existência de verdadeiros focos, onde a epidemia de violência atinge níveis de pandemia:

- As três cidades mais violentas pertencem ao estado da Bahia: Simões Filho, Lauro de Freitas e Itabuna.
- Mais ainda, entre as 10 cidades mais violentas do País, cinco são da Bahia: às três anteriores temos que adicionar Eunápolis e Porto Seguro.

Tabela 5.4.1. Ordenamento dos 100 municípios com as maiores taxas média de homicídio por 100 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade dos 415 municípios com mais de 25.000 crianças e adolescentes nessa faixa. Brasil. 2009/2013

Município	UF	População Média	Homicídios					Taxa média	Pos.
			2009	2010	2011	2012	2013		
Simões Filho	BA	43.771	35	58	43	48	33	99,2	1º
Lauro de Freitas	BA	54.094	52	50	42	57	42	89,8	2º
Itabuna	BA	64.407	48	55	40	78	35	79,5	3º
Ananindeua	PA	170.319	91	149	153	133	143	78,6	4º
Eunápolis	BA	37.169	40	28	21	28	23	75,3	5º
Maceió	AL	320.447	165	253	252	221	251	71,3	6º
Serra	ES	140.865	100	91	102	90	118	71,1	7º
Porto Seguro	BA	51.449	31	32	39	45	33	70,0	8º
João Pessoa	PB	225.234	107	132	154	153	143	61,2	9º
Vitória	ES	89.237	51	68	46	58	47	60,5	10º
Rio Largo	AL	26.726	5	10	19	20	23	57,6	11º
Marituba	PA	42.363	19	23	29	25	23	56,2	12º
Fortaleza	CE	785.577	219	320	343	584	651	53,9	13º
Santa Rita	PB	43.553	6	18	24	35	29	51,4	14º
Vila Velha	ES	121.507	64	56	67	62	61	51,0	15º
Salvador	BA	774.520	438	446	370	368	343	50,7	16º
Cariacica	ES	116.029	59	45	56	67	65	50,3	17º
Alagoinhas	BA	46.353	21	26	21	22	26	50,1	18º
Teixeira de Freitas	BA	50.888	16	23	28	30	27	48,7	19º
Mossoró	RN	85.396	24	28	49	53	53	48,5	20º
São Mateus	ES	39.112	15	21	13	23	20	47,0	21º
Valença	BA	33.082	8	16	19	13	21	46,6	22º
Arapiraca	AL	80.892	27	33	37	44	44	45,7	23º
Camaçari	BA	86.641	30	24	40	60	44	45,7	24º
Piraquara	PR	34.663	21	14	21	12	11	45,6	25º
Betim	MG	130.909	56	53	69	63	56	45,4	26º
Maracanaú	CE	75.677	26	34	30	36	41	44,1	27º
Linhares	ES	49.434	26	18	25	18	22	44,1	28º
Vitória da Conquista	BA	105.653	39	62	38	46	43	43,2	29º
União dos Palmares	AL	25.965	15	8	9	9	15	43,1	30º
Bayeux	PB	35.211	19	18	12	13	12	42,0	31º
Santo Antônio do Descoberto	GO	26.082	7	11	8	9	18	40,6	32º
Novo Gama	GO	38.690	21	15	10	17	14	39,8	33º
Valparaíso de Goiás	GO	50.323	13	20	24	23	18	38,9	34º
Cascavel	PR	92.972	31	36	38	46	30	38,9	35º

(Continua)

Tabela 5.4.1 (Continuação)

Município	UF	População Média	Homicídios					Taxa média	Pos.
			2009	2010	2011	2012	2013		
Recife	PE	450.062	219	187	174	166	128	38,8	36º
Foz do Iguaçu	PR	89.788	45	39	31	30	27	38,3	37º
Sarandi	PR	27.741	3	5	14	23	8	38,2	38º
Candeias	BA	28.087	5	7	9	15	17	37,7	39º
Luziânia	GO	69.068	13	29	33	31	23	37,4	40º
Cabo de Santo Agostinho	PE	64.343	26	19	27	24	24	37,3	41º
Feira de Santana	BA	186.503	61	81	64	76	65	37,2	42º
Cabo Frio	RJ	62.194	26	17	20	26	26	37,0	43º
Patos	PB	34.255	12	8	9	18	16	36,8	44º
Dias d'Ávila	BA	25.036	10	10	7	9	10	36,7	45º
Ilhéus	BA	63.420	24	14	28	26	24	36,6	46º
Duque de Caxias	RJ	282.541	87	124	105	81	109	35,8	47º
Natal	RN	248.101	58	75	88	101	120	35,6	48º
Águas Lindas de Goiás	GO	68.279	16	24	32	34	15	35,4	49º
Marabá	PA	99.596	44	42	32	30	27	35,1	50º
Pinhais	PR	38.728	18	20	7	12	11	35,1	51º
Fazenda Rio Grande	PR	31.678	14	12	11	7	11	34,7	52º
Governador Valadares	MG	85.400	20	26	37	34	31	34,7	53º
Belém	PA	453.617	143	178	153	146	151	34,0	54º
Macaíba	RN	26.049	3	1	3	12	25	33,8	55º
Formosa	GO	36.964	9	9	13	11	19	33,0	56º
Contagem	MG	181.572	55	64	48	66	60	32,3	57º
Campina Grande	PB	127.065	47	47	38	31	41	32,1	58º
Aquiraz	CE	26.465	4	4	3	12	19	31,7	59º
São José dos Pinhais	PR	91.370	35	27	38	20	24	31,5	60º
Caruaru	PE	108.642	26	30	47	36	32	31,5	61º
Paulista	PE	93.291	36	22	29	32	24	30,7	62º
Belo Horizonte	MG	635.071	202	168	208	198	193	30,5	63º
Aracruz	ES	28.972	6	8	7	11	12	30,4	64º
Ribeirão das Neves	MG	105.232	30	21	31	30	44	29,6	65º
Abreu e Lima	PE	30.509	13	11	4	10	7	29,5	66º
Redenção	PA	30.688	6	11	7	11	10	29,3	67º
Dourados	MS	66.501	23	16	15	24	19	29,2	68º
Cambé	PR	29.527	8	3	8	14	10	29,1	69º
Olinda	PE	114.342	49	34	30	24	28	28,9	70º
Planaltina	GO	33.276	2	8	9	9	20	28,8	71º
Sinop	MT	41.714	10	7	11	10	22	28,8	72º
Aracaju	SE	179.552	38	34	49	58	78	28,6	73º
Paracatu	MG	30.815	3	6	5	14	16	28,6	74º

(Continua)

Tabela 5.4.1 (Continuação)

Município	UF	População Média	Homicídios					Taxa média	Pos.
			2009	2010	2011	2012	2013		
Curitiba	PR	493.001	171	181	124	124	97	28,3	75º
Porto Alegre	RS	368.658	114	99	91	116	97	28,0	76º
Jequié	BA	50.772	5	15	12	20	19	28,0	77º
Santa Luzia	MG	68.672	27	15	18	17	19	28,0	78º
Santa Cruz do Capibaribe	PE	33.163	9	12	5	10	10	27,7	79º
Guarapari	ES	34.237	11	8	11	8	9	27,5	80º
Araucária	PR	41.983	12	12	9	13	11	27,2	81º
Goiânia	GO	387.111	61	72	113	131	148	27,1	82º
Campo Mourão	PR	27.326	4	9	8	10	6	27,1	83º
Macaé	RJ	66.475	12	17	28	18	15	27,1	84º
Colatina	ES	32.504	14	9	9	6	6	27,1	85º
São Luís	MA	341.492	76	72	63	95	156	27,1	86º
Goiana	PE	26.856	8	12	3	9	4	26,8	87º
Itaguaí	RJ	36.582	5	9	7	10	18	26,8	88º
Ibirité	MG	57.514	17	14	12	22	12	26,8	89º
Almirante Tamandaré	PR	39.040	13	15	3	9	12	26,6	90º
Jaboatão dos Guararapes	PE	211.117	79	49	58	57	38	26,6	91º
Campo Largo	PR	36.955	11	13	12	5	8	26,5	92º
Alvorada	RS	70.113	20	17	17	19	19	26,2	93º
Ariquemes	RO	34.309	15	7	6	8	9	26,2	94º
Vespasiano	MG	37.441	4	12	13	12	8	26,2	95º
Castanhal	PA	68.084	21	12	21	23	12	26,1	96º
Várzea Grande	MT	89.210	14	25	23	26	28	26,0	97º
Tailândia	PA	37.383	14	4	9	9	12	25,7	98º
Aparecida de Goiânia	GO	164.143	36	26	37	54	57	25,6	99º
São Cristóvão	SE	29.783	3	6	11	8	10	25,5	100º

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

5.5. Estatísticas Internacionais

Tendo como referência as bases de dados da Organização Mundial da Saúde, foi possível processar dados de homicídios de crianças e adolescentes, desagregados por faixas etárias, para 85 países do mundo. Essas bases só oferecem dados agrupados por faixas quinquenais para as idades das vítimas de homicídio, motivo pelo qual trabalharemos com a faixa de 15 a 19 anos de idade, bem como com o grupo de <1 a 19 anos de idade, para verificar a persistência dos índices encontrados.

O Brasil, com sua taxa de 16,3 homicídios para cada 100 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade, ocupa um preocupante e nada louvável terceiro lugar entre 85 países do mundo, só melhor que México e El Salvador. Também ocupa a 3ª posição na faixa de 10 a 14 anos e, na de 15 a 19, fica atrás dos mesmos países.

Tabela 5.5.1. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças de <1 ano de idade. 85 Países.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
Israel	2012	20,9	1º	Itália	2012	0,2	44º
Estônia	2012	13,8	2º	Egito	2013	0,1	45º
México	2012	10,9	3º	Armênia	2012	0,0	46º
Chipre	2012	9,9	4º	Aruba	2012	0,0	46º
Estados Unidos	2010	7,9	5º	Austrália	2011	0,0	46º
Uruguai	2010	6,7	6º	Áustria	2013	0,0	46º
Brasil	2013	6,0	7º	Bahrain	2013	0,0	46º
El Salvador	2012	5,7	8º	Barbados	2011	0,0	46º
Nova Zelândia	2011	4,8	9º	Bermudas	2010	0,0	46º
Bulgária	2012	4,7	10º	Brunei Darussalam	2012	0,0	46º
Sérvia	2013	4,5	11º	Dinamarca	2012	0,0	46º
Romênia	2012	4,1	12º	Dominica	2013	0,0	46º
Bélgica	2012	3,9	13º	Escócia	2013	0,0	46º
Fed. Russa	2011	3,6	14º	Eslovênia	2010	0,0	46º
Alemanha	2013	3,4	15º	Fiji	2012	0,0	46º
Colômbia	2011	3,1	16º	Finlândia	2013	0,0	46º
Rep. da Coreia	2012	2,6	17º	Geórgia	2012	0,0	46º
Croácia	2013	2,5	18º	Guadalupe	2011	0,0	46º
Canadá	2011	2,3	19º	Guiana	2011	0,0	46º
Hong Kong SAR	2013	2,3	20º	Ilhas Cayman	2010	0,0	46º
França	2011	2,1	21º	Irlanda	2010	0,0	46º
Polônia	2013	1,9	22º	Irlanda Do Norte	2013	0,0	46º
Nicarágua	2012	1,9	23º	Jordânia	2011	0,0	46º
Marrocos	2012	1,8	24º	Letônia	2012	0,0	46º
Cuba	2012	1,8	25º	Lituânia	2012	0,0	46º
Kuwait	2013	1,7	26º	Luxemburgo	2013	0,0	46º
Chile	2012	1,7	27º	Malta	2012	0,0	46º
Argentina	2012	1,5	28º	Maurícia	2013	0,0	46º
Panamá	2012	1,5	29º	Noruega	2013	0,0	46º
África Do Sul	2013	1,4	30º	Porto Rico	2010	0,0	46º
Costa Rica	2012	1,3	31º	Portugal	2013	0,0	46º
Peru	2012	1,3	32º	Quirguistão	2013	0,0	46º
Ucrânia	2012	1,2	33º	Reino Unido	2013	0,0	46º
Japão	2013	1,1	34º	Rep. Árabe Síria	2010	0,0	46º
Rep. Tcheca	2013	0,9	35º	Rep. da Moldávia	2013	0,0	46º
Belarus	2011	0,9	36º	S. Vicente e Granad.	2013	0,0	46º
Espanha	2013	0,9	37º	Singapura	2013	0,0	46º
Paraguai	2012	0,9	38º	Suécia	2013	0,0	46º
Holanda	2013	0,6	39º	Suíça	2012	0,0	46º
Tunísia	2013	0,6	40º	Suriname	2012	0,0	46º
Rep. Dominicana	2011	0,5	41º	TFYR Macedônia	2010	0,0	46º
Honduras	2013	0,5	42º	Hungria	2013	s/d	46º
Guatemala	2012	0,3	44º				

Fonte: Whosis/OMS; Census

Tabela 5.5.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças de 1 a 4 anos de idade. 85 Países.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
Suriname	2012	2,5	1º	Barbados	2011	0,0	36º
Irlanda Do Norte	2013	2,0	2º	Bermudas	2010	0,0	36º
México	2012	1,7	3º	Brunei Darussalam	2012	0,0	36º
Canadá	2011	1,4	4º	Bulgária	2012	0,0	36º
Sérvia	2013	1,1	5º	Chipre	2012	0,0	36º
Porto Rico	2010	1,1	6º	Costa Rica	2012	0,0	36º
Brasil	2013	0,9	7º	Croácia	2013	0,0	36º
Estados Unidos	2010	0,9	8º	Dinamarca	2012	0,0	36º
Lituânia	2012	0,8	9º	Dominica	2013	0,0	36º
Jordânia	2011	0,5	10º	Escócia	2013	0,0	36º
El Salvador	2012	0,5	11º	Eslovênia	2010	0,0	36º
Portugal	2013	0,5	12º	Estônia	2012	0,0	36º
Paraguai	2012	0,4	13º	Fiji	2012	0,0	36º
Nova Zelândia	2011	0,4	14º	Finlândia	2013	0,0	36º
Rep. da Coreia	2012	0,4	15º	Geórgia	2012	0,0	36º
Colômbia	2011	0,3	16º	Guadalupe	2011	0,0	36º
Belarus	2011	0,2	17º	Guatemala	2012	0,0	36º
Romênia	2012	0,2	18º	Guiana	2011	0,0	36º
Cuba	2012	0,2	19º	Holanda	2013	0,0	36º
Peru	2012	0,2	20º	Hong Kong SAR	2013	0,0	36º
Rep. Tcheca	2013	0,2	21º	Hungria	2013	0,0	36º
Bélgica	2012	0,2	22º	Ilhas Cayman	2010	0,0	36º
Quirguistão	2013	0,2	23º	Irlanda	2010	0,0	36º
Itália	2012	0,2	24º	Japão	2013	0,0	36º
Israel	2012	0,2	25º	Kuwait	2013	0,0	36º
Fed. Russa	2011	0,2	26º	Letônia	2012	0,0	36º
Honduras	2013	0,1	27º	Luxemburgo	2013	0,0	36º
Polônia	2013	0,1	28º	Malta	2012	0,0	36º
Chile	2012	0,1	29º	Maurícia	2013	0,0	36º
Reino Unido	2013	0,1	30º	Nicarágua	2012	0,0	36º
Egito	2013	0,1	31º	Noruega	2013	0,0	36º
Alemanha	2013	0,1	32º	Panamá	2012	0,0	36º
África Do Sul	2013	0,1	33º	Rep. Árabe Síria	2010	0,0	36º
Espanha	2013	0,1	34º	Rep. Dominicana	2011	0,0	36º
Ucrânia	2012	0,1	35º	Rep. da Moldávia	2013	0,0	36º
Argentina	2012	0,0	36º	S. Vicente e Granad.	2013	0,0	36º
Marrocos	2012	0,0	36º	Singapura	2013	0,0	36º
França	2011	0,0	36º	Suécia	2013	0,0	36º
Armênia	2012	0,0	36º	Suíça	2012	0,0	36º
Aruba	2012	0,0	36º	TFYR Macedônia	2010	0,0	36º
Austrália	2011	0,0	36º	Tunísia	2013	0,0	36º
Áustria	2013	0,0	36º	Uruguai	2010	0,0	36º
Bahrain	2013	0,0	36º				

Fonte: Whosis/OMS; Census

Tabela 5.5.3. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças de 5 a 9 anos de idade. 85 Países.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
Ilhas Cayman	2010	31,2	1º	Belarus	2011	0,2	44º
México	2012	2,4	2º	Alemanha	2013	0,2	45º
Suriname	2012	2,0	3º	Rep. Tcheca	2013	0,2	46º
Guiana	2011	1,5	4º	Paraguai	2012	0,2	47º
Estônia	2012	1,4	5º	Espanha	2013	0,2	48º
Rep. da Moldávia	2013	1,1	6º	África Do Sul	2013	0,2	49º
Colômbia	2011	1,0	7º	Rep. Árabe Síria	2010	0,1	50º
Letônia	2012	1,0	8º	Itália	2012	0,1	51º
Rep. da Coreia	2012	0,9	9º	Honduras	2013	0,1	52º
Panamá	2012	0,9	10º	Reino Unido	2013	0,1	53º
Costa Rica	2012	0,8	11º	Austrália	2011	0,1	54º
Bélgica	2012	0,8	12º	Egito	2013	0,1	55º
Hungria	2013	0,8	13º	Armênia	2012	0,0	56º
Lituânia	2012	0,7	14º	Aruba	2012	0,0	56º
Brasil	2013	0,7	15º	Áustria	2013	0,0	56º
El Salvador	2012	0,7	16º	Bahrain	2013	0,0	56º
Holanda	2013	0,6	17º	Barbados	2011	0,0	56º
Rep. Dominicana	2011	0,6	18º	Bermudas	2010	0,0	56º
Estados Unidos	2010	0,5	19º	Brunei Darussalam	2012	0,0	56º
Quirguistão	2013	0,5	20º	Chipre	2012	0,0	56º
Chile	2012	0,5	21º	Cuba	2012	0,0	56º
Singapura	2013	0,5	22º	Dominica	2013	0,0	56º
Croácia	2013	0,5	23º	Escócia	2013	0,0	56º
Fed. Russa	2011	0,5	24º	Eslovênia	2010	0,0	56º
Guatemala	2012	0,5	25º	Fiji	2012	0,0	56º
Peru	2012	0,4	26º	Finlândia	2013	0,0	56º
Israel	2012	0,4	27º	Geórgia	2012	0,0	56º
Ucrânia	2012	0,4	28º	Guadalupe	2011	0,0	56º
Porto Rico	2010	0,4	29º	Hong Kong SAR	2013	0,0	56º
Uruguai	2010	0,4	30º	Irlanda	2010	0,0	56º
Canadá	2011	0,4	31º	Irlanda Do Norte	2013	0,0	56º
Jordânia	2011	0,4	32º	Kuwait	2013	0,0	56º
Suécia	2013	0,4	33º	Luxemburgo	2013	0,0	56º
Nova Zelândia	2011	0,3	34º	Malta	2012	0,0	56º
Nicarágua	2012	0,3	35º	Marrocos	2012	0,0	56º
Argentina	2012	0,3	36º	Maurícia	2013	0,0	56º
Dinamarca	2012	0,3	37º	Noruega	2013	0,0	56º
Bulgária	2012	0,3	38º	Polônia	2013	0,0	56º
Sérvia	2013	0,3	39º	Portugal	2013	0,0	56º
Romênia	2012	0,3	40º	S. Vicente e Granad.	2013	0,0	56º
Suíça	2012	0,3	41º	TFYR Macedônia	2010	0,0	56º
Japão	2013	0,2	42º	Tunísia	2013	0,0	56º
França	2011	0,2	43º				

Fonte: Whosis/OMS; Census

Tabela 5.5.4. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos de idade. 85 Países.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
México	2012	12,4	1º	Honduras	2013	0,1	44º
El Salvador	2012	6,9	2º	Romênia	2012	0,1	45º
Brasil	2013	4,3	3º	Reino Unido	2013	0,1	46º
Guatemala	2012	3,8	4º	Alemanha	2013	0,1	47º
Panamá	2012	3,7	5º	Austrália	2011	0,1	48º
Colômbia	2011	3,7	6º	Polônia	2013	0,1	49º
Guiana	2011	2,8	7º	Marrocos	2012	0,1	50º
Porto Rico	2010	2,2	8º	Itália	2012	0,0	51º
Suriname	2012	1,8	9º	Armênia	2012	0,0	51º
Peru	2012	1,2	10º	Aruba	2012	0,0	51º
Uruguai	2010	1,1	11º	Áustria	2013	0,0	51º
Argentina	2012	0,9	12º	Bahrain	2013	0,0	51º
Costa Rica	2012	0,8	13º	Barbados	2011	0,0	51º
Estados Unidos	2010	0,7	14º	Bélgica	2012	0,0	51º
Rep. Dominicana	2011	0,7	15º	Bermudas	2010	0,0	51º
Cuba	2012	0,7	16º	Brunei Darussalam	2012	0,0	51º
Nicarágua	2012	0,6	17º	Chipre	2012	0,0	51º
Sérvia	2013	0,6	18º	Croácia	2013	0,0	51º
Chile	2012	0,5	19º	Dinamarca	2012	0,0	51º
Fed. Russa	2011	0,5	20º	Dominica	2013	0,0	51º
África Do Sul	2013	0,5	21º	Escócia	2013	0,0	51º
Rep. da Coreia	2012	0,5	22º	Eslovênia	2010	0,0	51º
Jordânia	2011	0,4	23º	Estônia	2012	0,0	51º
Hong Kong SAR	2013	0,3	24º	Fiji	2012	0,0	51º
Nova Zelândia	2011	0,3	25º	Finlândia	2013	0,0	51º
Irlanda	2010	0,3	26º	Geórgia	2012	0,0	51º
Portugal	2013	0,3	27º	Guadalupe	2011	0,0	51º
Rep. Árabe Síria	2010	0,3	28º	Hungria	2013	0,0	51º
Bulgária	2012	0,3	29º	Ilhas Cayman	2010	0,0	51º
Espanha	2013	0,3	30º	Irlanda Do Norte	2013	0,0	51º
Paraguai	2012	0,3	31º	Kuwait	2013	0,0	51º
Holanda	2013	0,3	32º	Letônia	2012	0,0	51º
Ucrânia	2012	0,3	33º	Lituânia	2012	0,0	51º
Suíça	2012	0,2	34º	Luxemburgo	2013	0,0	51º
Belarus	2011	0,2	35º	Malta	2012	0,0	51º
Rep. Tcheca	2013	0,2	36º	Maurícia	2013	0,0	51º
Quirguistão	2013	0,2	37º	Noruega	2013	0,0	51º
Suécia	2013	0,2	38º	Rep. da Moldávia	2013	0,0	51º
Japão	2013	0,2	39º	S. Vicente e Granad.	2013	0,0	51º
França	2011	0,2	40º	Singapura	2013	0,0	51º
Egito	2013	0,2	41º	TFYR Macedônia	2010	0,0	51º
Israel	2012	0,2	42º	Tunísia	2013	0,0	51º
Canadá	2011	0,1	43º				

Fonte: Whosis/OMS; Census

Tabela 5.5.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 15 a 19 anos de idade. 85 Países.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
México	2012	95,6	1º	Suécia	2013	0,7	44º
El Salvador	2012	55,8	2º	Rep. Árabe Síria	2010	0,7	45º
Brasil	2013	54,9	3º	TFYR Macedónia	2010	0,7	46º
Colômbia	2011	49,3	4º	Austrália	2011	0,6	47º
Panamá	2012	39,7	5º	Bulgária	2012	0,6	48º
Porto Rico	2010	31,5	6º	Polónia	2013	0,6	49º
Guatemala	2012	29,6	7º	Sérvia	2013	0,5	50º
África Do Sul	2013	14,4	8º	Holanda	2013	0,5	51º
S. Vicente e Granad.	2013	11,1	9º	Portugal	2013	0,5	52º
Guadalupe	2011	10,3	10º	Hong Kong SAR	2013	0,5	53º
Uruguai	2010	9,8	11º	Itália	2012	0,5	54º
Argentina	2012	9,7	12º	França	2011	0,4	55º
Rep. Dominicana	2011	9,1	13º	Singapura	2013	0,4	56º
Estados Unidos	2010	8,3	14º	Espanha	2013	0,4	57º
Guiana	2011	7,5	15º	Marrocos	2012	0,4	58º
Paraguai	2012	6,9	16º	Hungria	2013	0,4	59º
Costa Rica	2012	6,3	17º	Irlanda	2010	0,4	60º
Chile	2012	6,1	18º	Rep. da Coreia	2012	0,3	61º
Nicarágua	2012	5,7	19º	Alemanha	2013	0,3	62º
Peru	2012	5,6	20º	Egito	2013	0,3	63º
Barbados	2011	5,1	21º	Áustria	2013	0,2	64º
Cuba	2012	4,9	22º	Japão	2013	0,2	65º
Fed. Russa	2011	4,0	23º	Reino Unido	2013	0,2	66º
Maurícia	2013	3,2	24º	Bélgica	2012	0,2	67º
Jordânia	2011	2,3	25º	Aruba	2012	0,0	68º
Quirguistão	2013	2,2	26º	Bahrain	2013	0,0	68º
Canadá	2011	2,1	27º	Bermudas	2010	0,0	68º
Rep. da Moldávia	2013	2,1	28º	Brunei Darussalam	2012	0,0	68º
Letónia	2012	1,9	29º	Chipre	2012	0,0	68º
Honduras	2013	1,8	30º	Croácia	2013	0,0	68º
Israel	2012	1,8	31º	Dinamarca	2012	0,0	68º
Irlanda Do Norte	2013	1,6	32º	Dominica	2013	0,0	68º
Finlândia	2013	1,6	33º	Escócia	2013	0,0	68º
Belarus	2011	1,6	34º	Eslovénia	2010	0,0	68º
Lituânia	2012	1,5	35º	Fiji	2012	0,0	68º
Estónia	2012	1,5	36º	Ilhas Cayman	2010	0,0	68º
Ucrânia	2012	1,2	37º	Kuwait	2013	0,0	68º
Geórgia	2012	1,0	38º	Luxemburgo	2013	0,0	68º
Rep. Tcheca	2013	1,0	39º	Malta	2012	0,0	68º
Nova Zelândia	2011	0,9	40º	Suíça	2012	0,0	68º
Noruega	2013	0,9	41º	Suriname	2012	0,0	68º
Armênia	2012	0,9	42º	Tunísia	2013	0,0	68º
Romênia	2012	0,8	43º				

Fonte: Whosis/OMS; Census

Tabela 5.5.6. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. 85 Países.

PAÍS	Ano	Taxa	Pos.	PAÍS	Ano	Taxa	Pos.
México	2012	26,7	1º	Bulgária	2012	0,5	44º
El Salvador	2012	17,5	2º	Chipre	2012	0,5	45º
Brasil	2013	16,3	3º	Bélgica	2012	0,5	46º
Colômbia	2011	14,3	4º	Rep. Tcheca	2013	0,4	47º
Panamá	2012	10,8	5º	Finlândia	2013	0,4	48º
Porto Rico	2010	9,7	6º	Holanda	2013	0,4	49º
Guatemala	2012	8,6	7º	Noruega	2013	0,4	50º
Ilhas Cayman	2010	7,6	8º	Hong Kong SAR	2013	0,3	51º
África Do Sul	2013	3,4	9º	Suécia	2013	0,3	52º
Uruguai	2010	3,3	10º	França	2011	0,3	53º
Estados Unidos	2010	3,1	11º	Alemanha	2013	0,3	54º
S. Vicente e Granad.	2013	3,0	12º	Portugal	2013	0,3	55º
Rep. Dominicana	2011	3,0	13º	Geórgia	2012	0,3	56º
Guiana	2011	2,9	14º	Rep. Árabe Síria	2010	0,3	57º
Guadalupe	2011	2,6	15º	Polônia	2013	0,3	58º
Argentina	2012	2,5	16º	Espanha	2013	0,3	59º
Paraguai	2012	2,2	17º	Armênia	2012	0,3	60º
Costa Rica	2012	2,2	18º	Singapura	2013	0,2	61º
Chile	2012	2,0	19º	Croácia	2013	0,2	62º
Peru	2012	2,0	20º	Marrocos	2012	0,2	63º
Nicarágua	2012	1,9	21º	Japão	2013	0,2	64º
Cuba	2012	1,7	22º	Itália	2012	0,2	65º
Suriname	2012	1,5	23º	TFYR Macedônia	2010	0,2	66º
Fed. Russa	2011	1,5	24º	Austrália	2011	0,2	67º
Estônia	2012	1,5	25º	Irlanda	2010	0,2	68º
Barbados	2011	1,4	26º	Egito	2013	0,1	69º
Canadá	2011	1,1	27º	Suíça	2012	0,1	70º
Maurícia	2013	0,9	28º	Reino Unido	2013	0,1	71º
Rep. da Moldávia	2013	0,9	29º	Kuwait	2013	0,1	72º
Irlanda Do Norte	2013	0,8	30º	Dinamarca	2012	0,1	73º
Jordânia	2011	0,8	31º	Áustria	2013	0,1	74º
Lituânia	2012	0,8	32º	Tunísia	2013	0,0	75º
Sérvia	2013	0,8	33º	Aruba	2012	0,0	75º
Letônia	2012	0,8	34º	Bahrain	2013	0,0	75º
Nova Zelândia	2011	0,7	35º	Bermudas	2010	0,0	75º
Israel	2012	0,7	36º	Brunei Darussalam	2012	0,0	75º
Quirguistão	2013	0,7	37º	Dominica	2013	0,0	75º
Belarus	2011	0,7	38º	Escócia	2013	0,0	75º
Hungria	2013	0,6	39º	Eslovênia	2010	0,0	75º
Rep. da Coreia	2012	0,6	40º	Fiji	2012	0,0	75º
Ucrânia	2012	0,6	41º	Luxemburgo	2013	0,0	75º
Honduras	2013	0,5	42º	Malta	2012	0,0	75º
Romênia	2012	0,5	43º				

Fonte: Whosis/OMS; Census

5.6. Características dos homicídios

5.6.1. Os instrumentos utilizados

No presente item deveremos descrever os instrumentos ou meios utilizados para efetuar a agressão homicida. Apesar de não ser inteiramente correto, concebe-se que a utilização de arma de fogo implica premeditação, enquanto o uso de outras armas circunstanciais, crime por impulso.

Vemos, pelas tabelas a seguir, a larga preponderância das armas de fogo, que, em 2013, estiveram presentes em 78,2% dos homicídios de crianças adolescentes de <1 a 17 anos de idade. Observa-se aqui um forte crescimento da participação das armas de fogo com o avanço da idade das vítimas. Durante o primeiro ano de vida, esse instrumento participou de 10,5% dos homicídios; com relação às vítimas com 1 ano completo, o percentual vai a 15,4% dos homicídios. E assim, com intermitências, continua crescendo, até atingir a marca de 84,1%, aos 17 anos de idade.

O segundo meio, em frequência de utilização, são os objetos cortantes-perfurantes, mormente facas, utilizados em 10% dos homicídios em 2013, bem longe da frequência de uso de armas de fogo. Parece totalmente paradoxal que, no caso dos instrumentos cortantes-perfurantes (facas, estiletes, navalhas, flechas, etc.), utilizados em 10% dos homicídios, se discuta e aprove, no legislativo, a criminalização, via controle de seu porte, mas, no caso das armas de fogo, que atuam em 78,2% dos homicídios de crianças e adolescentes, se pretenda, no Congresso Nacional, ampliar drasticamente seu porte e uso.

Nas Tabelas 5.6.1.3 e 5.6.1.4 verificamos a distribuição geográfica do uso dos diversos meios homicidas. Os Gráficos 5.6.1.1 e 5.6.1.2 ilustram a distribuição estadual dos dois principais instrumentos utilizados: as armas de fogo e os objetos cortantes-perfurantes.

O primeiro fato que chama a atenção é a enorme disparidade na utilização desses meios. No caso das armas de fogo, sua participação vai de 8,7%, em Roraima, até 92,1%, em Alagoas. Isso demonstra a extrema variabilidade. Já no caso dos cortantes-perfurantes, mesmo com incidência menor, ainda oscila de 3,0%, no Rio de Janeiro, a 47,2%, no Amapá.

Tabela 5.6.1.1. Número de homicídios segundo meio utilizado e idades simples de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade. Brasil. 2013

Idade	Estrangulamento/ Sufocação	Arma de Fogo	Cortante-Penetrante	Objeto contundente	Força Corporal	Outros Meios	Total
<1	16	16	8	16	5	91	152
1	5	6	3	6	4	15	39
2	1	11	3	2	1	8	26
3	1	4	3	5	0	8	21
4	2	4	3	1	0	5	15
5	2	10	1	4	1	5	23
6	3	11	1	2	0	6	23
7	1	4	0	2	1	2	10
8	1	9	3	2	2	6	23
9	4	8	2	1	0	6	21
10	1	17	5	2	1	5	31
11	3	12	4	2	0	2	23
12	3	44	9	3	1	4	64
13	5	124	22	6	2	12	171
14	10	344	44	17	1	12	428
15	12	726	97	27	8	25	895
16	20	1257	145	52	8	52	1.534
17	20	1863	216	49	11	56	2.215
Total	110	4.470	569	199	46	320	5.714

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 5.6.1.2. Participação (%) dos meios utilizados nos homicídios de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos por idades simples. Brasil. 2013.

Idade	Estrangulamento/ Sufocação	Arma de Fogo	Cortante-Penetrante	Objeto contundente	Força Corporal	Outros Meios	Total
<1	10,5	10,5	5,3	10,5	3,3	59,9	100,0
1	12,8	15,4	7,7	15,4	10,3	38,5	100,0
2	3,8	42,3	11,5	7,7	3,8	30,8	100,0
3	4,8	19,0	14,3	23,8	0,0	38,1	100,0
4	13,3	26,7	20,0	6,7	0,0	33,3	100,0
5	8,7	43,5	4,3	17,4	4,3	21,7	100,0
6	13,0	47,8	4,3	8,7	0,0	26,1	100,0
7	10,0	40,0	0,0	20,0	10,0	20,0	100,0
8	4,3	39,1	13,0	8,7	8,7	26,1	100,0
9	19,0	38,1	9,5	4,8	0,0	28,6	100,0
10	3,2	54,8	16,1	6,5	3,2	16,1	100,0
11	13,0	52,2	17,4	8,7	0,0	8,7	100,0
12	4,7	68,8	14,1	4,7	1,6	6,3	100,0
13	2,9	72,5	12,9	3,5	1,2	7,0	100,0
14	2,3	80,4	10,3	4,0	0,2	2,8	100,0
15	1,3	81,1	10,8	3,0	0,9	2,8	100,0
16	1,3	81,9	9,5	3,4	0,5	3,4	100,0
17	0,9	84,1	9,8	2,2	0,5	2,5	100,0
Total	1,9	78,2	10,0	3,5	0,8	5,6	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tabela 5.6.1.3. Número de homicídios de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo meio utilizado e UF/região. Brasil. 2013.

UF/região	Estrangulamento/ Sufocação	Arma de Fogo	Cortante-Penetrante	Objeto contundente	Força Corporal	Outros Meios	Total
Acre	2	8	8	2	0	0	20
Amapá	2	13	17	3	0	1	36
Amazonas	5	69	29	3	3	29	138
Pará	6	219	60	10	2	10	307
Rondônia	4	17	5	0	0	4	30
Roraima	2	4	5	0	1	34	46
Tocantins	2	12	9	0	1	2	26
Norte	23	342	133	18	7	80	603
Alagoas	4	279	11	6	0	3	303
Bahia	5	520	46	10	3	27	611
Ceará	3	495	45	8	6	6	563
Maranhão	0	117	38	8	2	6	171
Paraíba	2	156	16	4	1	5	184
Pernambuco	8	205	28	13	0	8	262
Piauí	2	43	8	4	0	4	61
Rio Grande do Norte	0	144	11	4	0	2	161
Sergipe	0	67	12	0	1	4	84
Nordeste	24	2.026	215	57	13	65	2.400
Espírito Santo	3	240	11	5	0	3	262
Minas Gerais	11	420	33	23	2	16	505
Rio de Janeiro	10	355	14	6	3	79	467
São Paulo	17	297	33	39	9	36	431
Sudeste	41	1.312	91	73	14	134	1.665
Paraná	6	196	35	17	7	9	270
Rio Grande do Sul	4	145	15	8	0	13	185
Santa Catarina	3	42	9	1	1	2	58
Sul	13	383	59	26	8	24	513
Distrito Federal	3	101	18	0	0	2	124
Goiás	1	202	29	19	3	5	259
Mato Grosso	1	77	9	6	0	6	99
Mato Grosso do Sul	4	27	15	0	1	4	51
Centro-Oeste	9	407	71	25	4	17	533
Brasil	110	4.470	569	199	46	320	5.714

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

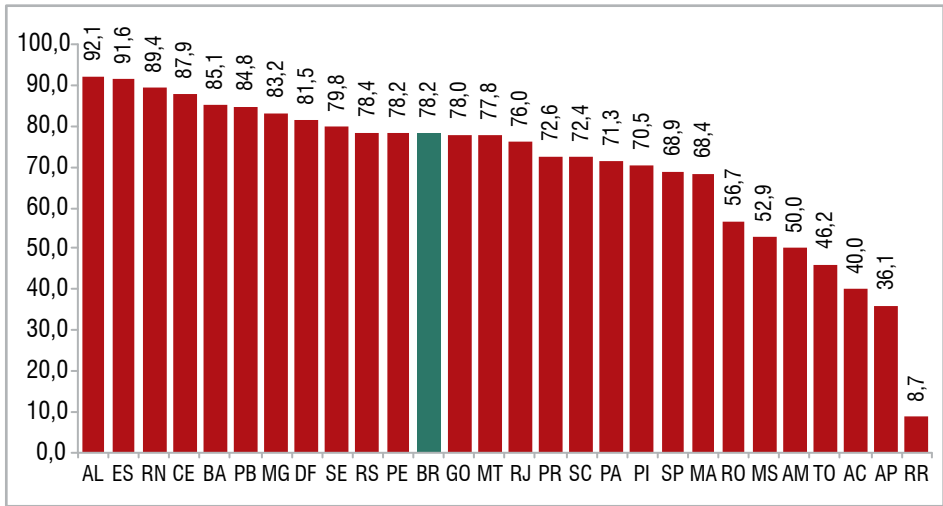
Tabela 5.6.1.4. Participação (%) dos meios utilizados nos homicídios de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo UF/região. Brasil. 2013.

UF/região	Estrangulamento/ Sufocação	Arma de Fogo	Cortante-Penetrante	Objeto contundente	Força Corporal	Outros Meios	Total
Acre	10,0	40,0	40,0	10,0	0,0	0,0	100,0
Amapá	5,6	36,1	47,2	8,3	0,0	2,8	100,0
Amazonas	3,6	50,0	21,0	2,2	2,2	21,0	100,0
Pará	2,0	71,3	19,5	3,3	0,7	3,3	100,0
Rondônia	13,3	56,7	16,7	0,0	0,0	13,3	100,0
Roraima	4,3	8,7	10,9	0,0	2,2	73,9	100,0
Tocantins	7,7	46,2	34,6	0,0	3,8	7,7	100,0
Norte	3,8	56,7	22,1	3,0	1,2	13,3	100,0
Alagoas	1,3	92,1	3,6	2,0	0,0	1,0	100,0
Bahia	0,8	85,1	7,5	1,6	0,5	4,4	100,0
Ceará	0,5	87,9	8,0	1,4	1,1	1,1	100,0
Maranhão	0,0	68,4	22,2	4,7	1,2	3,5	100,0
Paraíba	1,1	84,8	8,7	2,2	0,5	2,7	100,0
Pernambuco	3,1	78,2	10,7	5,0	0,0	3,1	100,0
Piauí	3,3	70,5	13,1	6,6	0,0	6,6	100,0
Rio Grande do Norte	0,0	89,4	6,8	2,5	0,0	1,2	100,0
Sergipe	0,0	79,8	14,3	0,0	1,2	4,8	100,0
Nordeste	1,0	84,4	9,0	2,4	0,5	2,7	100,0
Espírito Santo	1,1	91,6	4,2	1,9	0,0	1,1	100,0
Minas Gerais	2,2	83,2	6,5	4,6	0,4	3,2	100,0
Rio de Janeiro	2,1	76,0	3,0	1,3	0,6	16,9	100,0
São Paulo	3,9	68,9	7,7	9,0	2,1	8,4	100,0
Sudeste	2,5	78,8	5,5	4,4	0,8	8,0	100,0
Paraná	2,2	72,6	13,0	6,3	2,6	3,3	100,0
Rio Grande do Sul	2,2	78,4	8,1	4,3	0,0	7,0	100,0
Santa Catarina	5,2	72,4	15,5	1,7	1,7	3,4	100,0
Sul	2,5	74,7	11,5	5,1	1,6	4,7	100,0
Distrito Federal	2,4	81,5	14,5	0,0	0,0	1,6	100,0
Goiás	0,4	78,0	11,2	7,3	1,2	1,9	100,0
Mato Grosso	1,0	77,8	9,1	6,1	0,0	6,1	100,0
Mato Grosso do Sul	7,8	52,9	29,4	0,0	2,0	7,8	100,0
Centro-Oeste	1,7	76,4	13,3	4,7	0,8	3,2	100,0
Brasil	1,9	78,2	10,0	3,5	0,8	5,6	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

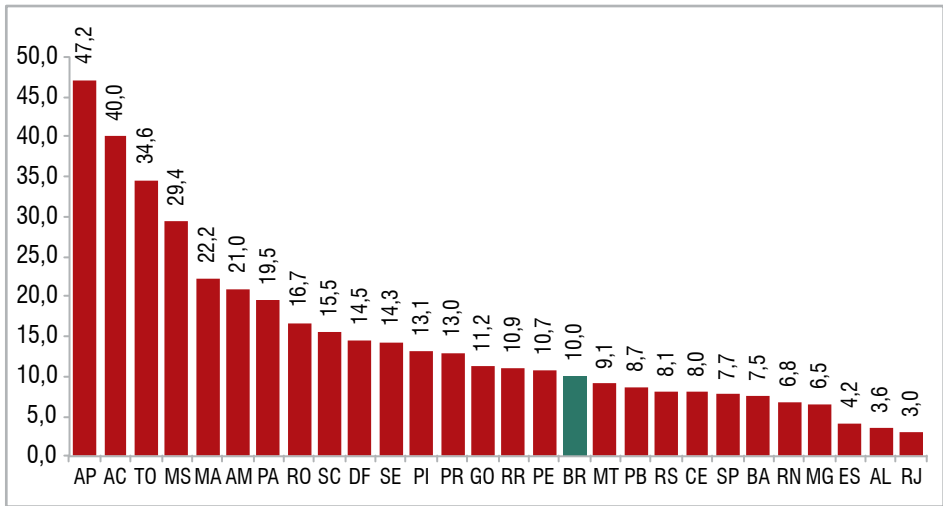
Apesar da larga hegemonia das armas de fogo, em três UF's, todas na região Norte, os cortantes-perfurantes se igualam ou superam.

Gráfico 5.6.1.1. Ordenamento das UF segundo participação % de armas de fogo nos homicídios de <1 a 17 anos de idade. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.6.1.2. Ordenamento das UF segundo participação % de cortantes/penet. nos homicídios de <1 a 17 anos de idade. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

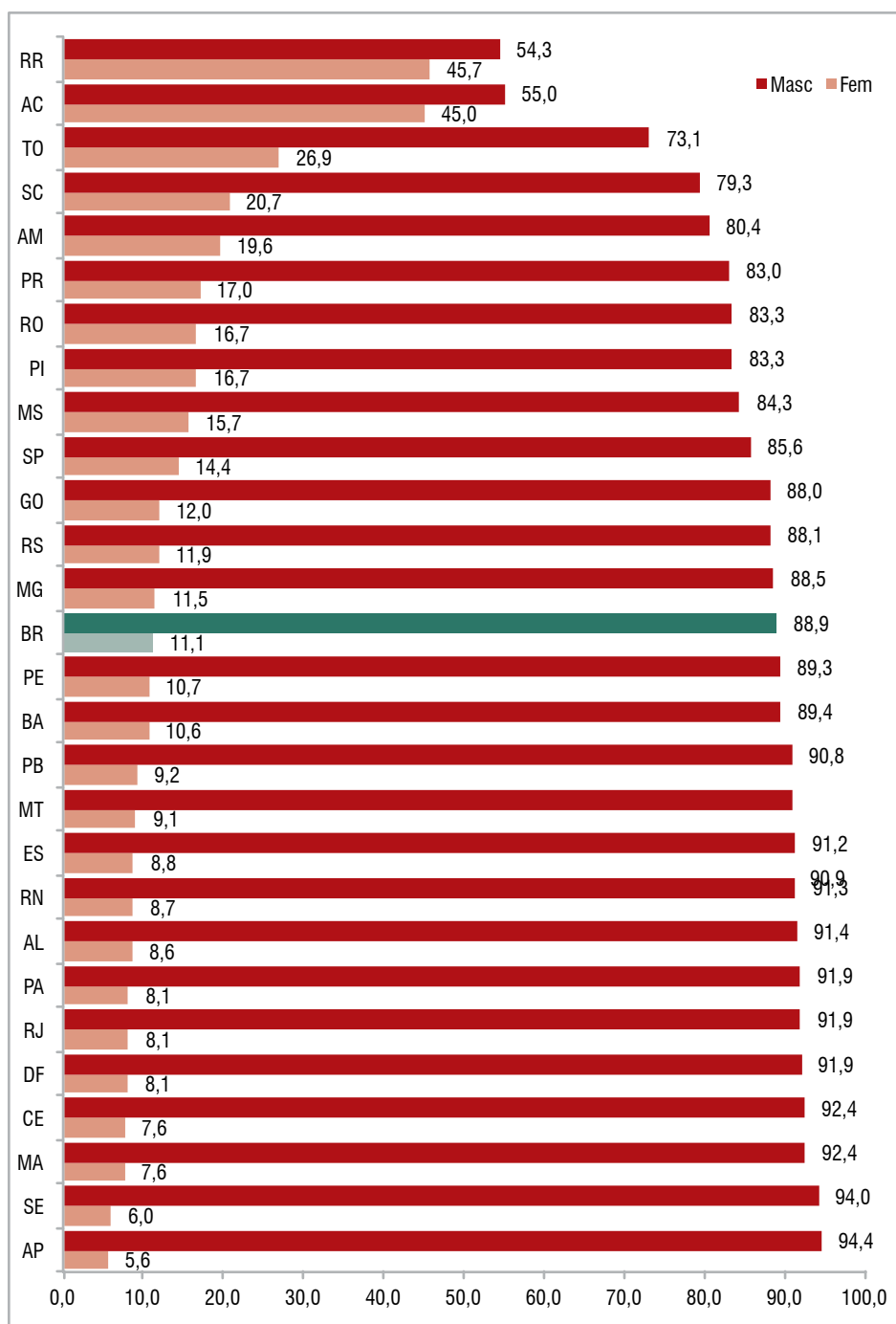
5.6.2. Sexo das vítimas

Os diversos Mapas até hoje divulgados, são coincidentes na verificação de que as vítimas preferencias da violência homicida são os jovens do sexo masculino. Esse fato foi corroborado também entre crianças e adolescentes.

Em 2013, na faixa de <1 até 17 anos de idade, 88,9% das vítimas eram meninos. Essa proporção, porém, varia muito de um estado para outro. Vemos, pelo gráfico 5.6.2.1, que Roraima e Acre ficam próximos da igualdade entre os sexos: 54,3% e 55,0%, respectivamente, pertencem ao sexo masculino. No outro extremo, no Amapá, só 5,6% das vítimas pertencem ao sexo feminino, com ampla preponderância do sexo masculino.

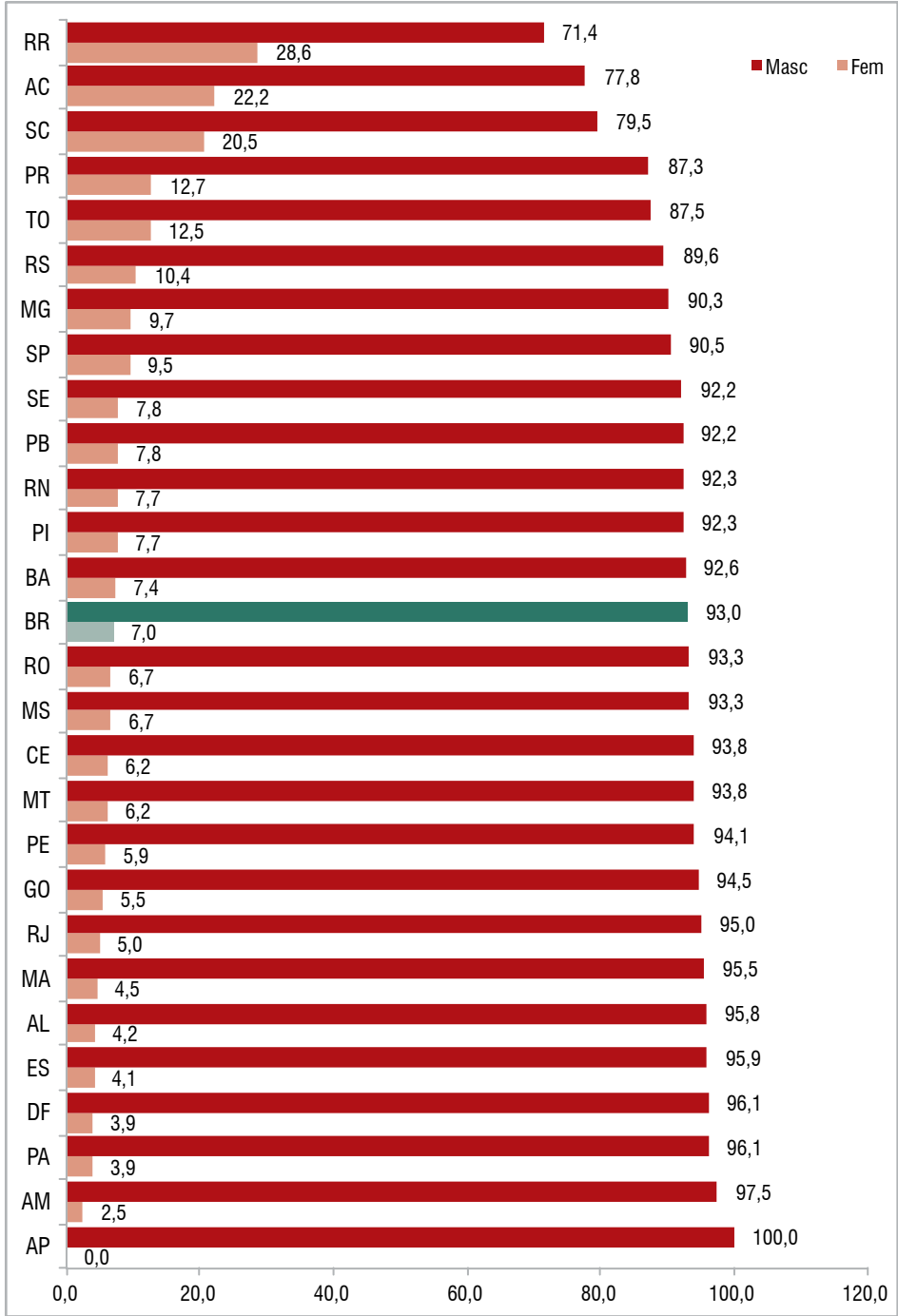
Já o gráfico 5.6.2.2 verifica a situação dos assassinados de 16 e 17 anos de idade. Podemos ver que a masculinidade é ainda maior nesta faixa. Se, de <1 a 17 anos de idade 88,9% eram meninos, aqui a masculinidade se eleva para 93,0%, com uma UF, Amapá, na qual 100% das vítimas são homens.

Gráfico 5.6.2.1. Sexo (%) das vítimas de homicídio na faixa de <1 a 17 anos. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.6.2.2. Sexo (%) das vítimas de homicídio na faixa de 16 e 17 anos por UF. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

5.7. A cor dos homicídios

Nossa fonte para estimar a população por raça ou cor para o cálculo das taxas são as Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios (PNADs), do IBGE, que coletam esse dado numa amostra nacional, com representatividade por UF e por autoclassificação do entrevistado, que deve escolher uma entre cinco opções no que se refere à cor: *branca*, *preta*, *parda*, *amarela* ou *indígena*.

No quesito raça/cor, o SIM, do Ministério da Saúde, que centraliza as informações das Declarações de Óbito, acompanha a classificação proposta pelo IBGE, com as cinco categorias acima mencionadas. Para esquematizar as análises, a seguir, utilizaremos só duas categorias: *branco* e *negro*, esta última resultante do somatório de *pretos* e *pardos*¹⁰.

Pelas tabelas e gráficos seguintes, podemos verificar que, em 2013:

- Na faixa de <1 a 17 anos de idade, morreram vítimas de homicídio, 1.127 crianças e adolescentes brancos e 4.064 negros.
- 703 dos brancos (62,4%) e 2.737 dos negros (67,3%) tinham 16 e 17 anos de idade.
- No conjunto da população de <1 a 17 anos de idade, a taxa de homicídios de brancos foi de 4,7 por 100 mil e a de negros, 13,1 por 100 mil. O índice de vitimização negra foi de **178,0%**, isto é, proporcionalmente ao tamanho das respectivas populações, morreram 178,0% mais negros do que brancos;
- Quando se foca nos adolescentes de 16 e 17 anos, a taxa de homicídios de brancos foi de 24,2 por 100 mil. Já a taxa de adolescentes negros foi de 66,3 em 100 mil. A vitimização, neste caso, foi de **173,6%**. Proporcionalmente, morreram quase três vezes mais negros que brancos.

Discriminando os dados pelas UFs e regiões do País, temos um panorama bem mais complexo, com enorme diversidade de situações bastante heterogêneas.

¹⁰ Excluindo das análises as categorias indígena e amarelo, por significarem menos de 1% do total da população, e também os registros de homicídio sem identificação de raça/cor, que, em 2013, representavam 6,5% do total de homicídios.

Tabela 5.7.1. Homicídios por faixas etárias, UF/região e cor das crianças e adolescentes de <1 a 17 anos e 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2013.

UF/região	16 e 17		0 a 17	
	Branco	Negro	Branco	Negro
Acre	1	7	3	16
Amapá	4	16	6	26
Amazonas	5	72	6	103
Pará	11	184	23	273
Rondônia	6	9	10	20
Roraima	0	6	0	9
Tocantins	0	8	2	21
Norte	27	302	50	468
Alagoas	7	176	14	280
Bahia	17	364	30	561
Ceará	15	150	19	238
Maranhão	3	105	8	161
Paraíba	8	95	12	152
Pernambuco	11	169	18	229
Piauí	3	35	9	50
Rio Grande do Norte	16	91	27	122
Sergipe	1	63	4	80
Nordeste	81	1.248	141	1.873
Espírito Santo	22	140	34	216
Minas Gerais	70	277	112	379
Rio de Janeiro	73	249	111	354
São Paulo	126	155	202	225
Sudeste	291	821	459	1.174
Paraná	137	35	210	59
Rio Grande do Sul	79	33	130	50
Santa Catarina	33	6	49	9
Sul	249	74	389	118
Distrito Federal	6	69	8	114
Goiás	34	146	49	205
Mato Grosso	11	54	21	77
Mato Grosso do Sul	4	23	10	35
Centro-Oeste	55	292	88	431
BRASIL	703	2.737	1.127	4.064

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Na faixa de <1 a 17 anos de idade, sintetizada nos gráficos 5.7.1 a 5.7.3, temos que:

- O Paraná destaca-se do resto das UFs por sua elevada taxa de homicídios de brancos: 10,7 por 100 mil.
- No outro extremo da escala, Amazonas, Tocantins, Maranhão e Roraima, se sobressaem por suas taxas baixas ou nula.
- Focando nos homicídios de crianças e adolescentes negros, Alagoas apresenta taxas altamente preocupantes: 35,9 homicídios por 100 mil. Também Espírito Santo supera a faixa de 30 por 100 mil.

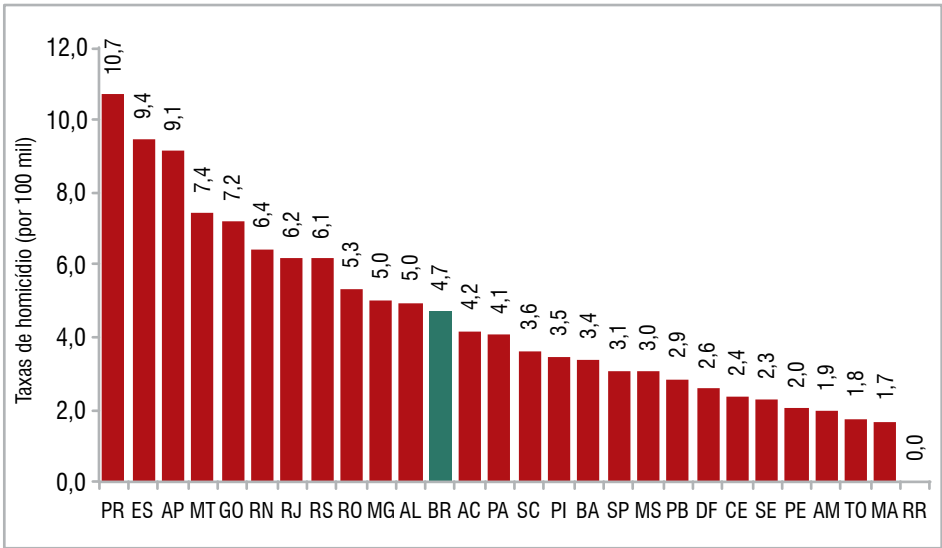
Esse diferencial nos leva aos índices de vitimização de crianças e adolescentes negros, com destaque extremo para o Distrito Federal, onde, em 2013, a taxa de homicídios de crianças e adolescentes brancos foi de 2,6 em 100 mil, e a de negros, de 26,4 o que determina um índice de vitimização de 934,4%. Noutras palavras, na capital da República morrem, proporcionalmente, mais de 10 crianças e adolescentes negros por cada branco.

Tabela 5.7.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) segundo faixas etárias, UF/ região e cor das crianças e adolescentes de <1 a 17 anos e 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2013.

UF/região	16 e 17 anos			<1 a 17 anos		
	Branco	Negro	Vitim.%	Branco	Negro	Vitim.%
Acre	14,3	26,6	85,5	4,2	7,6	83,4
Amapá	46,0	67,3	46,3	9,1	12,7	39,4
Amazonas	14,3	60,9	325,2	1,9	9,8	402,2
Pará	15,8	75,8	379,3	4,1	12,9	216,3
Rondônia	27,1	20,4	-24,6	5,3	5,8	9,2
Roraima	0,0	38,4		0,0	7,4	
Tocantins	0,0	14,8		1,8	5,5	213,4
Norte	16,6	57,6	246,9	3,7	10,6	185,0
Alagoas	21,4	193,8	805,2	5,0	35,9	623,6
Bahia	17,6	79,0	349,3	3,4	15,7	364,0
Ceará	14,5	61,6	324,1	2,4	13,6	476,5
Maranhão	5,9	41,2	595,9	1,7	8,1	383,6
Paraíba	16,2	94,3	482,5	2,9	21,7	659,1
Pernambuco	9,8	72,9	641,2	2,0	13,3	560,5
Piauí	14,2	33,0	132,1	3,5	6,8	95,4
Rio Grande do Norte	32,8	129,8	295,3	6,4	23,6	265,7
Sergipe	5,0	101,9	1926,3	2,3	16,9	648,3
Nordeste	15,2	77	408	3,1	15,3	401,4
Espírito Santo	50,7	177,6	250,4	9,4	33,0	248,9
Minas Gerais	24,5	62,8	156,2	5,0	12,1	141,4
Rio de Janeiro	29,7	81,3	174,1	6,2	16,4	166,3
São Paulo	16,8	27,1	61,4	3,1	5,3	72,1
Sudeste	22	58,7	167,4	4,2	11,5	175,2
Paraná	61,1	29,8	-51,2	10,7	7,0	-34,1
Rio Grande do Sul	29,2	35,9	22,9	6,1	8,3	34,5
Santa Catarina	17,8	17,1	-3,5	3,6	3,3	-8,4
Sul	36,6	30,3	-17,2	7,2	6,9	-3,8
Distrito Federal	16,6	134,1	709,2	2,6	26,4	934,4
Goiás	37,2	93,9	152,3	7,2	18,8	162,1
Mato Grosso	29,7	63,3	113,3	7,4	12,4	67,5
Mato Grosso do Sul	11,9	47,5	299,6	3,0	9,2	201,1
Centro-Oeste	27,7	85,7	209	5,5	17,1	212,0
BRASIL	24,2	66,3	173,6	4,7	13,1	178,0

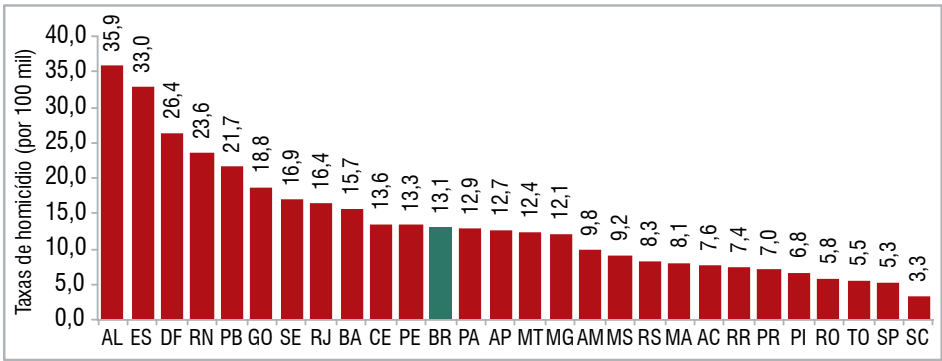
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.7.1. Taxas de homicídio de crianças e adolescentes brancos de <1 a 17 anos de idade por UF. Brasil. 2013.



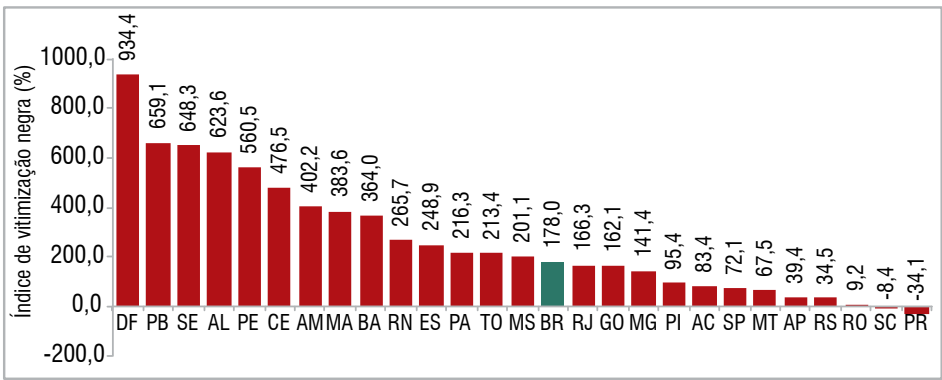
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.7.2. Taxas de homicídio de crianças e adolescentes negros de <1 a 17 anos de idade por UF. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 5.7.3. Índice de vitimização de crianças e adolescentes negros de <1 a 17 anos de idade por UF. Brasil. 2013.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Em seguida ao Distrito Federal, cinco estados da região Nordeste (Paraíba, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Ceará), compõem os seis primeiros lugares no ordenamento do índice de vitimização de crianças e adolescentes negros, no ano de 2013.

A Tabela 5.7.3 possibilita analisar a evolução histórica 2003/2013 dos homicídios por cor e idades simples. Verificamos a existência de três situações altamente preocupantes:

- Tanto na faixa ampla de <1 a 17 anos de idade quanto na mais restrita, de 16 e 17 anos, os homicídios de brancos caem e os de negros, aumentam.
- Com isso, as diferenças se aprofundam no tempo. Se, em 2003, o índice de vitimização negra rondava 70% (morrem, proporcionalmente, 70% mais negros que brancos), em 2013 essa vitimização mais que duplica: fica perto de 180% (por cada branco morrem 2,8 negros).
- Nada indica um possível processo de reversão dessa vitimização negra, o que está evidenciando a insuficiência de políticas destinadas a superar essa seletividade extrema por cor das vítimas.

Tab. 5.7.3. Número e taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos por idades simples. Brasil, 2003 e 2013.

Idade	2003					2013					Crescimento (%) 2003/2013				
	Número		Taxas		Vitimização %	Número		Taxas		Vitimização %	Número		Taxas		Vitimização %
	Branco	Negro	Branco	Negro		Branco	Negro	Branco	Negro		Branco	Negro	Branco	Negro	
<1	31	29	2,1	2,4	13,2	36	50	2,6	4,5	76,7	16,1	72,4	19,5	86,6	481,9
1	20	21	1,5	1,7	11,1	12	25	0,9	2,1	129,0	-40,0	19,0	-40,5	22,6	1064,5
2	6	14	0,4	1,0	132,6	11	15	0,9	1,1	25,6	83,3	7,1	114,1	15,6	-80,7
3	10	3	0,6	0,2	-69,4	10	11	0,8	0,8	-3,5	0,0	266,7	27,5	302,4	-95,0
4	9	8	0,6	0,5	-12,5	4	10	0,3	0,7	114,3	-55,6	25,0	-44,7	35,5	-1013,2
5	5	6	0,3	0,4	15,1	8	14	0,6	0,9	45,4	60,0	133,3	100,7	153,7	201,7
6	3	11	0,2	0,6	222,8	5	16	0,4	1,0	155,4	66,7	45,5	92,5	52,3	-30,3
7	8	8	0,5	0,5	-8,5	6	3	0,5	0,2	-62,0	-25,0	-62,5	-5,8	-60,9	625,8
8	8	14	0,5	0,8	57,3	3	20	0,2	1,1	370,1	-62,5	42,9	-54,5	36,1	546,4
9	11	9	0,7	0,5	-28,2	5	14	0,4	0,7	103,8	-54,5	55,6	-48,7	45,6	-467,9
10	6	21	0,4	1,2	215,6	8	21	0,7	1,2	88,3	33,3	0,0	68,4	0,5	-59,0
11	7	22	0,5	1,3	169,2	7	13	0,6	0,7	26,1	0,0	-40,9	18,2	-44,6	-84,6
12	22	26	1,4	1,6	9,1	16	45	1,2	2,3	86,4	-27,3	73,1	-14,7	45,8	851,5
13	36	87	2,4	5,0	106,2	29	122	2,0	5,6	186,3	-19,4	40,2	-18,2	13,5	75,4
14	100	175	6,3	10,1	61,3	92	306	6,5	14,6	125,2	-8,0	74,9	3,6	44,7	104,4
15	241	435	14,7	23,3	58,7	172	642	12,1	30,5	151,9	-28,6	47,6	-17,4	31,1	158,7
16	410	690	23,8	38,9	63,4	290	1.115	20,0	52,8	163,7	-29,3	61,6	-15,9	35,8	158,1
17	575	1.070	34,6	61,2	77,1	413	1.622	28,4	80,5	183,0	-28,2	51,6	-17,7	31,4	137,1
0/17	1.508	2.649	5,4	8,9	65,1	1.127	4.064	4,7	13,1	178,0	-25,3	53,4	-13,2	46,2	173,5
16/17	985	1.760	29,1	50,0	71,8	703	2.737	24,2	66,3	173,6	-28,6	55,5	-16,7	32,7	141,7

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

6. ATENDIMENTOS POR VIOLÊNCIAS NO SUS

6.1. Notas Introdutórias

Indicávamos, no capítulo 1, nas notas conceituais, que o foco do presente estudo é a violência letal envolvendo crianças e adolescentes. Mas as poucas fontes disponíveis sobre o tema no Brasil convergem sempre sobre as vítimas, com escassas ou nulas referências aos causantes da violência. Isso se explica porque, na maior parte dos casos, todo o processo começa com a existência de um corpo, o da vítima, mas nem sempre se sabe quem foi o agressor, nem qual foi a motivação da violência. No Brasil, essa questão se acentua pela baixa capacidade de elucidação desses crimes. Por esse motivo, devemos recorrer a uma fonte alternativa: o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN), do Ministério da Saúde, que registra os atendimentos do SUS no campo das violências.

A notificação de *violência doméstica, sexual e/ou outras violências* foi implantada no SINAN em 2009. Essa notificação deve ser realizada de forma universal, contínua e compulsória diante da suspeita ou confirmação de violências dirigidas a crianças, adolescentes, mulheres e idosos, atendendo às Leis 8.069 (Estatuto da Criança e Adolescente), 10.741 (Estatuto do Idoso) e 10.778 (notificação compulsória da violência contra a mulher). Essa notificação é realizada pelo gestor de saúde do SUS, mediante o preenchimento de uma Ficha específica. Os dados do SINAN aqui trabalhados correspondem ao ano de 2014 e estão ainda sujeitos à atualização. Foram utilizados microdados específicos do SINAN, a partir de um CD-ROM, recebido no dia 10/06/2015, pelo que se supõe que os dados foram atualizados até essa data.

Considerando que muitas características das situações violentas vividas pelas crianças e adolescentes dependem da etapa do seu ciclo de vida, julgou-se conveniente, para melhor entender as circunstâncias em que ocorreram as situações de violência, desagregar os dados do SINAN segundo os seguintes critérios de faixas etárias e/ou etapas:

- <1 ano. Menos de 1 ano de idade, pelo diferencial epidemiológico e volume de mortes nessa fase e, fundamentalmente, no período perinatal.
- 1 a 11 anos. Junto com <1 ano constitui a fase definida pelo ECA como *criança*.

- 12 a 15 anos. Fase inicial da *adolescência*.
- 16 e 17 anos. Foco atual das discussões em torno da responsabilidade penal.

Por trabalhar com base em dados fornecidos pelo SINAN, deveremos utilizar as definições conceituais do sistema, que sintetizamos a seguir¹¹:

- Violência física: são atos violentos, nos quais se fez uso da força física de forma intencional, não acidental, com o objetivo de ferir, lesar, provocar dor e sofrimento ou destruir a pessoa, deixando, ou não, marcas evidentes no seu corpo. Ela pode se manifestar de várias formas, como tapas, beliscões, chutes, torções, empurrões, arremesso de objetos, estrangulamentos, queimaduras, perfurações, mutilações, dentre outras. A violência física também ocorre no caso de ferimentos por arma de fogo (incluindo as situações de bala perdida) ou ferimentos por armas brancas.
- Violência psicológica: toda forma de rejeição, depreciação, discriminação, desrespeito, cobrança exagerada, punições humilhantes e utilização da pessoa para atender às necessidades psíquicas de outrem. É toda ação que coloque em risco ou cause danos à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Define-se como conduta abusiva, exercida por meio de gestos, atitudes ou outras manifestações, repetidas, sistemáticas, que atentem contra a dignidade ou a integridade psíquica ou física.
- Tortura: é o ato de constranger alguém com emprego de força ou grave ameaça, causando-lhe sofrimento físico ou mental com a finalidade de:
 - Obter informação, declaração ou confissão da vítima ou de terceira pessoa.
 - Provocar ação ou omissão de natureza criminosa.
 - Em razão de discriminação racial ou religiosa.
- Violência sexual: é qualquer ação na qual uma pessoa, valendo-se de sua posição de poder e fazendo uso de força física, coerção, intimidação ou influência psicológica, com uso ou não de armas ou drogas, obriga outra pessoa – de qualquer sexo – a ter, presenciar, ou participar de alguma maneira de interações sexuais ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, com fins de lucro, vingança ou outra intenção. Incluem-se na categoria violência sexual situações de: estupro, abuso incestuoso, assédio sexual, sexo forçado.
- Violência financeira/econômica: é o ato de violência que implica dano, perda, subtração, destruição ou retenção de objetos, documentos pessoais, bens e valores da pessoa atendida/vítima. Consiste na exploração imprópria ou

¹¹ Ministério da Saúde. **Viva**: instrutivo de notificação de violência doméstica, sexual e outras violências. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise de Situação de Saúde. Brasília: 2011.

ilegal, ou no uso não consentido de seus recursos financeiros e patrimoniais. É também chamada de violência patrimonial.

- Negligência/abandono: é a omissão pela qual se deixou de prover as necessidades e os cuidados básicos para o desenvolvimento físico, educacional, emocional e social da pessoa atendida/vítima.
- Trabalho infantil: é o conjunto de ações e atividades desempenhadas por crianças (com valor econômico direto ou indireto), inibindo-as de viver plenamente sua condição de infância e adolescência. Salvo na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos, é proibido qualquer trabalho a menores de 16 anos de idade. Quando na condição de aprendiz, a atividade laboral deve ocorrer em horários e locais que não impeçam a frequência à escola e não prejudiquem a formação e o adequado desenvolvimento físico, psíquico, moral e social.

Deve-se considerar que os quantitativos registrados pelo SINAN representam só a ponta do *iceberg* das violências cotidianas que efetivamente acontecem: são aquelas que, por sua gravidade e possíveis sequelas, demandam atendimento do SUS e que, ao mesmo tempo, são identificadas como violência e registradas no SINAN. Por baixo desse quantitativo visível, um enorme número de violências cotidianas nunca chega à luz pública; ficam na penumbra da esfera privada.

6.2. Violências notificadas por Unidade Federativa

Segundo o SINAN, no ano de 2014 foram registrados 97.976 atendimentos na faixa de <1 a 17 anos idade. As tabelas a seguir permitem analisar a distribuição geográfica desses atendimentos.

Considerando que o capítulo de violências foi incorporado no SINAN recentemente, em 2009, é de se esperar ainda haja problemas em sua cobertura e universalização. Por esse motivo, julgamos que não seria apropriado construir *taxas de atendimento* por UF, relacionando o número de atendimentos com a população de crianças e adolescentes de cada local, dado que o indicador poderia estar influenciado, mais pelas diferenças de cobertura, do que pelos atendimentos reais. Ainda assim, procuramos realizar outro tipo de análise que não implicaria a comparação de UFs: relacionamos os quantitativos de cada tipo de violência com o total de atendimentos, verificando a incidência relativa de cada tipo de violência na estrutura de atendimentos (Tabela 6.2.2.).

Vemos que a violência física é, nacionalmente, a que tem maior incidência, absorvendo 35,4% dos atendimentos. Destacam-se Alagoas e Rio Grande do Norte, ambos com índices acima de 60% dos atendimentos. O menor índice de atendimentos por violência física é o do Acre, com 18,7% (ver Gráfico 6.2.1).

Negligência/abandono ocupa a segunda posição, com 22,2% das consultas. Aqui, têm destaque Mato Grosso do Sul e Paraná, com percentuais acima de 40% dos atendimentos. No outro extremo, Acre e Amapá, com menos de 2% (Gráfico 6.2.4).

Em terceiro lugar, em ordem de incidência, aparece a violência sexual, concentrando 20,1% dos atendimentos. Nesse caso, isolado em proporção de atendimentos, está o Acre, onde praticamente 2/3 das consultas ao SUS são em decorrência de violência sexual, enquanto no Mato Grosso do Sul essa participação é de 10,3% (Gráfico 6.2.2).

Tabela 6.2.1. Número de atendimento de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos por violências segundo UF/região. Brasil. 2014.

UF/região	Física	Psicológica	Tortura	Sexual	Financeira	Negligência Abandono	Trabalho infantil	Outras	Total
Acre	155	80	22	537	1	13	4	19	831
Amapá	85	18	6	74	0	2	0	8	193
Amazonas	651	653	58	1.053	17	210	4	37	2.683
Pará	859	906	136	1.500	9	157	15	26	3.608
Rondônia	106	65	16	108	3	14	1	4	317
Roraima	205	65	23	145	0	26	1	5	470
Tocantins	480	272	36	536	2	163	3	94	1.586
Norte	2.541	2.059	297	3.953	32	585	28	193	9.688
Alagoas	772	110	21	144	3	27	3	102	1.182
Bahia	1.588	486	68	786	17	140	19	112	3.216
Ceará	774	214	22	378	3	923	24	84	2.422
Maranhão	343	113	17	168	6	205	3	24	879
Paraíba	443	127	16	154	2	328	1	9	1.080
Pernambuco	2.177	400	64	1.050	19	1.325	7	144	5.186
Piauí	302	115	22	404	5	261	1	53	1.163
Rio Grande do Norte	486	104	21	104	1	39	0	12	767
Sergipe	154	93	4	256	3	149	4	8	671
Nordeste	7.039	1.762	255	3.444	59	3.397	62	548	16.566
Espírito Santo	543	162	22	363	3	107	1	140	1.341
Minas Gerais	6.272	2.368	233	2.051	34	685	39	612	12.294
Rio de Janeiro	2.635	1.431	137	1.170	32	2.753	41	1.086	9.285
São Paulo	5.904	1.908	188	3.002	46	2.153	171	656	14.028
Sudeste	15.354	5.869	580	6.586	115	5.698	252	2.494	36.948
Paraná	3.079	1.964	85	1.725	42	5.471	178	346	12.890
Rio Grande do Sul	2.584	1.733	113	1.552	33	2.597	49	371	9.032
Santa Catarina	1.370	545	71	763	26	1.226	6	143	4.150
Sul	7.033	4.242	269	4.040	101	9.294	233	860	26.072
Distrito Federal	343	191	27	558	16	294	7	36	1.472
Goiás	960	278	46	480	1	617	19	74	2.475
Mato Grosso	338	193	37	255	4	60	5	112	1.004
Mato Grosso do Sul	1.039	321	25	386	16	1.770	19	175	3.751
Centro-Oeste	2.680	983	135	1.679	37	2.741	50	397	8.702
BRASIL	34.647	14.915	1.536	19.702	344	21.715	625	4.492	97.976

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

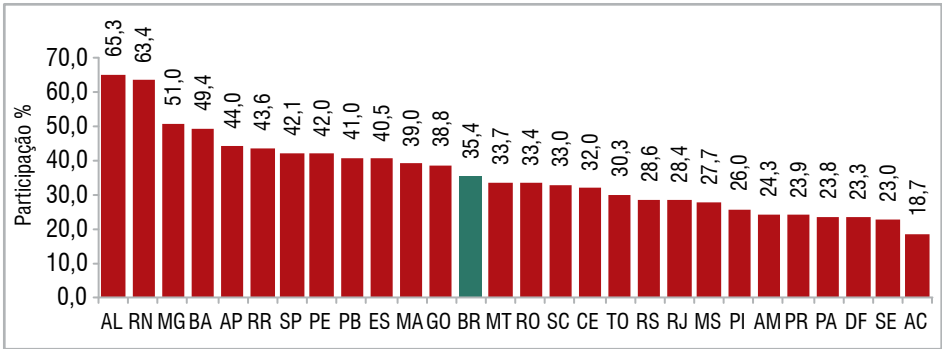
Com incidências bem menores que as anteriores, tortura, violências psicológica e financeira e trabalho infantil também tiveram consultas no SUS. A desagregação por UF pode ser vista a seguir, nos Gráficos 6.2.3 e 6.2.5 a 6.2.7.

Tabela 6.2.2. Estrutura % de atendimento de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos por violências segundo UF/região e tipo de violência. Brasil. 2014.

UF/região	Física	Psicológica	Tortura	Sexual	Financeira	Negligência Abandono	Trabalho infantil	Outras	Total Tipos
Acre	18,7	9,6	2,6	64,6	0,1	1,6	0,5	2,3	100,0
Amapá	44,0	9,3	3,1	38,3	0,0	1,0	0,0	4,1	100,0
Amazonas	24,3	24,3	2,2	39,2	0,6	7,8	0,1	1,4	100,0
Pará	23,8	25,1	3,8	41,6	0,2	4,4	0,4	0,7	100,0
Rondônia	33,4	20,5	5,0	34,1	0,9	4,4	0,3	1,3	100,0
Roraima	43,6	13,8	4,9	30,9	0,0	5,5	0,2	1,1	100,0
Tocantins	30,3	17,2	2,3	33,8	0,1	10,3	0,2	5,9	100,0
Norte	26,2	21,3	3,1	40,8	0,3	6,0	0,3	2,0	100,0
Alagoas	65,3	9,3	1,8	12,2	0,3	2,3	0,3	8,6	100,0
Bahia	49,4	15,1	2,1	24,4	0,5	4,4	0,6	3,5	100,0
Ceará	32,0	8,8	0,9	15,6	0,1	38,1	1,0	3,5	100,0
Maranhão	39,0	12,9	1,9	19,1	0,7	23,3	0,3	2,7	100,0
Paraíba	41,0	11,8	1,5	14,3	0,2	30,4	0,1	0,8	100,0
Pernambuco	42,0	7,7	1,2	20,2	0,4	25,5	0,1	2,8	100,0
Piauí	26,0	9,9	1,9	34,7	0,4	22,4	0,1	4,6	100,0
Rio Grande do Norte	63,4	13,6	2,7	13,6	0,1	5,1	0,0	1,6	100,0
Sergipe	23,0	13,9	0,6	38,2	0,4	22,2	0,6	1,2	100,0
Nordeste	42,5	10,6	1,5	20,8	0,4	20,5	0,4	3,3	100,0
Espírito Santo	40,5	12,1	1,6	27,1	0,2	8,0	0,1	10,4	100,0
Minas Gerais	51,0	19,3	1,9	16,7	0,3	5,6	0,3	5,0	100,0
Rio de Janeiro	28,4	15,4	1,5	12,6	0,3	29,6	0,4	11,7	100,0
São Paulo	42,1	13,6	1,3	21,4	0,3	15,3	1,2	4,7	100,0
Sudeste	41,6	15,9	1,6	17,8	0,3	15,4	0,7	6,8	100,0
Paraná	23,9	15,2	0,7	13,4	0,3	42,4	1,4	2,7	100,0
Rio Grande do Sul	28,6	19,2	1,3	17,2	0,4	28,8	0,5	4,1	100,0
Santa Catarina	33,0	13,1	1,7	18,4	0,6	29,5	0,1	3,4	100,0
Sul	27,0	16,3	1,0	15,5	0,4	35,6	0,9	3,3	100,0
Distrito Federal	23,3	13,0	1,8	37,9	1,1	20,0	0,5	2,4	100,0
Goiás	38,8	11,2	1,9	19,4	0,0	24,9	0,8	3,0	100,0
Mato Grosso	33,7	19,2	3,7	25,4	0,4	6,0	0,5	11,2	100,0
Mato Grosso do Sul	27,7	8,6	0,7	10,3	0,4	47,2	0,5	4,7	100,0
Centro-Oeste	30,8	11,3	1,6	19,3	0,4	31,5	0,6	4,6	100,0
BRASIL	35,4	15,2	1,6	20,1	0,4	22,2	0,6	4,6	100,0

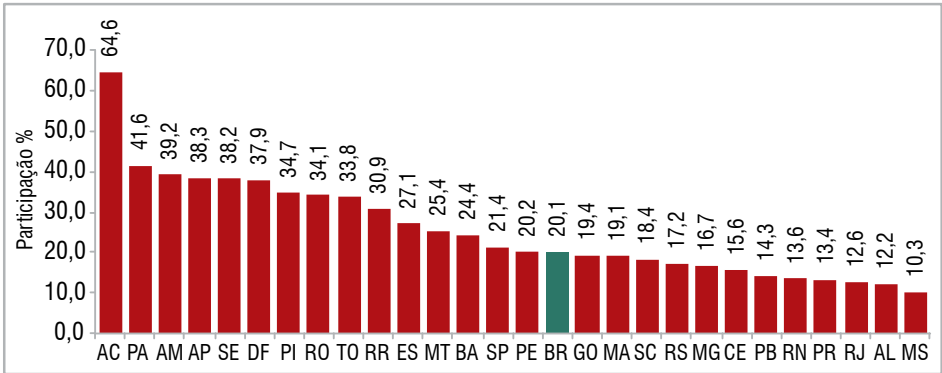
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 6.2.1. Participação % da violência física no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.



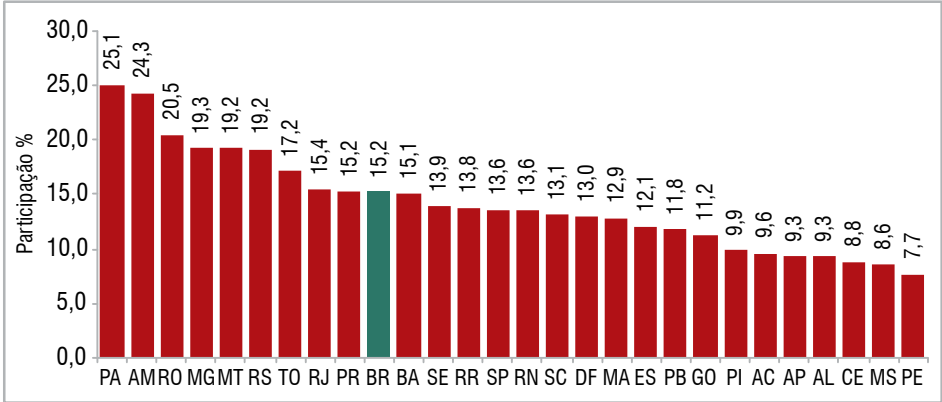
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 6.2.2. Participação % da violência sexual no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.



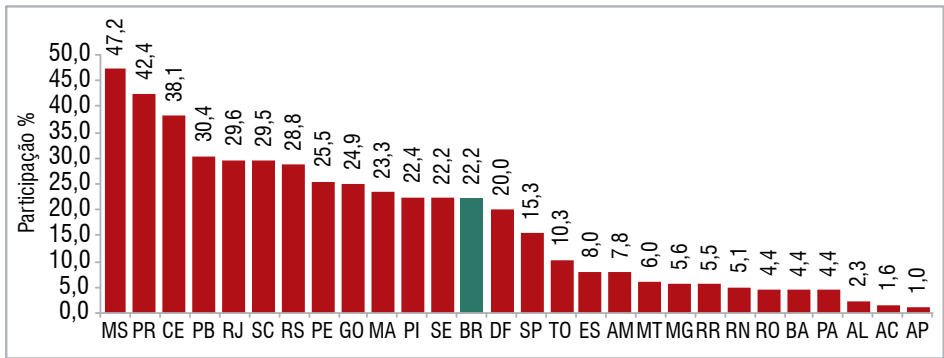
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 6.2.3. Participação % da violência psicológica no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.



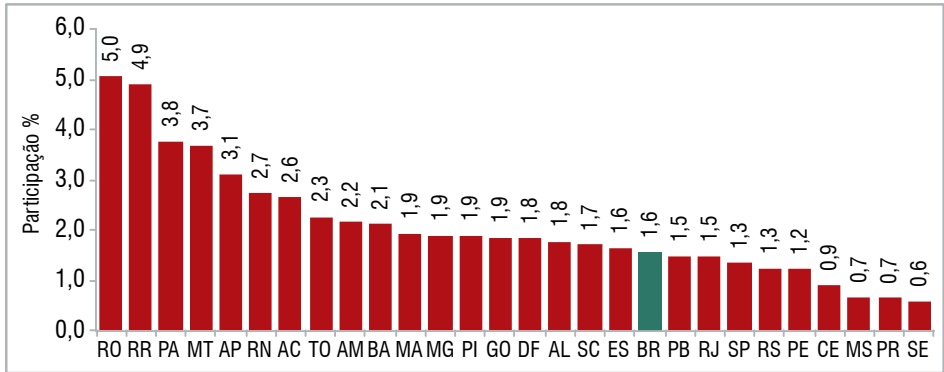
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 6.2.4. Participação % da negligência/abandono no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.



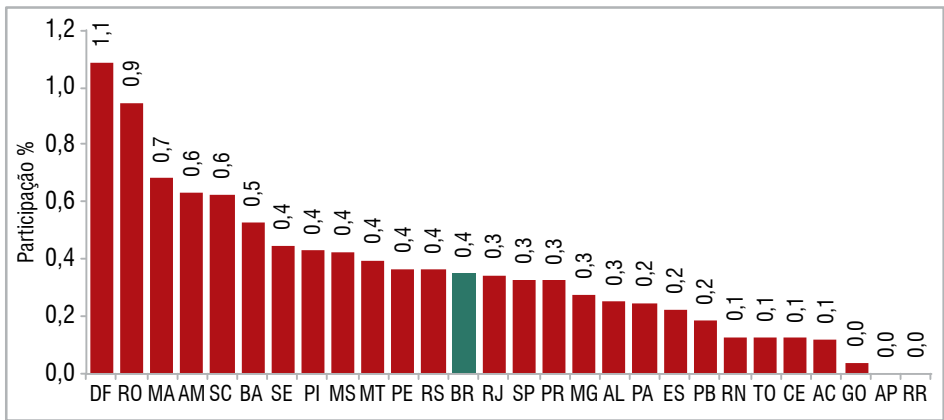
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 6.2.5. Participação % tortura no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.



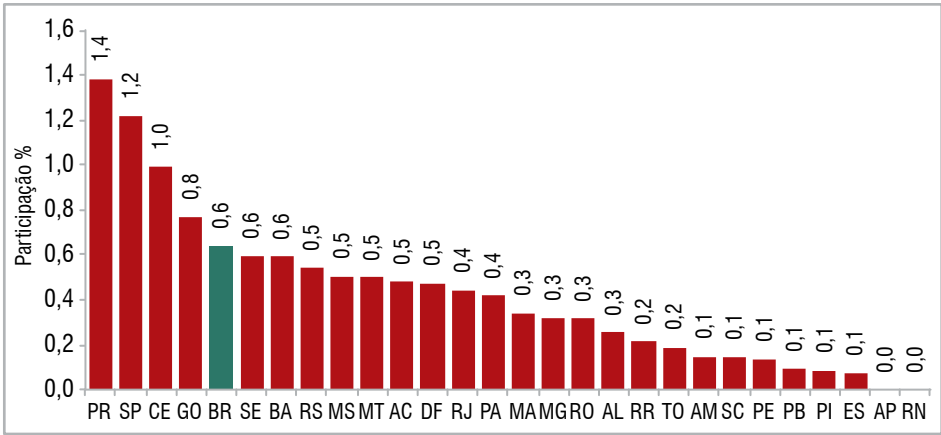
Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 6.2.6. Participação % da violência financeira no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Gráfico 6.2.7. Participação % do trabalho infantil no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

6.3. Tipos de violência segundo idades

Para analisar a incidência diferencial dos diversos tipos de violência, relacionaremos esses tipos com as idades das vítimas. A Tabela 6.3.1 discrimina os tipos de violência, segundo a faixa etária das vítimas:

Tab. 6.3.1. Número e participação % de atendimentos pelo SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e tipo de violência. Brasil. 2014.

Faixa etária	Número de atendimentos							Participação %							
	Física	Psicológica	Tortura	Sexual	Financeira	Negligência -Abandono	Trabalho infantil	Física	Psicológica	Tortura	Sexual	Financeira	Negligência -Abandono	Trabalho infantil	Total
<1	2331	660	87	404	68	5172	13	26,7	7,6	1,0	4,6	0,8	59,2	0,1	100,0
1 a 11	9710	6275	613	9990	140	11971	237	24,9	16,1	1,6	25,7	0,4	30,7	0,6	100,0
12 a 15	11923	5183	519	7620	81	3246	278	41,3	18,0	1,8	26,4	0,3	11,3	1,0	100,0
16 e 17	10683	2797	317	1688	55	1326	97	63,0	16,5	1,9	10,0	0,3	7,8	0,6	100,0
Total	34647	14915	1536	19702	344	21715	625	37,1	16,0	1,6	21,1	0,4	23,2	0,7	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 6.3.2. Número e participação % dos atendimentos pelo SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo idades simples e tipo de violência. Brasil. 2014.

Idades	Número de atendimentos							Participação %							
	Física	Psicológica	Tortura	Sexual	Financeira	Negligência -Abandono	Trabalho infantil	Física	Psicológica	Tortura	Sexual	Financeira	Negligência -Abandono	Trabalho infantil	Total
<1	2331	660	87	404	68	5172	13	26,7	7,6	1,0	4,6	0,8	59,2	0,1	100,0
1	895	252	30	396	21	2644	9	21,1	5,9	0,7	9,3	0,5	62,3	0,2	100,0
2	818	349	32	742	14	1768	2	22,0	9,4	0,9	19,9	0,4	47,5	0,1	100,0
3	799	483	49	1032	8	1303	8	21,7	13,1	1,3	28,0	0,2	35,4	0,2	100,0
4	738	515	52	986	9	1033	9	22,1	15,4	1,6	29,5	0,3	30,9	0,3	100,0
5	814	569	57	1007	8	928	10	24,0	16,8	1,7	29,7	0,2	27,4	0,3	100,0
6	773	613	48	1045	16	804	13	23,3	18,5	1,4	31,6	0,5	24,3	0,4	100,0
7	824	626	63	925	10	772	22	25,4	19,3	1,9	28,5	0,3	23,8	0,7	100,0
8	887	646	58	902	15	679	29	27,6	20,1	1,8	28,0	0,5	21,1	0,9	100,0
9	885	634	57	855	7	708	36	27,8	19,9	1,8	26,9	0,2	22,3	1,1	100,0
10	1009	733	77	911	18	657	45	29,2	21,2	2,2	26,4	0,5	19,0	1,3	100,0
11	1268	855	90	1189	14	675	54	30,6	20,6	2,2	28,7	0,3	16,3	1,3	100,0
12	1766	1113	106	1899	15	691	47	31,3	19,7	1,9	33,7	0,3	12,3	0,8	100,0
13	2485	1273	117	2501	24	844	73	34,0	17,4	1,6	34,2	0,3	11,5	1,0	100,0
14	3575	1411	132	2052	20	916	88	43,6	17,2	1,6	25,0	0,2	11,2	1,1	100,0
15	4097	1386	164	1168	22	795	70	53,2	18,0	2,1	15,2	0,3	10,3	0,9	100,0
16	5151	1418	162	946	27	724	51	60,8	16,7	1,9	11,2	0,3	8,5	0,6	100,0
17	5532	1379	155	742	28	602	46	65,2	16,3	1,8	8,7	0,3	7,1	0,5	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

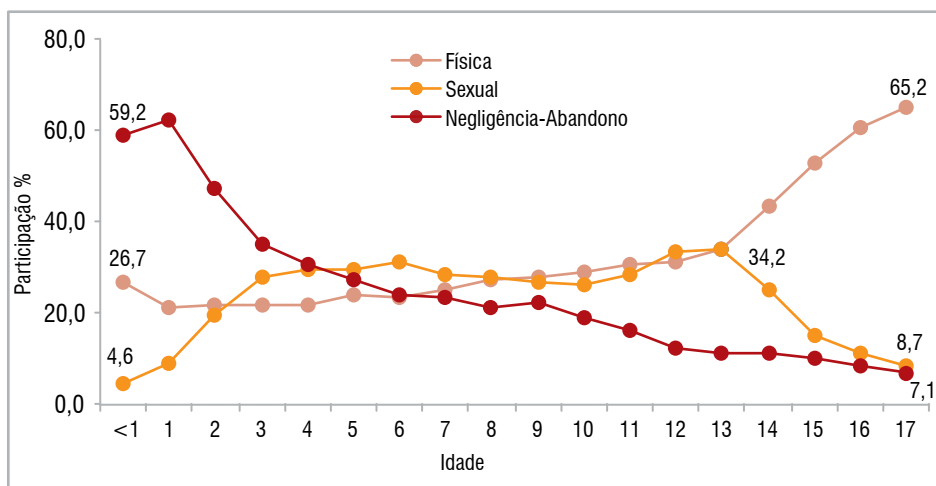
Vemos que a violência largamente predominante na faixa dos menores de 1 ano é a negligência/abandono, que concentra 59,2% das ocorrências. Em segundo lugar, a violência física, com 26,7% dos casos. Já na faixa de 1 a 11 anos de idade, existe um certo equilíbrio entre três tipos de violência: a física e a sexual, com aproximadamente 25% cada, e negligência/abandono, com 30,7%.

Dos 12 aos 15 anos preponderam a violência física, presente em 41,3% dos casos, e a sexual, que vitima 26,4% dos adolescentes nessa faixa. Largamente preponderante entre adolescentes de 16 e 17 anos, a violência física concentra aproximadamente 2/3 dos atendimentos nessas idades.

Acompanhando a escala etária por idades simples, na Tabela 6.3.2 e no Gráfico 6.3.1 podemos observar algumas outras características das violências nos atendimentos do SUS registrados pelo SINAN:

- Os atendimentos por negligência/abandono, hegemônicos nas idades iniciais, vão caindo drasticamente nos primeiros anos de vida, até aproximadamente os 5 anos de idade, para continuar caindo, em menor velocidade, até os 17 anos, quando essa violência representa 7,1% dos casos atendidos nessa idade.
- Já a violência física, que cresce lentamente entre as idades de 1 ano e 13 anos de vida, incrementa drasticamente sua incidência até os 17 anos de idade, quando representa 65,2% dos atendimentos, praticamente 2/3.

Gráfico 6.3.1. Participação % dos atendimentos pelo SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo idade e tipo de violência. Brasil. 2014.



Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

- A violência sexual apresenta a forma de um prato fundo invertido, com baixa incidência nas idades extremas, aumentando e caindo rapidamente nas proximidades desses extremos. A partir dos 3 anos de idade, quando a violência sexual atinge 28,0% dos atendimentos, a incidência continua a aumentar lentamente até os 13 anos, que se converte na idade de maior risco de violência sexual, com 34,2% dos atendimentos. A partir dessa idade, a participação cai rapidamente e, aos 17 anos, representa só 8,7% das consultas.
- Com incidência mais moderada, 16,0% das consultas na faixa <1 a 17 anos, a violência psicológica vai crescendo nos primeiros anos até chegar a seu topo aos 10 anos de idade, quando atinge a marca de 21,2% dos atendimentos. A partir dessa idade, vai caindo lentamente, até representar 16,3%, aos 17 anos de idade.

- Tortura, violência financeira e trabalho infantil apresentam baixo ou nulo nível de atendimento nas idades focalizadas.

6.4. Local da Agressão

Os registros do SINAN identificam os prováveis locais onde foi perpetrada a agressão. A Tabela 6.4.1 discrimina os locais da agressão para as diversas faixas etárias.

Tab. 6.4.1. Número e participação % de atendimentos do SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e local de ocorrência. Brasil. 2014.

Faixa etária	Número de atendimentos						Participação %					
	Residência	Escola	Bar ou similar	Via pública	Outro	Total	Residência	Escola	Bar ou similar	Via pública	Outro	Total
<1	4.465	60	60	523	1.229	6.337	70,5	0,9	0,9	8,3	19,4	100,0
1 a 11	19.599	1.300	72	2.265	2.956	26.192	74,8	5,0	0,3	8,6	11,3	100,0
12 a 15	11.623	1.393	226	4.376	1.896	19.514	59,6	7,1	1,2	22,4	9,7	100,0
16 e 17	5.629	387	374	4.467	1.034	11.891	47,3	3,3	3,1	37,6	8,7	100,0
Total	41.316	3.140	732	11.631	7.115	63.934	64,6	4,9	1,1	18,2	11,1	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Vemos que:

- Em todas as faixas, a residência da vítima é o local de maior incidência dos eventos violentos, diminuindo com o aumento da idade da vítima.
- Em segundo lugar, e a grande distância da anterior, a via pública vai ganhando relevância com o aumento da faixa etária.
- Já a escola constitui um foco de baixo potencial, nas consultas das faixas de 1 a 15 anos de idade.

A tabela 6.4.2 discrimina ainda mais as informações etárias, confirmando as considerações acima apontadas.

Tab. 6.4.2. Número e participação % de atendimentos do SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo idades simples e local de ocorrência. Brasil. 2014.

Idade Simples	Número de atendimentos						Participação %					
	Residência	Escola	Bar ou similar	Via pública	Outro	Total	Residência	Escola	Bar ou similar	Via pública	Outro	Total
<1	4.465	60	60	523	1.229	6.337	70,5	0,9	0,9	8,3	19,4	100,0
1	2.576	38	8	130	492	3.244	79,4	1,2	0,2	4,0	15,2	100,0
2	2.090	72	6	166	369	2.703	77,3	2,7	0,2	6,1	13,7	100,0
3	1.945	99	7	174	311	2.536	76,7	3,9	0,3	6,9	12,3	100,0
4	1.746	108	3	175	247	2.279	76,6	4,7	0,1	7,7	10,8	100,0
5	1.703	104	2	170	224	2.203	77,3	4,7	0,1	7,7	10,2	100,0
6	1.691	103	8	177	211	2.190	77,2	4,7	0,4	8,1	9,6	100,0
7	1.544	129	2	207	202	2.084	74,1	6,2	0,1	9,9	9,7	100,0
8	1.493	135	14	213	207	2.062	72,4	6,5	0,7	10,3	10,0	100,0
9	1.487	136	4	253	198	2.078	71,6	6,5	0,2	12,2	9,5	100,0
10	1.538	147	8	242	225	2.160	71,2	6,8	0,4	11,2	10,4	100,0
11	1.786	229	10	358	270	2.653	67,3	8,6	0,4	13,5	10,2	100,0
12	2.422	281	23	560	393	3.679	65,8	7,6	0,6	15,2	10,7	100,0
13	3.180	364	39	836	502	4.921	64,6	7,4	0,8	17,0	10,2	100,0
14	3.231	432	73	1.327	534	5.597	57,7	7,7	1,3	23,7	9,5	100,0
15	2.790	316	91	1.653	467	5.317	52,5	5,9	1,7	31,1	8,8	100,0
16	2.915	235	163	2.118	539	5.970	48,8	3,9	2,7	35,5	9,0	100,0
17	2.714	152	211	2.349	495	5.921	45,8	2,6	3,6	39,7	8,4	100,0
Total	41.316	3.140	732	11.631	7.115	63.934	64,6	4,9	1,1	18,2	11,1	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

6.5. Perfil do Agressor

Um dado importante é a relação do agressor com a vítima. As Tabelas 6.5.1, 6.5.2 e 6.5.3, que desagregam esses dados, permitem realizar um conjunto de inferências:

- Praticamente a metade (48,8%) das agressões perpetradas contra crianças e adolescentes na faixa de <1 a 17 anos foi realizada pelos pais: 18,2% pelo pai; 25,7% pela mãe e 4,9% pelo padrasto. Essa larga participação concentra-se nas faixas iniciais, principalmente no primeiro ano de vida das crianças.

- Conhecidos da vítima têm 15,4% de responsabilidade e, contrariamente aos pais, a maior relevância está nas faixas adolescentes, a partir dos 12 anos de idade.
- Desconhecidos têm 9,4% de incidência, aumentando com o avanço da idade das vítimas.

Tab. 6.5.1. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violências em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e agressor. Brasil. 2014.

Agressor	Número de Atendimentos					Estrutura %				
	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17
Pai	2169	7503	2962	1185	13819	25,7	23,8	12,9	9,1	18,2
Mãe	4468	10580	3178	1296	19522	52,9	33,5	13,9	9,9	25,7
Padrasto	84	2137	1189	306	3716	1,0	6,8	5,2	2,3	4,9
Cônjuge			746	870	1616	0,0	0,0	3,3	6,7	2,1
Ex-cônjuge			88	234	322	0,0	0,0	0,4	1,8	0,4
Namorado			1752	507	2259	0,0	0,0	7,6	3,9	3,0
Ex-namorado			309	267	576	0,0	0,0	1,3	2,0	0,8
Desconhecido	269	1328	2924	2641	7162	3,2	4,2	12,8	20,2	9,4
Irmão	90	749	519	401	1759	1,1	2,4	2,3	3,1	2,3
Conhecido	351	3996	4987	2349	11683	4,2	12,7	21,8	18,0	15,4
Cuidador	68	403	69	36	576	0,8	1,3	0,3	0,3	0,8
Institucional	24	261	176	93	554	0,3	0,8	0,8	0,7	0,7
Polícia-Lei	14	30	188	311	543	0,2	0,1	0,8	2,4	0,7
Autoagressão	240	579	2183	1818	4820	2,8	1,8	9,5	13,9	6,3
Outros	673	3989	1643	735	7040	8,0	12,6	7,2	5,6	9,3
Total	8450	31555	22913	13049	75967	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 6.5.2. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violência física em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e agressor. Brasil. 2014.

Agressor	Número de Atendimentos					Estrutura %				
	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17
Pai	440	2167	1153	553	4313	23,5	22,0	10,4	6,1	13,5
Mãe	515	2648	1007	495	4665	27,5	26,9	9,1	5,4	14,6
Padrasto	43	928	574	203	1748	2,3	9,4	5,2	2,2	5,5
Cônjuge			288	671	959	0,0	0,0	2,6	7,4	3,0
Ex-cônjuge			69	199	268	0,0	0,0	0,6	2,2	0,8
Namorado			430	359	789	0,0	0,0	3,9	3,9	2,5
Ex-namorado			147	228	375	0,0	0,0	1,3	2,5	1,2
Desconhecido	206	603	1918	2221	4948	11,0	6,1	17,3	24,4	15,5
Irmão	65	294	389	351	1099	3,5	3,0	3,5	3,8	3,4
Conhecido	237	1499	3014	1995	6745	12,7	15,2	27,2	21,9	21,2
Cuidador	26	166	31	28	251	1,4	1,7	0,3	0,3	0,8
Institucional	12	130	110	77	329	0,6	1,3	1,0	0,8	1,0
Polícia-Lei	13	15	164	296	488	0,7	0,2	1,5	3,2	1,5
Autoagressão	123	248	956	885	2212	6,6	2,5	8,6	9,7	6,9
Outros	191	1136	814	556	2697	10,2	11,6	7,4	6,1	8,5
Total	1871	9834	11064	9117	31886	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 6.5.3. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violência sexual em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e agressor. Brasil. 2014.

Agressor	Número de Atendimentos					Estrutura %				
	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17
Pai	56	1455	629	145	2285	17,2	15,1	7,9	8,2	11,6
Mãe	17	317	317	72	723	5,2	3,3	4,0	4,1	3,7
Padrasto	31	1282	684	104	2101	9,5	13,3	8,5	5,9	10,7
Cônjuge			435	146	581	0,0	0,0	5,4	8,3	2,9
Ex-cônjuge			21	14	35	0,0	0,0	0,3	0,8	0,2
Namorado			1375	103	1478	0,0	0,0	17,2	5,8	7,5
Ex-namorado			155	35	190	0,0	0,0	1,9	2,0	1,0
Desconhecido	58	685	1284	598	2625	17,8	7,1	16,0	34,0	13,3
Irmão	4	422	99	19	544	1,2	4,4	1,2	1,1	2,8
Conhecido	83	2730	2167	357	5337	25,5	28,4	27,1	20,3	27,1
Cuidador	12	171	24	5	212	3,7	1,8	0,3	0,3	1,1
Institucional	4	104	51	15	174	1,2	1,1	0,6	0,9	0,9
Polícia-Lei	0	12	12	5	29	0,0	0,1	0,1	0,3	0,1
Autoagressão	1	12	20	6	39	0,3	0,1	0,2	0,3	0,2
Outros	59	2416	730	137	3342	18,2	25,2	9,1	7,8	17,0
Total	325	9606	8003	1761	19695	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

A tabela 6.5.4 permite comparar a estrutura (%) dos três tipos de violência detalhados nas Tabelas 6.5.1 a 6.5.3: a geral, a física e a sexual.

Tabela 6.5.4. Comparação da estrutura % dos tipos de agressão na faixa de <1 a 17 anos. Brasil. 2014.

Agressor	Tipo de agressão		
	Geral	Física	Sexual
Pai	18,2	13,5	11,6
Mãe	25,7	14,6	3,7
Padrasto	4,9	5,5	10,7
Cônjuge	2,1	3,0	2,9
Ex-cônjuge	0,4	0,8	0,2
Namorado	3,0	2,5	7,5
Ex-namorado	0,8	1,2	1,0
Desconhecido	9,4	15,5	13,3
Irmão	2,3	3,4	2,8
Conhecido	15,4	21,2	27,1
Cuidador	0,8	0,8	1,1
Institucional	0,7	1,0	0,9
Polícia-Lei	0,7	1,5	0,1
Autoagressão	6,3	6,9	0,2
Outros	9,3	8,5	17,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Observamos que:

- A incidência de pai e mãe diminui na agressão física e ainda mais na sexual, principalmente da mãe, comparadas à violência geral. Mesmo assim, pai e mãe foram responsáveis por 15,3% das agressões sexuais que originaram atendimento no SUS, em 2014. Neste campo, destaca-se também a figura do padrasto, que atende por 10,7% das agressões.
- Namorado também é uma figura de expressão nas agressões sexuais.
- Conhecidos da vítima apresentam a maior incidência nas agressões sexuais em se tratando de crianças e adolescentes, predominando em menor medida, pessoas desconhecidas.

6.6. Reincidência e encaminhamento

O SINAN também verifica se o tipo de incidente aconteceu outras vezes. As tabelas a seguir detalham a reincidência para as agressões em geral, as físicas e as sexuais.

Vemos, pelas tabelas, que, na faixa de <1 a 17 anos, a reincidência é muito elevada: 40,6% para todos os tipos de violência; 36,5% para as violências físicas e 51,7% para as sexuais. A maior reincidência centra-se na faixa das crianças de 1 a 11 anos de idade.

Tab. 6.6.1. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violências em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e reincidência. Brasil. 2014.

Outras vezes?	Número de Atendimentos					Estrutura %				
	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17
Sim	1419	8802	7008	3129	20358	32,5	45,9	41,8	32,0	40,6
Não	2953	10382	9759	6648	29742	67,5	54,1	58,2	68,0	59,4
Total	4372	19184	16767	9777	50100	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 6.6.2. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violências físicas em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e reincidência. Brasil. 2014.

Outras vezes?	Número de Atendimentos					Estrutura %				
	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17
Sim	495	3226	3011	2239	8971	33,1	46,3	34,3	30,5	36,5
Não	1000	3740	5770	5099	15609	66,9	53,7	65,7	69,5	63,5
Total	1495	6966	8781	7338	24580	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Tab. 6.6.3. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violências sexuais em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e reincidência. Brasil. 2014.

Outras vezes?	Número de Atendimentos					Estrutura %				
	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17
Sim	99	3746	3325	499	7669	39,3	54,9	52,4	35,2	51,7
Não	153	3083	3016	918	7170	60,7	45,1	47,6	64,8	48,3
Total	252	6829	6341	1417	14839	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

A tabela 6.6.4 permite verificar a proporção de encaminhamentos realizados pelo SINAN, em função do total de registros de violências, em cada faixa etária estudada. O total de registros pode ser encontrado na penúltima linha; a última linha indica os registros de encaminhamento de pessoas do sexo feminino a órgãos específicos para essa população (células destacadas).

Tab. 6.6.4. Número e % encaminhamentos do total de atendimentos do SUS por violências em crianças e adolescentes segundo faixa etária e órgão de encaminhamento. Brasil. 2014.

Órgão de encaminhamento	Número de encaminhamentos					% Encaminhamentos*				
	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17	<1	1 a 11	12 a 15	16 e 17	<1 a 17
Conselho Tutelar	3493	14242	8664	3460	29859	43,3	47,2	37,3	23,5	39,2
Vara	162	888	665	231	1946	2,0	2,9	2,9	1,6	2,6
Casa Abrigo	45	278	163	73	559	0,6	0,9	0,7	0,5	0,7
Prog. Sentinela	20	128	127	59	334	0,2	0,4	0,5	0,4	0,4
DEAM	148	811	1142	707	2808	3,6	4,9	6,9	8,6	6,2
DPCA	186	2270	1560	578	4594	2,3	7,5	6,7	3,9	6,0
Outras Delegacias	459	2579	3290	2585	8913	5,7	8,5	14,2	17,6	11,7
Min. Público	121	746	606	227	1700	1,5	2,5	2,6	1,5	2,2
CRM	47	233	273	165	718	1,1	1,4	1,7	2,0	1,6
CREAS-CRAS	352	2852	1940	564	5708	4,4	9,4	8,3	3,8	7,5
IML	165	2327	1609	597	4698	2,0	7,7	6,9	4,1	6,2
Outros	572	2556	1797	931	5856	7,1	8,5	7,7	6,3	7,7
Registros Total	8064	30184	23243	14722	76213					
Registros Feminino	4146	16561	16456	8252	45415					

* % de encaminhamento sobre o Total Registros

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

As siglas utilizadas na tabela são:

- Vara: Vara da Infância / Juventude.
- DEAM: Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher.
- DPCA: Delegacia de Proteção da Criança e do Adolescente.
- CRM: Centro de Referência da Mulher.
- CREAS-CRAS: Centro de Referência Especializado de Assistência Social.
- IML: Instituto Médico Legal.

O maior volume de encaminhamentos registra-se rumo aos Conselhos Tutelares.

Pese ser o órgão que deveria atuar diante de situações de violência, máxime quando essa violência gerou a necessidade de consulta ao posto do SUS, só em 39,2% dos registros na faixa de <1 a 17 anos, o Conselho Tutelar foi acionado.

Delegacias específicas também têm um elevado nível de acionamento; somadas, teremos 23,9% de encaminhamentos.

Que nível de encaminhamento tem cada tipo de violência? A tabela 6.6.5 pretende dar essa resposta. A violência financeira apresenta o maior índice de encaminhamento (77,0%) e a física, o menor (52,9%).

Tab. 6.6.5. Taxa (%) de encaminhamento segundo tipo de violência. Brasil. 2014.

Tipo de Violência	Registrados	Encaminhados	% Encaminhamento
Financeira	344	265	77,0
Tortura	1.536	1.086	70,7
Sexual	19.702	13.132	66,7
Psicológica	14.915	9.620	64,5
Trabalho infantil	625	387	61,9
Negligência/Abandono	21.715	12.353	56,9
Física	34.647	18.335	52,9

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Uma outra tabulação possibilitou relacionar a reincidência e os níveis de encaminhamento.

- 64,2% das reincidências registradas tiveram algum tipo de encaminhamento.
- Já os não reincidentes, foram encaminhados 56,5%.

Se a notificação é maior entre os reincidentes, a diferença entre ambas, 7,7%, não parece suficiente para coibir os elevados níveis de violência sobre as crianças e adolescentes.

6.7. Lesões provocadas

Com a finalidade de verificar a gravidade da situação quando a criança ou o adolescente recorre ou é levado ao atendimento do SUS, foi processado um quesito que consta no formulário: a lesão provocada, considerando somente o diagnóstico principal.

Tab. 6.7.1. Lesão causada pela violência. Brasil. 2014.

Lesão Principal	Número	%
Contusão	8.137	10,7
Corte/perfuração/laceração	8.333	10,9
Entorse/luxação	1.248	1,6
Fratura	1.203	1,6
Amputação	63	0,1
Traumatismo dentário	95	0,1
Traumatismo crânio-encefálico	1.185	1,6
Politraumatismo	707	0,9
Intoxicação	3.992	5,2
Queimadura	1.309	1,7
Outros	6.378	8,4
Total Lesão	32.650	100,0

Fonte: Violência Letal. Crianças e Adolescentes do Brasil.

Contusões e cortes/perfurações/lacerações são as principais lesões evidenciadas nas consultas nesta área.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como esclarecido nos capítulos iniciais, o foco de nossa análise é a violência letal dirigida às crianças e aos adolescentes do País, segundo as definições etárias do ECA. Não era nossa intenção abordar todas as violências, nem sequer a maior parte delas, mas apenas um minúsculo fragmento desse enorme *iceberg*: as ações que, de forma intencional, provocam a morte dessas crianças e desses adolescentes, denunciadas e visíveis por meio da Declaração de Óbito, registrada no Sistema de Informações de Mortalidade do Ministério da Saúde.

Segundo o Censo de 2010, eram 35,6 milhões de crianças com menos de 12 anos de idade e 24,0 milhões de adolescentes entre 12 e 18 anos: 18,7% e 12,6%, respectivamente, do total de 190,8 milhões de habitantes que esse Censo contabilizou no País. Também tencionamos abordar, de forma específica, uma fase da adolescência que é hoje eixo das grandes controvérsias em torno das discussões sobre a maioria penal no Congresso Nacional: 3,4 milhões desses adolescentes tinham 16 ou 17 anos de idade, 1,8% da população do País, cada uma.

Já em nossas análises iniciais, verificamos um fato altamente preocupante: as *causas externas* de mortalidade de crianças e adolescentes vêm crescendo ao longo do tempo, na contramão das *causas naturais*, que caíram de forma contínua e acentuada nas três últimas décadas. Explicada pelos avanços na cobertura educacional e do sistema de saúde; do saneamento básico e da melhoria das condições de vida da população, dentre diversos outros fatores, a mortalidade por *causas naturais* evidenciou um drástico declínio: entre 1980 e 2013, as taxas caíram 78,5%. Mas as *causas externas* crescem 22,4%, fundamentalmente, pela escalada de um flagelo que se transformou, ao longo dos anos, na maior causa de letalidade de nossas crianças e adolescentes: a violência homicida - e numa magnitude, numa escala, que resulta total e absolutamente inadmissível, sem a menor justificativa.

Alguns dados básicos apresentados permitem dimensionar o fulcro da questão:

- Em 2013, foram registradas 75.893 mortes de crianças e adolescentes por qualquer causa, seja *natural*, como doenças infecciosas, parasitárias, etc.; seja *externa*, como uma queda acidental ou um acidente de trânsito. Desse total, 10.520 foram homicídios, o que equivale a 13,9% do total.
- A segunda causa, em ordem de importância, foram os acidentes de transporte, que ceifaram a vida de 5.262 dessas crianças e adolescentes: mais 6,9%.

- Nesse mesmo ano, a terceira causa que tirou mais vidas foram as doenças do aparelho respiratório, com 4.472 óbitos, e as doenças infecciosas ou parasitárias, que mataram 3.612 crianças e adolescentes.
- Segundo a mesma fonte do Ministério da Saúde, o Vírus da Imunodeficiência Humana, o terrível HIV, considerado pela OMS uma pandemia mundial, que originou grandes mobilizações, investimentos, campanhas, estratégias de prevenção, etc., em 2013, matou no Brasil 12.564 pessoas de todas as idades. Mas, na calada da noite, sem estratégias de prevenção, sem campanhas, sem mobilizações, sem grandes destaques nas políticas públicas, nem nas estratégias de prevenção, morreram assassinados 56.804 cidadãos: 3,2 vezes mais que as vítimas do HIV.
- Pior ainda, o número de crianças e adolescentes vítimas de homicídio, em 2013 (10.520), é muito próximo do número total, considerando todas as idades, de óbitos pelo HIV.
- Em 2013, um total de 4.592 jovens de 17 anos de idade morreram. Aqui, os homicídios foram 2.215, isto é, **praticamente a metade – 48,2% – das mortes dos jovens de 17 anos de idade, foi por homicídio.**
- Se, em 2013, a taxa nacional de homicídios de crianças e adolescentes foi de 16,3 por 100 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade, a distribuição geográfica das taxas e de sua evolução no tempo nos remete a situações marcadamente diferenciadas:
 - Alagoas, Espírito Santo e Ceará, com taxas acima de 30 por 100 mil crianças e adolescentes, mais que duplicam a média nacional, em oposição a estados como Santa Catarina ou São Paulo, com taxas em torno de 6 por 100 mil, 1/3 da média nacional.
 - Estados com crescimento esdrúxulo na década, como Rio Grande do Norte, cujas taxas crescem 580,4% ou Ceará, 444,1%, completamente divergentes de estados como São Paulo, com queda de 65,7%, ou Pernambuco, que registrou -26,7%.
 - A taxa nacional de homicídios em 2013, na faixa de 16 e 17 anos de idade, foi de 54,1 homicídios por 100 mil adolescentes, acima de três vezes a média das taxas na faixa de <1 a 19 anos de idade, e quase o dobro da taxa total nacional, que, em 2013, foi de 29 homicídios por 100 mil habitantes. Mas também neste caso a realidade geográfica do Brasil nos apresenta uma enorme diversidade de situações entre UFs, com extremos que vão de Alagoas, Espírito Santo e Ceará, com taxas que ultrapassam os 100 homicídios por 100 mil adolescentes (147,0; 140,6 e 108,0, respectivamente) até Santa Catarina e Tocantins, com

taxas de 17,3 e 13,8, respectivamente, isto é, entre os extremos de Alagoas e Tocantins, as taxas são 10,7 vezes maiores.

Se o assassinato de qualquer ser humano, seja criança, adolescente, jovem, adulto ou idoso já é inaceitável, que qualificativo merecem muitas de nossas taxas de homicídio que superam, de longe, o que é considerado nível epidêmico; que superam, também de longe, o que é considerado pela OMS uma pandemia mundial?

A posição do Brasil no contexto internacional também é um bom indicador da gravidade do problema. Suas taxas de homicídio nas faixas de 10 a 14 anos e de 15 a 19 anos de idade, além do conjunto de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade, levam o País a ocupar a 3ª posição entre os 85 países do mundo analisados, contrastando dramaticamente com Nações que não registram nenhum homicídio na faixa de 15 a 19 anos de idade, como Dinamarca, Escócia, Eslovênia, Suíça e outros. Nossa taxa, de 54,9 por 100 mil jovens de 15 a 19 anos de idade, resulta 275 vezes maior do que a de países como Áustria, Japão, Reino Unido ou Bélgica, que ostentam índices de 0,2 homicídios por 100 mil, ou 183 vezes maior que as taxas da Coreia, da Alemanha ou do Egito.

Além das magnitudes, preocupa mais ainda observar a tendência sempre crescente e com poucas interrupções, desde 1980, tanto nos números quanto nas taxas de homicídios de nossas crianças e adolescentes. Essa tendência crescente é incentivada e enfatizada pela tolerância, aceitação e *naturalização* da violência, tanto por parte da opinião pública, quanto das instituições encarregadas de enfrentar esse flagelo.

Como opera esse esquema de “naturalização” e aceitação social da violência? São diversos os mecanismos, mas fundamentalmente:

1. Pela culpabilização das vítimas, como mecanismo justificador das violências dirigidas, principalmente, a setores subalternos ou particularmente vulneráveis, que, pelas leis vigentes, deveriam ser objeto de proteção específica, como mulheres, crianças e adolescentes e idosos. Os mecanismos dessa culpabilização são variados: a mulher estuprada foi quem provocou ou ela se vestia como uma “vadia”; o adolescente facilmente é apontado como marginal, delinquente, drogado. Há uma cultura de aplicação de castigos físicos ou punições morais, com função “disciplinadora”, por parte das famílias ou instituições, dentre outras formas de naturalização. A própria existência de leis ou mecanismos específicos de proteção, como o ECA, o Estatuto do idoso, a Lei Maria da Penha, bem como

as ações afirmativas, entre outras iniciativas, indicam claramente as desigualdades e a vulnerabilidade existentes. Se todos fôssemos tão iguais perante a lei e perante a sociedade, não seriam necessárias leis específicas e protetivas para determinados grupos ou categorias;

2. Dessa forma, uma determinada dose de violência, que varia de acordo com a época, o grupo social e o local, torna-se aceita e é até vista como necessária, inclusive por aquelas pessoas e instituições que teriam a obrigação e a responsabilidade de proteger essas vítimas.

Qual é o perfil dessas vítimas de homicídio?

- 88,9 das crianças e adolescentes vítimas de homicídio em 2013 pertenciam ao sexo masculino, seguindo a tendência de elevada masculinidade observada nos diversos estudos existentes. Um extremo, nesse aspecto, foi o Amapá, onde 94,4% das vítimas eram do sexo masculino. No outro extremo está Roraima, com 54,3% de predominância masculina.
- Já na faixa de 16 e 17 anos, essa predominância masculina é maior ainda: 93,0%.
- Em 2013, a taxa de homicídios de crianças e adolescentes brancos foi de 4,7 por 100 mil e a de negros, 13,1 por 100 mil. O índice de vitimização negra foi de **178,0%**, isto é, proporcionalmente ao tamanho das respectivas populações, morreram 178,0% mais negros que brancos.
- Nas idades de 16 e 17 anos, a taxa foi de 24,2 em 100 mil entre os adolescentes brancos; a taxa equivalente de negros foi de 66,3 por 100 mil. A vitimização negra foi de 173,6%, isto é, morrem, proporcionalmente ao tamanho das respectivas populações, 2,7 vezes mais adolescentes negros que brancos;
- Distrito Federal, Paraíba e Sergipe são os estados do País com maiores índices de vitimização de crianças e adolescentes negros (934,4%; 659,1% e 648,3%, respectivamente).
- Quando desagregamos os dados de vitimização para os adolescentes de 16 e 17 anos, a situação é mais dramática e extrema, como em Sergipe, onde, em 2013, morre 1 adolescente branco e 63 negros, com uma taxa de vitimização de 1.926,3% (morrem, proporcionalmente, mais de 20 adolescentes negros por cada branco), ou em Alagoas, onde morrem 7 brancos e 176 negros: vitimização de 805% (9 negros por cada branco).
- O preocupante e inaceitável é que essa seletividade homicida contra os adolescentes negros, refletida nos índices de vitimização, vem crescendo drasticamente ao longo dos 10 anos analisados. Em 2003, a vitimização de crianças e adolescentes negros foi de 65,1%; em 2013, de 178,0%. O crescimento da vitimização no período foi de 173,5% mais negros do que brancos, quando comparado ao ano de 2003.

- Além dessa concentração nos adolescentes negros, também existe uma elevada concentração de vítimas jovens com escolaridade bem inferior, em relação ao conjunto da população dessa faixa etária.

Se a violência homicida constitui a letalidade mais visível, não é só ela que existe. Também o suicídio teve incrementos preocupantes. O Brasil não se caracteriza historicamente pelas suas elevadas taxas, quando comparado a alguns países asiáticos ou europeus, mas a taxa de suicídios na faixa de <1 a 19 anos de idade passou de 0,8 para 1,2 por 100 mil crianças e adolescentes, (crescimento de 49,4%), entre 1980 e 2013. Para a faixa de 16 e 17 anos de idade, o nível de suicídios passa a ser inquietante: 4,1 em 100 mil adolescentes no ano de 2013, quando, em 1980 a taxa era de 2,8, o que representa um aumento de 45,5%. Sobre suicídios, ainda devem ser observados alguns fatores:

- Elevada heterogeneidade entre os estados: há UFs nas quais o suicídio adolescente é praticamente inexistente, como no Rio de Janeiro (taxa de 0,3 por 100 mil crianças e adolescentes) ou Espírito Santo (taxa de 0,4) e, no outro extremo, temos o Amazonas, com taxa de 4,0, e Mato Grosso do Sul, que registra 5,2 por 100 mil.
- Essas elevadas taxas no Amazonas e Mato Grosso do Sul são explicadas por uma real pandemia de suicídios de jovens indígenas nos municípios de Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Santa Isabel do Rio Negro, Santo Antônio do Içá, São Gabriel da Cachoeira, São Paulo de Olivença e Tabatinga, no estado do Amazonas; e Amambai, Bela Vista, Caarapó, Coronel Sapucaia, Dourados, Japorã, Paranhos, Ponta Porã e Tacuru, no Mato Grosso do Sul.

Esmiuçando a evolução histórica das *causas externas* de mortalidade de crianças e adolescentes entre 1980 e 2013, verificamos que as taxas de acidentes de transporte permanecem relativamente estáveis nos extremos da série histórica: 8,1 por 100 mil, em 1980 e também em 2013, mas apresenta fortes oscilações ao longo do período.

- Entre 1980 e 1996, as taxas crescem de 8,1 para 10,3 por 100 mil crianças e adolescentes, um crescimento de 27%.
- Com os rigores do Estatuto do Trânsito, sancionado em 1997, as taxas caem até o ano 2000, que registrou 7,6 por 100 mil, uma queda de 26%.
- Essas taxas retomam, contudo, o impulso crescente logo a seguir, para chegar, em 2013, novamente a 8,1%, um crescimento de 6,6%.
- Já para os adolescentes de 16 e 17 anos de idade, a situação é bem mais complexa: as mortes em acidentes de transporte passam de 11,9

por 100 mil, em 1980, para 16,4, em 2013, um aumento de 38,3% nos 33 anos estudados. Se lembrarmos que a taxa da faixa entre <1 e 19 anos permaneceu quase constante, verificamos que foi essa faixa que puxou o aumento do conjunto das crianças e adolescentes. Isso aconteceu, fundamentalmente, pela explosiva expansão, a partir de 1996, da letalidade em acidentes de motocicletas, de escassa ou nula incidência nas idades mais novas. Efetivamente, nos 16 e 17 anos de idade, a mortalidade nos acidentes de transporte em 2013 se estruturou da seguinte forma:

- Ciclista: 46 (4,0%).
- Motociclista: 468 (41,2%).
- Ocupante de automóvel: 239 (21,0%).
- Pedestre: 115 (10,1%).
- Outros: 268 (23,6%).
- Total: 1.136 (100,0%).

Vemos que, isoladamente, a morte de motociclistas representou 41,2% do total de mortes de adolescentes de 16 e 17 anos no trânsito, bem distante da segunda causa, acidentes de automóvel, que representou 21,0%. Cabe aqui uma boa pergunta: Por que incluir os acidentes de trânsito entre as violências letais que, apesar de ceifar milhares de vidas em nossa cotidiana convivência e constituir a segunda causa de mortalidade específica de nossas crianças e adolescentes, não deixam de ser fatos tidos como “acidentais”? Não é um contrassenso sua inclusão no quadro das violências evitáveis? Apresentadas como fatos casuais, acaso, obra do destino, preço do progresso, etc., constrói-se uma imagem de fatalidade em torno do problema, que parece fugir do controle, da alçada e da responsabilidade das instituições humanas, já com base em sua própria designação: “*acidente*”. Mas devemos nos perguntar o quanto de acidental têm os acidentes de trânsito.

Normalmente, entende-se por acidente aquilo que é casual, fortuito, imprevisto, não planejado, um evento não intencional que produz danos e/ou ferimentos. Quando esse imprevisto origina um dano grave nas pessoas ou leva à sua morte, converte-se em fatalidade, obra do destino, produto do acaso.

Obviamente, ninguém planeja sair à rua e se acidentar, bater o carro ou ser atropelado por um ônibus. Assim, no microcosmo individual, um acidente se apresenta como um fato fortuito - fortuito, sim, mas nem tão casual quanto possa parecer à primeira vista.

- Sabemos que existem ruas, áreas, estradas, municípios ou países com elevada e constante incidência de acidentes de trânsito durante longos

períodos de tempo, com intensidade bem superior ao que pode ser considerado normal. Estradas da morte, que atravessam municípios, áreas com sinalização deficiente, problemas na manutenção dos veículos ou das vias de trânsito, na educação viária da população, na fiscalização, na legislação, etc., são algumas das possíveis causas dessas elevadas taxas em locais ou situações específicas, que tornam bem maior a probabilidade individual de ser vítima de acidente;

- Mais ainda: para que um acidente vire fatalidade, existe um largo conjunto de circunstâncias pouco fortuitas, produto de determinantes e condições institucionais perfeitamente identificáveis, como demora no socorro dos acidentados, carências de leitos ou de disponibilidade hospitalar para a internação e tratamento dos lesados, deficiência no acompanhamento pós-trauma, etc.

O ordenamento legal brasileiro vai além. Segundo o Código de Trânsito Brasileiro, lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997, desde seu Capítulo I: Disposições Preliminares, já estabelece:

§ 2º O trânsito, em condições seguras, é um direito de todos e dever dos órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito, a estes cabendo, no âmbito das respectivas competências, adotar as medidas destinadas a assegurar esse direito.

§ 3º Os órgãos e entidades componentes do Sistema Nacional de Trânsito respondem, no âmbito das respectivas competências, objetivamente, por danos causados aos cidadãos em virtude de ação, omissão ou erro na execução e manutenção de programas, projetos e serviços que garantam o exercício do direito do trânsito seguro.

§ 5º Os órgãos e entidades de trânsito pertencentes ao Sistema Nacional de Trânsito darão prioridade em suas ações à defesa da vida, nela incluída a preservação da saúde e do meio-ambiente.

E quando define, no Capítulo II, o Sistema Nacional de Trânsito, estabelece:

Art. 5º O Sistema Nacional de Trânsito é o conjunto de órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios que tem por finalidade o exercício das atividades de planejamento, administração, normatização, pesquisa, registro e licenciamento de veículos, formação, habilitação e reciclagem de condutores, educação, engenharia, operação do sistema viário, policiamento, fiscalização, julgamento de infrações e de recursos e aplicação de penalidades. (Sublinhados nossos).

Se assim fica estabelecido na letra da lei, na prática cotidiana vai se consolidando a tendência inversa, a de responsabilizar, de forma quase exclusiva, os usuários das vias públicas, num claro processo de inversão das responsabilidades que a lei estabelece. São indicadores dessa inversão:

- Prevalência nas pesquisas institucionais dos diversos aspectos centrados nos usuários: alcoolemia ou cansaço na condução, deficiências no uso de equipamentos de segurança – cinto de segurança, capacete - desrespeito às normas do trânsito, velocidade excessiva, cansaço, condução perigosa, etc.
- Sumiço quase absoluto de estatísticas sobre acidentes de trânsito, principalmente nos respectivos sites na Internet dos organismos responsáveis pela sua coleta e divulgação (leia-se Denatran, Polícia Rodoviária Federal, etc.).

Num dos primeiros estudos que publicamos sobre as juventudes no Brasil, em 1998, isto é, há 17 anos, destacávamos: *A realidade dos dados expostos coloca em evidência mais um de nossos esquecimentos. Jovens só aparecem na consciência e na cena pública quando a crônica jornalística os tira do esquecimento para nos mostrar um delinquente, ou infrator, ou criminoso; seu envolvimento com o tráfico de drogas e armas, as brigas das torcidas organizadas ou nos bailes da periferia. Do esquecimento e da omissão passa-se, de forma fácil, à condenação, e daí medeia só um pequeno passo para a repressão e punição*¹².

Hoje, 17 anos depois, vemos com enorme preocupação que os mesmos argumentos são esgrimidos na tentativa de fundamentar a diminuição da maioridade penal, alavancados pela fúria de certa mídia sensacionalista e pela enorme inquietação da população diante de uma realidade cotidiana cada dia mais complicada e violenta. Esquece-se, de forma muito conveniente, que não foram os adolescentes que construíram esse mundo de violências e corrupção. Esse está sendo nosso legado. Será que devem ser eles a pagar a conta?

¹² WASELFISZ, J.J. **Mapa da Violência**: Os Jovens do Brasil. Brasília: UNESCO/Instituto Ayrton Senna: 1998.

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

CAPÍTULO 1

- Tabela 1.1. Número e taxas (por 100 mil) de mortalidade por causas indeterminadas. Brasil. 2013.

CAPÍTULO 2

- Tabela 2.1. Evolução dos óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) segundo causa. Brasil. 1980/2013.
- Tabela 2.2. Evolução das taxas de óbito (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) segundo causa. Brasil. 1980/2013.
- Tabela 2.3. Evolução da participação (%) das causas de óbito no total de óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos). Brasil. 1980/2013.
- Gráfico 2.1. Evolução das taxas de mortalidade (por 100 mil) de crianças e adolescentes. Brasil. 1980/2013.
- Gráfico 2.2. Evolução das taxas de mortalidade (por 100 mil) por causas externas de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos. Brasil. 1980/2013.
- Gráfico 2.3. Evolução da participação (%) da mortalidade por causas externas no total da mortalidade <1 a 19 anos de idade. 1980-2013.
- Tabela 2.4. Número, taxas (por 100 mil) e participação (%) na mortalidade de adolescentes de 16 e 17 anos segundo causa. Brasil. 1980/2013.

CAPÍTULO 3

- Tabela 3.1.1. Evolução das taxas de óbito (por 100 mil) em acidentes de transporte de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por idades simples. Brasil. 1980-2013.
- Gráfico 3.1.1. Taxas de óbito em acidentes de transporte de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos por idades simples. Brasil. 1980/2013.
- Tabela 3.1.2. Número, % e taxas (por 100 mil) de óbitos por acidentes de transporte de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) segundo situação no trânsito e faixa etária da vítima. Brasil. 2013.
- Gráfico 3.1.2. Evolução dos óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas três principais categorias de acidentes de transporte. Brasil. 1996/2013.
- Tabela 3.2.1. Óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte segundo UF/região. Brasil. 2003/2013.

- Tabela 3.2.2. Taxas (por 100 mil) de óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte segundo UF/região. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 3.2.1. Taxas de óbito de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte. Brasil. 2013.
- Tabela 3.2.3. Ordenamento das UFs por taxas de óbito de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte. Brasil. 2003-2013.
- Gráfico 3.2.2. Crescimento % das taxas de óbito (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 3.3.1. Número de óbitos de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte nas capitais. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 3.3.2. Taxas de óbito (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por acidentes de transporte nas capitais. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 3.3.1. Taxas de óbito por acidentes de transporte de crianças e adolescentes <1 a 19 anos nas UFs e nas Capitais. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 3.3.2. Ordenamento das taxas de óbito de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) em acidentes de transporte nas Capitais. Brasil. 2013.
- Gráfico 3.3.3. Ordenamento do crescimento (%) das taxas de óbito de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) em acidentes de transporte nas Capitais. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 3.4.1. Ordenamento dos 100 municípios com + de 10 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos, com as maiores taxas (em 100 mil) de mortalidade em acidentes de transporte. Brasil.
- Tabela 3.5.1. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças de <1 ano de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.
- Tabela 3.5.2. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças de 1 a 4 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.
- Tabela 3.5.3. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças de 5 a 9 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.
- Tabela 3.5.4. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.
- Tabela 3.5.5. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de adolescentes de 15 a 19 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.
- Tabela 3.5.6. Taxas de óbito (em 100 mil) por acidentes de transporte de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. 88 países do mundo. Último ano disponível.

CAPÍTULO 4

- Tabela 4.1. Evolução das taxas de suicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes por idade simples de 9 a 19 anos. Brasil. 2003-2013.
- Gráfico 4.1. Comparação das taxas de suicídio de crianças e adolescentes por idades simples. Brasil. 2003-2013.
- Tabela 4.2.1. Número de suicídios de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por UF/região. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 4.2.2. Taxas de suicídio (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) por UF/região. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 4.2.1. Ordenamento das UFs segundo taxas de suicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. Brasil. 2013.
- Gráfico 4.2.2. Ordenamento das UF segundo crescimento (%) taxas de suicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 4.3.1. Ordenamento das taxas de suicídio de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas Capitais. Brasil. 2013.
- Tabela 4.3.1. Número de suicídios de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 4.3.2. Taxas de suicídio (em 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 4.3.2. Ordenamento do crescimento (%) das taxas de suicídio de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas Capitais. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 4.4.1. Ordenamento dos 100 municípios com + de 10 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos, com as maiores taxas médias de suicídio (por 100 mil). Brasil. 2009/2013.
- Tabela 4.4.2. Número e participação dos suicídios indígenas e de adolescentes indígenas (10 a 19 anos) no total de suicídios. Municípios e UFs selecionadas. Brasil. Soma 2009 a 2013.
- Tabela 4.5.1. Taxas de suicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos de idade em 90 Países do Mundo. Último ano disponível.
- Tabela 4.5.2. Taxas de suicídio (por 100 mil) de adolescentes de 15 a 19 anos de idade em 90 Países do Mundo. Último ano disponível.
- Tabela 4.5.3. Taxas de suicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de 10 a 19 anos de idade em 90 Países do Mundo. Último ano disponível.

CAPÍTULO 5

- Tabela 5.1.1. Mortalidade de crianças e adolescentes segundo causa e idades simples. Brasil. 2013.
- Tabela 5.1.2. Participação % das diversas causas de mortalidade de crianças e adolescentes por idades simples. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.1.1. Participação % das causas de mortalidade de crianças e adolescentes por idades simples 1. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.1.2. Participação % das causas de mortalidade de crianças e adolescentes por idades simples 2. Brasil. 2013.
- Tabela 5.1.3. Taxas (por 100 mil) de mortalidade de crianças e adolescentes segundo causa e idades simples. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.1.3. Participação % segundo causa de mortalidade de crianças e adolescentes por idades simples 3. Brasil. 2013.
- Tabela 5.2.1. Número de homicídios de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos de idade) por UF e Região. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 5.2.1. Evolução das taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos). Brasil. 2000-2013.
- Tabela 5.2.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos de idade) por UF e Região. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 5.2.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos por UF. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.2.3. Crescimento % 2003/13 das taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos por UF. Brasil.
- Gráfico 5.2.4. Crescimento % 2012/13 das taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos por UF. Brasil.
- Tabela 5.2.3. Ordenamento das UFs por taxas de homicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. Brasil. 2003-2013.
- Tabela 5.2.4. Número de homicídios de adolescentes (16 e 17 anos de idade) por UF e Região. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 5.2.5. Taxas de homicídios por 100 mil adolescentes de 16 e 17 anos por UF e Região. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 5.2.6. Ordenamento das UFs por taxas de homicídio de adolescentes de 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2003-2013.
- Gráfico 5.2.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos por UF. Brasil. 2013.

- Gráfico 5.2.6. Crescimento % 2003/13 das taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos por UF. Brasil.
- Gráfico 5.2.7. Crescimento % 2012/13 das taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos por UF. Brasil.
- Tabela 5.3.1. Homicídios de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 5.3.2 Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes (<1 a 19 anos) nas capitais. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 5.3.3. Ordenamento das capitais por taxas de homicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade. Brasil. 2003-2013.
- Gráfico 5.3.1. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos nas Capitais. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.3.2. Crescimento % das taxas de homicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos nas Capitais. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 5.3.3. Crescimento % das taxas de homicídio de crianças e adolescentes de <1 a 19 anos nas Capitais. Brasil. 2012/2013.
- Tabela 5.3.4. Homicídios de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 5.3.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil. 2003/2013.
- Tabela 5.3.6. Ordenamento das taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes (16 e 17 anos) nas Capitais. Brasil. 2003-2013.
- Gráfico 5.3.4. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 16 e 17 anos nas Capitais. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.3.5. Crescimento % das taxas de homicídio de adolescentes de 16 e 17 anos nas Capitais. Brasil. 2003/2013.
- Gráfico 5.3.6. Crescimento % das taxas de homicídio de adolescentes de 16 e 17 anos nas Capitais. Brasil. 2012/2013.
- Tabela 5.4.1. Ordenamento dos 100 municípios com as maiores taxas médias de homicídio por 100 mil crianças e adolescentes de <1 a 19 anos de idade dos 415 municípios com mais de 25.000 crianças e adolescentes nessa faixa. Brasil. 2009/2013.
- Tabela 5.5.1. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças de <1 ano de idade. 85 Países.
- Tabela 5.5.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças de 1 a 4 anos de idade. 85 Países.

- Tabela 5.5.3. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças de 5 a 9 anos de idade. 85 Países
- Tabela 5.5.4. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de 10 a 14 anos de idade. 85 Países.
- Tabela 5.5.5. Taxas de homicídio (por 100 mil) de adolescentes de 15 a 19 anos de idade. 85 Países.
- Tabela 5.5.6. Taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças de <1 a 19 anos de idade. 85 Países.
- Tabela 5.6.1.1. Número de homicídios segundo meio utilizado e idades simples de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos de idade. Brasil. 2013.
- Tabela 5.6.1.2. Participação (%) dos meios utilizados nos homicídios de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos por idades simples. Brasil. 2013.
- Tabela 5.6.1.3. Número de homicídios de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos segundo meio utilizado e UF/região. Brasil. 2013.
- Tabela 5.6.1.4. Participação (%) dos meios utilizados nos homicídios de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos segundo UF/região. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.6.1.1. Ordenamento das UF segundo participação % de armas de fogo nos homicídios de <1 a 17 anos de idade. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.6.1.2. Ordenamento das UF segundo participação % de cortantes/penet. nos homicídios de <1 a 17 anos de idade. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.6.2.1. Sexo (%) das vítimas de homicídio na faixa de <1 a 17 anos. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.6.2.2. Sexo (%) das vítimas de homicídio na faixa de 16 e 17 anos por UF. Brasil. 2013.
- Tabela 5.7.1. Homicídios por faixas etárias, UF/região e cor das crianças e adolescentes de <1 a 17 anos e 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2013.
- Tabela 5.7.2. Taxas de homicídio (por 100 mil) segundo faixas etárias, UF/região e cor das crianças e adolescentes de <1 a 17 anos e de 16 e 17 anos de idade. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.7.1. Taxas de homicídio de crianças e adolescentes brancos de <1 a 17 anos de idade por UF. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.7.2. Taxas de homicídio de crianças e adolescentes negros de <1 a 17 anos de idade por UF. Brasil. 2013.
- Gráfico 5.7.3. Índice de vitimização de crianças e adolescentes negros de <1 a 17 anos de idade por UF. Brasil. 2013.
- Tabela 5.7.3. Números e taxas de homicídio (por 100 mil) de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos por idades simples. Brasil, 2003 e 2013.

CAPÍTULO 6

- Tabela 6.2.1. Número de atendimento de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos por violências segundo UF/região. Brasil. 2014.
- Tabela 6.2.2. Estrutura % de atendimento de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos por violências segundo UF/região e tipo de violência. Brasil. 2014.
- Gráfico 6.2.1. Participação % da violência física no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.
- Gráfico 6.2.2. Participação % da violência sexual no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.
- Gráfico 6.2.3. Participação % da violência psicológica no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.
- Gráfico 6.2.4. Participação % da negligência/abandono no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.
- Gráfico 6.2.5. Participação % da tortura no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.
- Gráfico 6.2.6. Participação % da violência financeira no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.
- Gráfico 6.2.7. Participação % do trabalho infantil no total de atendimentos por UF. Brasil. 2014.
- Tabela 6.3.1. Número e participação % de atendimentos pelo SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e tipo de violência. Brasil. 2014.
- Tabela 6.3.2. Número e participação % dos atendimentos pelo SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo idades simples e tipo de violência. Brasil. 2014.
- Gráfico 6.3.1. Participação % dos atendimentos pelo SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo idade e tipo de violência. Brasil. 2014.
- Tabela 6.4.1. Número e participação % de atendimentos do SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e local de ocorrência. Brasil. 2014.
- Tabela 6.4.2. Número e participação % de atendimentos do SUS por violências de crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo idades simples e local de ocorrência. Brasil. 2014.

- Tabela 6.5.1. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violências em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e agressor. Brasil. 2014.
- Tabela 6.5.2. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violência física em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e agressor. Brasil. 2014.
- Tabela 6.5.3. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violência sexual em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e agressor. Brasil. 2014.
- Tabela 6.5.4. Comparação da estrutura % dos tipos de agressão na faixa de <1 a 17 anos. Brasil. 2014.
- Tabela 6.6.1. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violências em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e reincidência. Brasil. 2014.
- Tabela 6.6.2. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violências físicas em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e reincidência. Brasil. 2014.
- Tabela 6.6.3. Número e estrutura % dos atendimentos do SUS por violências sexuais em crianças e adolescentes de <1 a 17 anos, segundo faixa etária e reincidência. Brasil. 2014.
- Tabela 6.6.4. Número e % encaminhamentos do total de atendimentos do SUS por violências em crianças e adolescentes segundo faixa etária e órgão de encaminhamento. Brasil. 2014.
- Tabela 6.6.5. Taxa (%) de encaminhamento segundo tipo de violência. Brasil. 2014.
- Tabela 6.7.1. Lesão causada pela violência. Brasil. 2014.



FLACSO
BRASIL

www.flacso.org.br

Secretaria de
Direitos Humanos

